SERÕES
COMPRA
ABR. 1940

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA — Livreiros-Editores

Rua do Ouro, 132 a 138 -- LISBOA

Manual de Arboricultura

Tratado theorico e pratico da cultura das arvores fructiferas

POR

ALEXANDRE DE SOUSA FIGUEIREDO

Agronomo, Inspector de Agricultura, Antigo Director da Escola Agricola de Earo,
Socio da Sociedade das Sciencias Agronomicas, da Real Associação Central da Agricultura e proprietario agricultor

1 vol. illustrado, broch... ..... 1$000 rs.
" " encad..... 1$200 "

D. JOÃO DE CASTRO

JORNADAS NO MINHO

Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes

1 vol. in-8.º com perto de 400 pag. { Brochado..... 600 réis
Cartonado..... 700 "

Acacio Guimarães e Antonio Cassiano Neves

MANUAL DO MEDICO SANITARIO

Adoptação portugueza do "PRONTUARIO DELL'IGIENISTA" de E. Von Esmark e Francesco Abba

1 vol. in-8.º com perto de 400 pag. enc. flexivel 1$000 réis

ACABA DE PUBLICAR-SE:

A VIDA SEXUAL

2.ª parte: PATHOLOGIA

PELO DOUTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina da Universidade de Coimbra

2.ª Edição 1 vol. in-8.º, br..... 1$000 rs.
" " encad ..... 1$250 "

Pelo correio franco de porte

R. DELGADO

PRIMEIRAS LIÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

PARA USO DAS **Escolas, Collegios e Asylos**

1 vol. com 80 pag. impresso em bom papel e illustrado—Broch. 300 rs.—Cart. 400 rs.

A' venda em todas as livrarias

"O QUE DEVEMOS SABER"

Volumes in-12

cuidadosamente impressos em bom papel, profusamente illustrados e encadernados em panno com ferros especiaes

CADA VOLUME 300 RÉIS

POR ASSIGNATURA (pagamento adeantado)

Serie de 5 volumes..... ***1.400 rs.***
" " 10 "..... ***2.700 "***

Já publicados — G. Chambers — HISTORIA DOS ELIPSES — Edward Clodd — HOMEM PRIMITIVO
Pedro Dória Nazareth — PRIMEIROS SOCCORROS A DOENTES

Para fazer a assignatura basta escrever-nos a dizer o nome e a morada com indicação do numero de volumes

Summario

MAGAZINE

PAG.

CONTENTAMENTO
Quadro de PESKE ..... FRONTISPICIO

CAIXAS DE RAPÉ
(30 illustrações) por JOÃO BARREIRA 263

A EVOLUÇÃO POLITICA DO BRAZIL
(Retrato do autor e 1 vinheta) pelo DR. LAURO SODRÉ 270

EM CASCAES — O PRINCIPE REAL INDO PARA O BANHO
(Illustração) 278

GUERRAS COLONIAES — AS OPERAÇÕES MILITARES NO SUL DE ANGOLA EM 1905
(9 illustrações e 1 vinheta) por EDUARDO AUGUSTO MARQUES 279

A BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO
(11 illustrações) por J. PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO) 291

A ESTATUA DE DUMAS (FILHO)
(4 illustrações e 1 vinheta) por JUSTINO DE MONTALVÃO 301

BENITA, Romance Africano
(3 illustrações) por H. RIDER HAGGARD 309

SEIOS — POESIA
Por ACCACIO ANTUNES 320

GRAPHOLOGIA — ESTUDO DO CARACTER PELA ESCRIPTA
(23 fac similes) por CRUZ ANDRADE 321

ANTIGUIDADES ROMANAS
(1 illustração) por A. F. BARATA 333

OS SERÕES DOS BÉBÉS — O ESCRAVO E O LEÃO
(3 illustrações) 334

ACTUALIDADES
(18 illustrações) 338

OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS ..... pag. 57
CALÇADO MODERNO ..... » 59
OS NOSSOS FIGURINOS ..... » 61
CHAPEUS DE OUTONO ..... » 63
A NOSSA FOLHA DE MOLDES ..... » 64
O VEU ..... pag. 65
CHAPEUS DE CREANÇA ..... » 65
LAVORES FEMININOS ..... » 66
CONSULTORIO DE LUIZA ..... » 69
NOTAS DA DONA DE CASA ..... » 71

A MUSICA DOS SERÕES

ALDA
Por NINGUEM ..... 3 paginas

SANTOS REIS

Medico-cirurgião

Affecções pulmonares, partos e clinica geral

Consultas das 2 ás 5 da tarde e das 7 ás 9 da noite

Chamadas a qualquer hora, dia ou noite

RUA AUGUSTA, 166, 1.º

Correspondencia dos SERÕES

GUERRAS COLONIAES

Sob este titulo generico encetámos no numero ultimo uma serie de brilhantes artigos do nosso insigne collaborador sr. Eduardo de Noronha, relativos á expedição contra o Gungunhana, uma das mais gloriosas campanhas coloniaes de que pode orgulhar-se a historia militar portugueza.

Não se surprehendam os leitores se, sob o mesmo titulo generico, começamos desde já uma nova serie, interrompendo a encetada por aquelle illustre escriptor, conhecedor como poucos dos assumptos militares do Ultramar. Foi o proprio sr. Eduardo de Noronha que amavelmente concordou na immediata publicação d'esta outra narrativa, de palpitante actualidade, pois que se refere á campanha effectuada o anno passado ao Sul de Angola, sob os auspicios do então governador geral, conselheiro Ramada Curto, contra as tribus revoltadas d'aquella região, já assignalada pelo tragico desastre do Cunene.

Esta narrativa, devida á penna de uma testemunha presencial, o capitão de estado maior sr. Eduardo Augusto Marques, que tomou parte activa e brilhante na campanha, profusamente illustrada com photographias e desenhos, reveste um caracter de authenticidade official, sem perder o emocionante interesse que despertam as aventuras de guerra sertaneja. A primeira campanha contra os cuanhamas teve recentemente o seu epilogo na absolvição dada em conselho de guerra aos officiaes a quem se attribuiam as responsabilidades do medonho desastre. A presente narrativa representa a esplendida desforra tomada pelas armas portuguezas contra os indigenas que lhes infligiram occasionalmente uma derrota, que o tribunal militar limpou de toda a nodoa.

Foram estas considerações que nos levaram a interromper a serie de episodios com que o sr. Eduardo de Noronha quiz honrar os *Serões*, sendo este nosso amigo o primeiro a aconselhar-nos a interrupção. Não perdem com isso os nossos leitores, que, finda a magnifica narrativa do sr. Eduardo Marques, continuarão a ver admiravelmente preenchida por aquelles episodios a secção *Guerras coloniaes*, que já agora, em vista do interesse que desperta, procuraremos conservar nos *Serões* com caracter de permanencia.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Continuamos a receber varias solicitações para a publicação de artigos que obsequiosamente nos são enviados.

Não podemos responder senão o mesmo que repetidas vezes temos declarado n'este mesmo logar: isto é, que a ordem de publicação dos artigos tem de ser subordinada a circumstancias muito complexas, das quaes nem sempre pode assumir o logar predominante a ordem chronologica da sua recepção. A variedade dos assumptos tocados em cada numero, o seu grau de opportunidade, tudo isto são condições a que nos vemos forçados a attender e que não raro nos obrigam a preterir, muito contra os nossos desejos, alguns dos nossos estimaveis collaboradores espontaneos. Da demora forçada lhes pedimos novamente desculpa.

RETRATOS E BIOGRAPHIAS

Insiste um nosso amavel correspondente do Rio de Janeiro sobre a conveniencia de abrirmos todos os numeros com um retrato e respectiva biographia dos homens illustres de Portugal, nas sciencias, nas lettras, nas artes. Agradecendo cordealmente as observações, que denotam um lisonjeiro apreço pela nossa revista, assim como as phrases encomiasticas que as acompanham, insistimos em dizer que em parte tem sido cumprido o desejo do nosso estimado correspondente.

E, se não o fazemos de todo, é porque as exigencias de variedade, excellente collaboração e opportunidade a isso se oppõem.

Podemos annunciar-lhe em todo o caso que temos já em nosso poder e encommendados alguns artigos n'esse sentido, não só com respeito a portuguezes illustres, mas tambem a brazileiros illustres, pois que persistimos em considerar esse bello paiz da America do Sul como um prolongamento da patria portugueza.

Agradecemos ainda ao mesmo correspondente a honra que nos confere da sua collaboração, e em breve lhe demonstraremos o justo apreço em que a temos.

A NACIONAL Companhia Portugueza de Seguros sobre a vida humana

CAPITAL 200:000$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as cathegorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde **20** réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de paizagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumidas n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso, a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia : .....

Local em que foi tirada : .....

Nome e endereço da photographia : .....

.....

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : .....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lim.ª, Rua Aurea, 132 a 138
No verso do enveloppe a indicação: Terceiro concurso photographico.

PASTA DENTIFRICA

HYGIENICA

Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
RUA DA PRATA, 115 e 117
Unica que branqueia os dentes, desinfecta a bocca e fortifica as gengivas
Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de Minas Geraes

BRAZIL

Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes especialidade d'esta casa

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro	20$000	Registro	5$000
Rio de Janeiro e Estados	18$000	»	3$000
Centro Commercial	15$000		

Numero avulso: Capital 1$500. Estados 1$700. Numero atrazado 3$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6$000
» com registro	8$000
Numero avulso	$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3$000 para o interior e Rs. 5$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. $500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Rènascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22$000 o volume, e Rs. 40$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70 % em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos, hydraulicos electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brazil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n° 7, S. PAULO
Rua dos Andradas n.os 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164
Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRAZIL DAS SEGUINTES FIRMAS:

General Electric Co. Apparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagons.

The Chloride Electrical Stdrage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Brill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica.

Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gazolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co, Mobilia de escriptorio.

Worthington Punping Engine Co. Bombas a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressão.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos.

Obtem-se MAIS GRAÇA,
MAIS BELLEZA,
bebendo sómente
"SALUTARIS"
Depositarios:
ZENHA, RAMOS & Cia
RIO DE JANEIRO.

Poock
Poock
Casa Clausen
Rio de Janeiro
P. Marinho
Moraes

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

O Commentario

DESDE **1903** publica-se no Rio de Janeiro uma interessante e curiosissima **Revista,** original e util aos contemporaneos e aos futuros perscrutadores da historia da cidade.

E' espelho fiel de tudo que occorre na capital brazileira; tanto quanto possivel recordação do que ella foi; paginas de leitura magnifica no presente e no futuro.

Em seu genero foi a primeira que appareceu n'aquella cidade; e talvez, mesmo, não tenha semelhante n'outros centros populares. A sua acceitação tem sido immensa dentro e fóra do paiz. As suas illustrações, bem impressas, são sempre momentosas, de opportunidade.

São **96** paginas por mez, dando indice de quatro em quatro numeros: a sua collecção já consta, pois, de **9 volumes** de **350** a **380** paginas cada um.

O Commentario publica actualmente a 4.ª serie, principiada em Maio. Folgamos de recommendal-a.

E' revista da maior respeitabilidade: credito feito pela excellencia dos seus collaboradores, e pela superioridade dos conceitos que emitte

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coraçao de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

FABRICANTES DA ACREDITADA AGUA INGLEZA DE GRANADO

GRANADO
& C.A

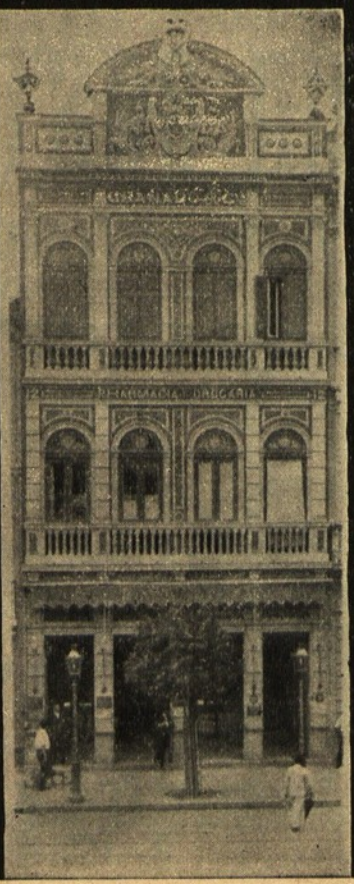
Pharmaceuticos

Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 12
End. Teleg. «GRANADO»



Grande
Laboratorio
Chimico
e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO

SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83

LISBOA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COZINHAS

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Boletim da Real Associação Central de Agricultura Portugueza — n.º 4 — Abril de 1906 — Vol. III Summario: Distribuição de Culturas, por Jayme Magalhães Lima — A exposição do gado leiteiro em 1905, por José Miranda do Valle — Tratamento das Doenças Cryptogamicas da Videira, por A. Leforte — Commercio de vinhos — Movimento Agricola, por J. V. Gonçalves de Sousa — TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO, correspondencia, officios e documentos da direcção geral da marinha ácerca do fornecimento de azeite hespanhol — As analyses nos Laboratorios Dependentes da Direcção Geral de Agricultura — Informações e noticias.

Revista Pedagogica — *Orgão do professorado Açoreano* — Anno I — 15 de Julho 1906 — n.º 8 — Revista publicada em Ponta Delgada, muito interessante.

A Construcção Moderna — Revista illustrada — Anno VII — N.º 2 — Agosto de 1906 — Summario: Casa do sr. Alfredo de Magalhães Barros — Projecto do sr. Antonio do Couto — Legislação das construcções — Fundação Rothschild — O preço da força humana — Chaminés alemtejanas — O salto de quatro pulgas — Fossas inodoras mouras — As quedas da agua no Zambeze — Os gazes industriaes — Expediente — Fusão e dilatação — Segundo congresso internacional de saneamento e salubridade da habitação.

Educação Nacional — Semanario publicado no Porto — 10.º Anno — N.º 520 — 1906 Setembro.

Novos horisontes — Agosto 1906 — N.º 15 — Publicação mensal operaria de propaganda e de critica.

Echo Photographico — *Jornal Mensal de Sport Photographico* — Anno I — Setembro 1906 — N.º 4.

O Occidente — Revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro — 29.º Anno — Vol. XXIX — 1906.

A Renascença — Revista Mensal illustrada — Anno III — Julho 1906 — N.º 29 — Lettras — Sciencias e Artes — Impresso em bom papel e bem illustrada.

Arte — *Archivo de Obras de Arte reproduzidas pelos mais modernos processos* — Porto — Agosto de 1906 — 2.º Anno — N.º 20.

Echo Feniano e Girondino — *Revista Portuense d Arte e Acontecimentos* — Publicação mensal — Porto — Agosto 31 de 1906 — Anno I — N.º 7.

O Instituto — *Revista Scientifica e Litteraria* — Vol. 53.º — N.º 8 — Agosto 1906 — Summario: Alliança ingleza — Continuação por Affonso Ferreira — O Problema da Codificação do Direito Civil, etc., etc.

Os Annaes — Semanario de Litteratura, Arte, Sciencia e Industria — Anno III — Rio de Janeiro, 16 de Agosto 1906 — N.º 94.

Portugal Agricola — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — 17.º Anno — N.º 17 — 1 de Setembro de 1906.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 3.ª serie — Setembro de 1906 — N.º 31 — Summario: O territorio de Manica e Sofala em 1905 — Continuação — Capitão de fragata Nuno de Freitas Queriol — Um artigo notavel, etc.

Boletim Photographico — N.º 77 — Maio de 1906 — 7.º anno — Summario: Photographia Estereoscopica — A Revelação lenta na photographia artistica, etc., etc.

Actualidades — *Actualidades, Artes, Sciencias e Lettras* — Revista Illustrada — Publicação quinzenal — Anno I — 5 de Setembro de 1906 — N.º 3.

Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa — 3.ª Serie — Maio de 1906 — N.º 17.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Anno VII — N.º 5 — 1 de Setembro de 1906 — N.º 197.

Sermas — Cartas a Annibal Fernandes Thomaz, por Bonifacio Franco Ratos — Livro interessante de poesias e rimas, impresso em bello papel — (Empreza typographica Eborense).

Echo Photographico — *Jornal mensal de sport photographico* — Anno I — Outubro 906 — N.º 5.

Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa — 3.ª Serie — Junho e Julho de 1906 — N.ºs 18 e 19.

Novos horisontes — *Publicação mensal operaria de propaganda e de critica* — N.º 4 — 1 de Outubro de 1906 — Artigos principaes: A recompensa do patriota — Torpe vingança — O lado vulneravel, etc., etc.

Boletim da Real Associação da Agricultura Portugueza — N.º 7 — Julho 1906 — Vol VIII — Summario: Estudo do Problema Vinicola — Resolução immediata da crise — C. Champalimaud.

Portugal Agricola — 17.º Anno — N.º 19 — Outubro 1 de 1906.

A Semana illustrada — 1.ª Serie — Setembro 29 de 1906 — N.º 1 — Recebemos este semanario que vem muito interessante tanto na parte litteraria como na musical, em que insere a musica e couplets da apreciada canção hespanhola «*La Pandaretu*» — Está á venda em todas as tabacarias e kiosques e na Redacção e Administração, Rua Aurea, 165, 3.º — O proximo numero publicará uma romanza para violino e piano.

Rimas — João Penha — Um bello livro de versos primorosamente impresso em bom papel editado pela Casa Cruz & C.ª Editores de Braga.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de agricultura geral* — Anno XXI — Setembro 906 — N.º 9 — Artigos principaes: Conselho para a vindima — Vinificação — Chronica do Norte, etc.

Echo Feniano e Girondino — *Revista Portuense d'Arte e Acontecimentos* — Publicação mensal — Anno I — N.º 8 — Setembro 906 — Artigos principaes: Mez a mez — Politica alegre — Flor de Sangue, etc., etc.

O Instituto — *Revista Scientifica e Litteraria* — Vol. 53.º — N.º 9 — Setembro de 1906 — Artigos principaes: A alliança ingleza — O problema da Codificação do Direito Civil, etc.

Economia Domestica — Vêr os dizeres na capa da Arboricultura.

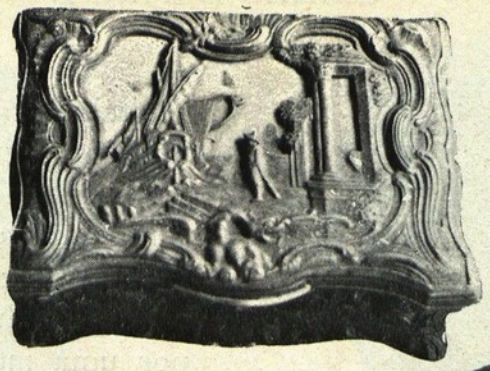
Primeiros soccorros a doentes — Vêr os dizêres na capa da Arboricultura.

Pombas feridas — Por Ondina — Sonetos e Rimas — 1 volume impresso em fino papel couché, illustrado com o retrato da auctora no frontispicio, trabalho em phototypia com 120 pag. — Paris, typographia Aillaud, editeur.

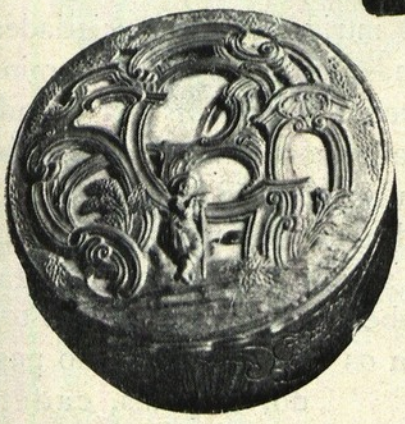
Poeiras — Por Carlos Frederico Parreira — Livro de versos de um novo, digno de particular menção pela seiva poetica e juvenil, lembrando muitas vezes a maneira singela e vibrante de Cesario Verde, com toques de originalidade e de frescura que deveras encantam.

CONTENTAMENTO!

Quadro de Peske



(a)

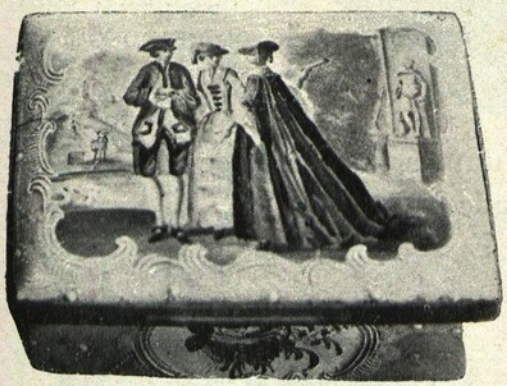


(a)

Caixas de rapé

(b)

Como o sonêto volante impresso a oiro e historiado por um illuminista de côrte, a folha clandestina e o lorgnon modelado por Germain, representa a caixa de rapé, no conjuncto



(b)

da sua plastica, no dezenho dos seus medalhões, na vigorosa cinzelagem dos seus pequeninos fechos, um dos elementos mais typicos da arte preciosa e voluptuosa que entre pastorinhos da Arcadia parece ter tido por berço o regaço da Pompadour. Integrada no gesto galante do seculo XVIII como um dos attributos mais *vieille roche* do maneirismo das suas curvas, passada e offerecida como fina pedra de toque a explicar puras origens e nobres categorias, sublinhando conceitos ou confidencias no modo intencional da sua offerta, é a muda tagarella que promette ou recusa, sorri ou amúa, emquanto dedos finos dão pancadinhas discretas nos bofes de renda, enchendo com requintado ademan o silencio da contra-scêna.

(b)

(a) Da collecção do sr. Alfredo Guimarães.
(b) Da collecção do sr. Alfredo Keil.
(c) Do Museu Nacional de Lisboa.

(b)

E assim que a caixa de rapé, vivendo e namorando n'um meio todo *rocaille*, se adapta e ageita vestindo as lindas puerilidades do seculo, tomando, no cumplicado cinzelamento dos seus metaes, enrolamentos de voluta, recantos de gruta amaneirada, e bordando-se de phrases dizendo argucias de sala e requebros de sentimento. Nas suas faces paganisa-se com satyros gargalhando e nymphas fugindo por entre renques de choupos ou pela espelhante mansidão dos lagos; é mythologica, emblematica, ás vezes mystica, e no polido dos seus esmaltes desenrolam-se reducções infinitesimas dos tectos de Le Brun ou as mais moralistas fabulas de Lafontaine.

(b)

Cingidas por grinaldas ou festões que rosados anjinhos seguram entre pórticos, quadras e Cupidos, a aljava e a cythara, emblemas sentimentaes onde se diz um amor lettrado que se declara em conceitos ou se alquebra em theatraes adeuses, adornam este minusculo objecto de arte passado de mão em mão, fazendo d'elle um eloquente capitulo illustrativo que completa a intima scenographia de uma sociedade.

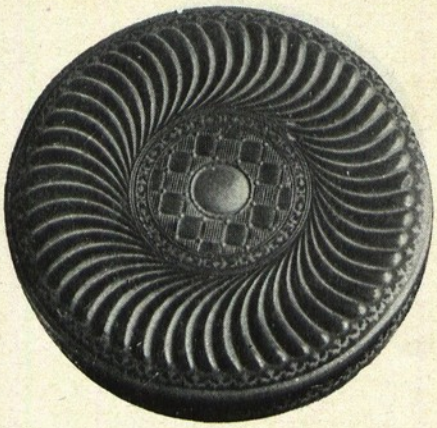
b)

O historiador de costumes, o erudito, o romancista encontram n'estas deliciosas composições tanto como em galerias e pergaminhos, o recatado factor que por uma intriga abalou sociedades e deu fórmas de governo, a illuminura d'esses *petits faits vrais* por Stendhal collecionados com tanto zêlo, para fazer a historia do coração humano.

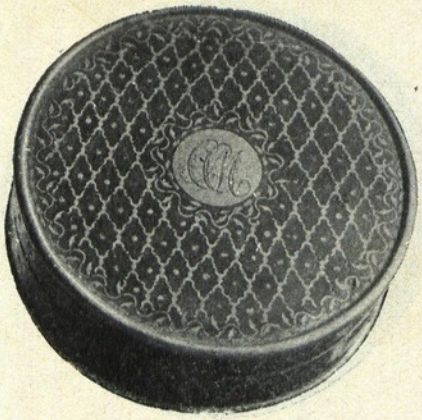
Além de metrificar madrigaes e representar as scenas do Olympo, a caixa de rapé tambem era genealogica, e todos conhecem os retratos do seculo passado, delphins, cadêtes, gran-senhores, e pallidas faces de altivas ou melancholicas fidalgas, enchendo o caixilho d'oiro com a auréola dos seus collares de renda e a nobre attitude das suas cabelleiras empoadas. Rosas fenecidas, com tons de outomno ou de desgraça, quasi vincam o labio ainda vermelho n'um tragado chôro de irreprimivel saudade.

E sempre sujeita ás variantes do

(b)



(b)



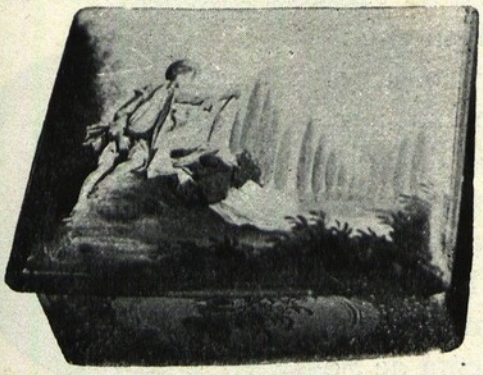
(b)

gosto e á tyrania da moda, cinzelada com veneração e herdada como reliquia, a caixa de rapé, nos fins do seculo XVIII, começou a ter uso mais amplo e emprego mais democratico, passando da sala para as multidões, e do *Café Régence* onde o *ancien régime* joga caturramente o xadrez, para os botequins onde se vulgarisou a Encyclopedia e se improvisam endechas ás Musas.

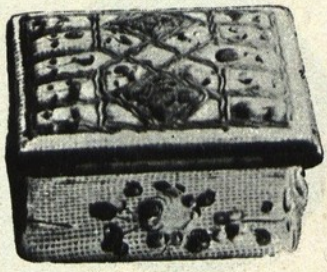
N'esta impaciente e tumultuaria confusão de gerarchias, perde a linha heraldica que a tornava serva d'uma classe onde o gesto era de nascença como a funcção social, e começa a ter fórmas menos estheticas e intuitos menos cortezãos: passa então da casta para o anonymato dos idylios, das paixões e das apotheoses.

(b)

Nos primeiros annos do Imperio, a França, extravasando pela Europa, começa a entoar em todos os cantos a sua aria de redempção. E então a caixa de rapé, tendo feito a satyra da antiga dynastia, tendo sido irreverente para com Luiz Capêto, trajando á moda romana com os vellites do Consulado, e voltando á tradição realista com a ephemera resurreição bourbonica, — coifa-se á grega como Madame de Staël, eternisa a effigie do *parvenu* côrso, ora com o sêcco perfil de Arcole, ora como a cezarea face de Austerlitz, e povoa-se de cyprestes, de urnas funerarias, de disticos sepulchraes, como se toda se acolhesse á altiva tristeza littera-



(b)



(b)

(a)

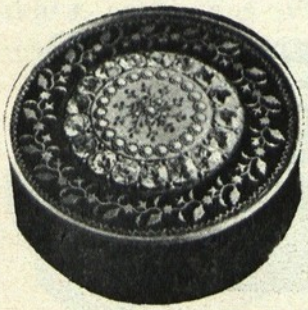
(b)

ria lançada sobre as almas pela melancholia de Chateaubriand.

É um dos seus periodos mais interessantes e mais typicos. Annuncia o Romantismo, e nas suas faces as vinhetas põem scenas ossianicas, coisas do Norte, brumas, columnas partidas: é a grande epocha da sensibilidade refeita por imagens, do amor concebido por litteratura, vergado a regras e phrases, participando a um tempo do gesto do *incroyable* e das renuncias do mosteiro.

(a)

Imperialista, a caixa de rapé encontra na Europa invadida a reacção das coleras autonomicas; e sobre os seus esmaltes, na mescla das suas tartarugas ou no negro dos seus azeviches, grandes legendas bramem pela patria ameaçada, exaltando como n'um padrão, salvadores, principes, aventureiros.



(b)

É um delicioso prazer para o curioso das nostalgicas antigualhas ver as caixas portuguezas dos principios do seculo passado, onde a influencia das scenas classicas, as evocações romanas das balbuciantes fórmas liberaes, todo um poetar de odes politicas e sonetos patrioticos se grava em lettras de oiro, entre emblemas de guerra ou de amor.

Não raro se encontra o perfil do glorioso manêta de Trafalgar, ou d'esse nobre Wellington que commandou os nossos soldados, e as datas memoraveis do Bussaco, do Vimeiro agrupam-se em vazo ou em cruz, com inflamados dizeres, rodeando capacêtes dos dragões de Chaves. E feita no exilio ou no carcere, pelo devotado amor d'algum enamorado jacobino prezo na Relação do Porto ou nas casamatas de S. Julião da Barra, rememora Catão, a cicúta de Socrates, holo-

(b)

(b)

(b)

caustos patrioticos da antiguidade, e geme em resignados prantos:

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Alem das liberaes havia as caixas legitimistas, adoradas como uma hostia, com a donairosa face d'esse galhardo moço que foi D. Miguel, roçagando pomposamente o manto de arminhos e segurando com gesto firme o sceptro da realeza.

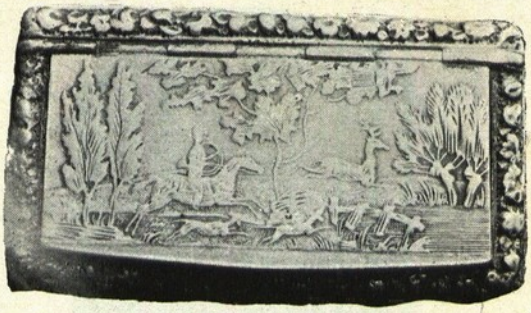
(a)

Os retratos formam uma vasta galeria onde paira o melancholico perfume de pétalas fenecidas. Miniaturas em marfim, algumas com a firme carnação de fructos sazonados, outras debruçando-se languidamente sobre uma saudade ou uma desillusão, accentuam certas deformações individuaes que sublinham temperamentos, paixões: em todas ha vigor cheio de intenção, todas evocam physionomias, e apezar de anonymos, esses perdidos rostos sumidos no passado lembram feições vivídas, e ao vêl-os, o espirito irresistivelmente diz: são retratos. Os olhos humedecem-se de sonho ou semi-cerram-se de ironia, as bôccas parece fazerem confidencias de desventuras, revelarem ainda influencias dominadoras...

(a)

(a)

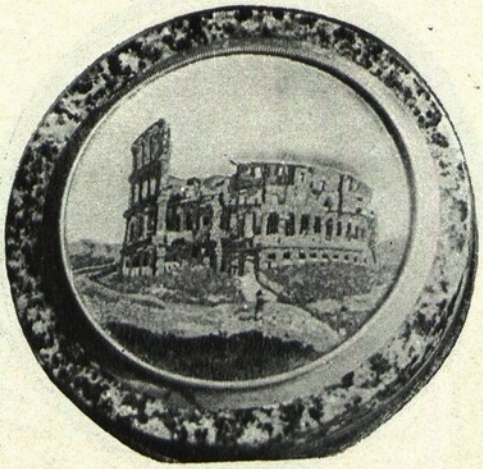
(c)



(c)

Por fim, além da caixa idyllica, da caixa patriotica e da caixa genealogica, havia todo um decameron de caixas facetas onde se pinta a feição popular da satyra, na feira e na alcova, a gouache ou a oleo, especie pe farça em dois actos, o segundo dos quaes foge, recúa para o tampo interior.

Entram em scena o aboletado e o frade, irmãos gemeos da aventura licenciosa, ás vezes de braço dado como oscilantes escorços da bebedeira, triumphante aquelle em suas funcções de galan, este sempre fréchado pelo riso velhaco das multidões.



(b)

O aboletado, nesse incerto periodo de marchas e de campanhas, é a fagulha pertubadora que incende com o prestigio das vestes guerreiras, em sua vistosa polychromia, o coração da filha do estalajadeiro, *condotière* do amor facil, seduzindo, bebendo, fugindo. No primeiro quadro, na tampa, apresenta o papel da ordem, com piscadellas de olho á moça curiosa que torce o avental, pudibunda e de olhos baixos, ourada pelo brilho metalico das charlateiras; dentro, o epilogo da farça, em que ás vezes transparece o bom humor rabelaiseano de Brauwer ou de Steen. O frade, ou perseguindo entre bôjos de pipas um rumor de saias que

(a)

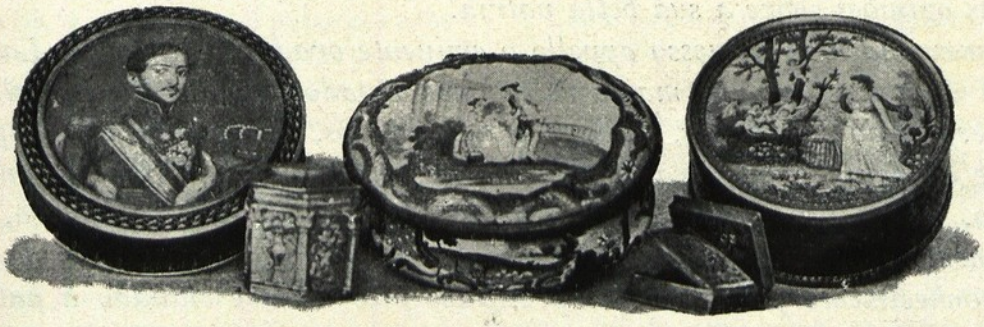
(b)

se escapulem, ou esperado pela multidão trocista, surgindo, rubro, de sob uma cama suspeita, é sempre a péla que rebóla entre gargalhadas e apupos, de cujo ruido se sente irromper um côro de quadras bocagianas.

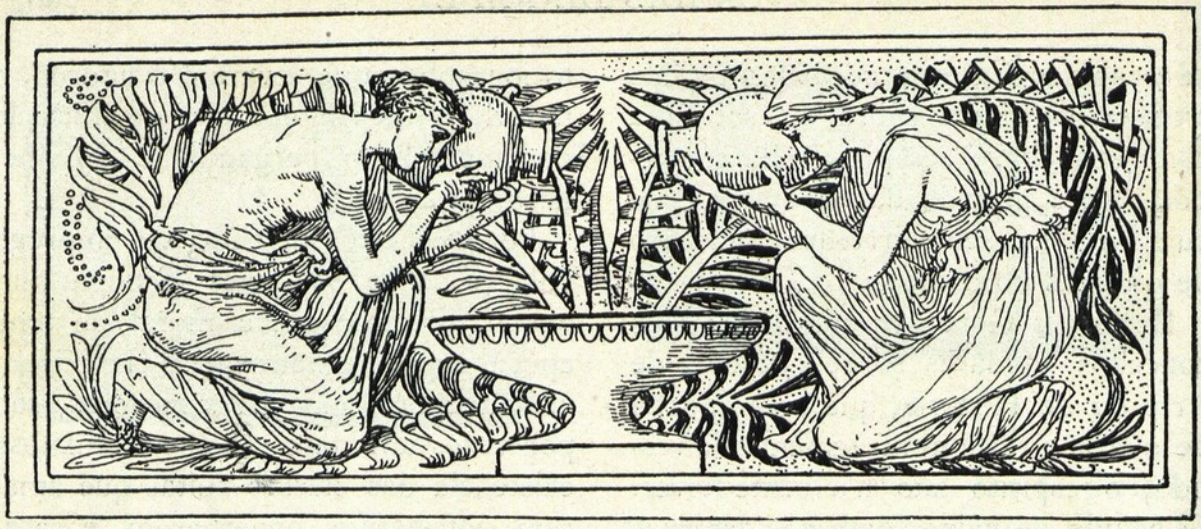
Dizem os Goncourt, n'um dos seus conceitos lapidares sobre questões de Arte ou de Historia, que uma epocha de que não resta um fragmento de vestido, o espirito não n'a sente viver. O estudo de caixas de rapé, das suas decorações, dos seus emblemas, das suas physionomias, entra como um valioso elemento n'uma das facêtas da phrase synthetica dos romancistas-historiographos que levaram o adôrno, o movel, o utensilio, á alta significação documental do pergaminho, do obelisco, da chronica.

Porque certos objectos de emprego vulgar, sobre os quaes distingiu um pouco da atmosphera moral de uma epoca, e que injustamente se classificam na cathegoria das *artes menores*, são por vezes um claro espelho da luxuosa existencia das classes cultas que amaram, intrigaram, governaram, e caracterisam no povo as phases do seu humorismo, dos seus ingenuos enthusiasmos e das suas ephemeras adorações.

João Barreira.



(*b*)



A evolução politica do Brazil

Desejando dar aos seus leitores um **aperçu** *bastante exacto do estado politico e social, economico e artistico, da florescente Republica de além do Atlantico, povoada pela raça portugueza e penhor de revivescencia para a lingua de Camões, a empreza dos* **Serões** *envidou todos os esforços para que os mais notaveis publicistas brazileiros lhe fornecessem autorisados elementos de estudo e francas opiniões sobre a sua bella patria.*

Correspondeu já ao nosso appello o eminente orador politico dr. Lauro Sodré, um dos estadistas de maior relevo nos Estados Unidos do Brazil. O seu nome, respeitado por todos, amigos e adversarios, representa uma esperança brilhante de futuro, que virá coroar um passado glorioso. Ainda ha menos de um anno, n'uma festa realizada no theatro Lyrico do Rio de Janeiro, lhe foi solemnemente offerecida uma espada de honra, como manifestação de apreço e de reconhecimento pelos serviços prestados pelo illustre cidadão á patria e á liberdade.

É esta gloria do Brazil moderno que honra os **Serões** *com a sua penna de ouro, dando uma ideia nitida e completa da evolução politica do seu paiz, e inaugurando assim esplendidamente a serie de artigos que acima promettemos.*

Não podemos furtar-nos a um caloroso agradecimento por esta prova de distincção concedida á nossa revista, e que é mais uma demonstração do carinhoso acolhimento que ella tem merecido na grande Republica nossa irmã.

TAMANHA é a complexidade dos phenomenos sociaes, de tal modo apparecem aos nossos olhos os factos de ordem politica, que entre scientistas ha quem tenha por impossivel pôr ordem n'esse grande cahos, estendendo até esse superior degráo da escala do saber o principio fundamental de ordem e successão, que ata e relaciona todos os phenomenos naturaes, subordinando-os a leis fixas e invariaveis.

Para os que assim pensam nenhum valor teem os trabalhos dos que, seguindo as largas

e fecundas veredas abertas pelo eminente philosopho francez, a quem pôde conhecido e bem reputado homem de letras appellidar — *le roi de la pensée du XIXe siècle* —, figuram operarios prestadios da obra genial, que Augusto Comte architectou quando creou a *Sociologia positiva.*

Deante d'esse feito scientifico, que por o seu nome fóra de par entre os maiores espiritos do seculo que findou, curvaram-se em preitos de sincera homenagem criticos de valor, que andaram a derrocar a sua obra philosophica, politica e religiosa.

Era um Stuart-Mill, nome que em todos os tempos fará o orgulho da Inglaterra, saindo a publico para proclamar que todos os que tiverem repugnancia em admittir a crença de vir a ser a philosophia da historia uma sciencia devem suspender os seus juizos até que tenham lido a obra magistral do incomparavel mestre.

Isso não tira aos phenomenos sociaes a sua natureza especial, que n'elles torna, mais do que em qualquer outro campo de exploração mental, difficil e muita vez impossivel a precisão, que é por toda parte a caracteristica essencial da sciencia.

Essa foi a grande e a maravilhosa conquista do seculo passado. O saber positivo ficou definitivamonte integralisado, completado o cyclo das sciencias, o que só tornou possivel a constituição de uma philosophia, que é filha das sciencias, destinada a subir até onde ellas subirem, a exercer a mesma influencia, que ellas exercerem, para redizer a palavra de um dos notaveis discipulos e sabedores das novas doutrinas.

Os que, rebeldes á lição dos que sabem, presumem que nas suas mãos está o encaminhar e dirigir, ao saber das suas vontades arbitrarias, os acontecimentos politicos e sociaes, são as mais das vezes victimas inconscientes dessa crença fallaz e d'essa ignorancia das leis que regulam a evolução natural, na ordem sociologica, como no dominio da biologia e da cosmologia.

A maior parte dos erros, que a historia registra, e que marcam tristemente os annaes da humanidade, são o resultado d'essa illusão dos que governam, na crença ingenua de que, onde não domina o dedo da providencia, que Bossuet ensinou a ver dirigindo os imperios, do nascedouro ao tumulo, prepondera o livre arbitrio do homem, a vontade absoluta do individuo, consagração dogmatica de uma metaphysica tão esteril como absurda.

E em bôa dose essa illusão, em que vivem os homens que figuram na politica, resulta da sua errada preparação scientifica, que faz com que em sociologia decidam os que não sabem arithmetica.

O Brazil, nem porque entre nós taes desacertos e desconchavos andam ás escancaras, figura o recanto do mundo em o qual taes cousas pareçam singulares ou excepcionaes. Do assombroso esolver da sciencia exactamente resultou, no discurso das ultimas decadas do derradeiro seculo, que ha no mundo policiado um nivel geral na ordem intellectual e moral, a que todos os povos facilmente e simultaneamente attingem, graças aos meios faceis de commercio e communicação, e ás feições novas das relações de toda ordem estabelecidas entre as nações do occidente e do oriente, do antigo e do novo continente, do norte e do sul da America. Hoje não ha porções do globo, em que vivam gentes cultas, cujo estado mental e social fique gráos e gráos abaixo do mais alto nivel a que tenham subido os povos mais adiantados.

A sciencia, multiplicando os factores de progresso e creando essa enormidade de recursos, que valeram o extraordinario desenvolvimento material, intellectual e moral do homem, tornou esse desnivelamento impossivel.

Como as correntes da atmosphera, que passam em derredor da terra toda, como a circulação dos mares, que por toda parte envolvem os continentes, como os movimentos scismicos, que vão de particula em particula, de bloco em bloco, de montanha em montanha, por toda a superficie do globo, denunciados nos maregraphos e nos instrumentos de precisão nos observatorios do meteorologista ou do astronomo, as idéas novas, as descobertas da sciencia correm de terra a terra, de homem a homem, de cerebro a cerebro, e illuminam por toda a parte os espiritos e guiam no mundo todo as consciencias abertas á luz.

E é erro a presumpção com que em paizes da Europa são estudadas e discutidas as cousas de outras regiões da terra, como se n'ellas não tivesse ainda chegado a luz da aurora, que se fez dia nos mais adiantados paizes do occidente.

Por isso é que não darão para espantar os nossos erros e as nossas faltas, os nossos desacertos e desvios das bôas regras da politica e das normas e sãos preceitos da moral

scientifica. O maior mal que nos afflige é um effeito de uma causa, que em todas as nações gera damnos e maleficios.

Derrocado o velho edificio das crenças theologicas e abaladas as instituições politicas, que com ellas faziam o solido e bello monumento da edade media, a humanidade ficou entregue á acção desencontrada de forças divergentes e oppostas, de onde se originou a anarchia intellectual, de que resultam, como naturaes corolarios, as desordens politicas, moraes e sociaes, que affligem e infelicitam todos os povos na hora presente.

DR. LAURO SODRÉ

O que nós aqui em bôa dose vivemos a padecer não é um mal só da nossa terra, nem é um mal só da nossa edade.

Sem que tenham no seio causas como as que entre nós estão dando tão desastrosos

effeitos morbidos, muitas nações do velho mundo vivem trabalhadas por tremendas crises economicas, politicas e sociaes, formulados por toda parte e não resolvidos graves e temerosos problemas.

Basta ver como, chegados ao seculo xx, quando parecia que a Humanidade ia entrar em nova phase de civilisação e de progresso, approximando-se cada vez mais e sempre d'esse ideal de fraternidade destinado a ligar todos os povos n'uma só e grande familia, feita a federação da Europa, e proclamado o codigo da justiça internacional, que poria remate ás guerras com que as nações agora deslindam os seus dissidios, por uma especie de regressão ou evolução *en arrière*, a que parecem sujeitos os organismos sociaes como os individuaes, succede essa volta aos institutos primitivos, o predominio desse espirito guerreiro, essa fome e sêde de conquistas, o principio retrogrado do *imperialismo*, que é a regencia absoluta da força, proclamado em logar da acção pacifica e progressiva do direito e da justiça.

Dir-se-ia que é agora entre as nações um duello universal. Teem ellas antes de tudo essa preoccupação dominante de armar-se, pondo em face dos exercitos estrangeiros e das esquadras de outros povos os seus grandes exercitos e as suas poderosissimas marinhas de guerra.

Infelizes os Estados pequenos ou pobres, que não podem chegar a tal situação de força material. Paira sobre elles a mais tremenda ameaça. E debalde invocariam os grandes principios solemnemente consagrados em retumbantes mensagens ou accordos e tratados internacionaes, creando tribunaes de arbitramento. A mão de ferro dos poderosos cairia pesada a esmagal-as se ingenuas e descuidadas confiassem na força do direito, recurso inutil contra o direito da força. É de vel-as impondo-se pelo possante canhão, pelo fuzil moderno, e por todos os multiplos e terriveis engenhos, que as artes da guerra foram haurir nos ferteis mananciaes das descobertas scientificas, que põem na mão do homem aperfeiçoados e centuplicados os instrumentos de destruição e de morticinio, ao mesmo tempo que cuidadosamente ensinam os meios de prolongar a vida humana, vencendo pelos recursos da hygiene publica e privada, dia a dia crescentes, e pelos novos e aperfeiçoados methodos e processos da arte de curar os mil e um empeços, que a natureza a cada hora levanta contra o sêr fragilissimo, que é o rei da creação, o deus mortal, o primeiro dos primatas, o descendente do *homo alalus*.

Dir se-ia que nós estâmos a atravessar uma dessas phases historicas, em que a humanidade enfrenta e resolve um dos grandes problemas, cuja solução assignala a passagem de um periodo politico-social para um novo periodo, em que novos principios e idéas novas alumiam como pharoes radiantes e providenciaes as regiões indefinidas por onde imos a jornadiar, joguetes de todos os caprichos da natureza cega e inconsciente, que nos envolve de todos os lados, e contra cujas forças illimitadas e adversas nós não contamos senão com o auxilio da nossa razão impotente as mais das vezes, debil e sempre relativa, servida por orgãos, que são instrumentos physicos imperfeitos.

Dir-se ia que a nossa é uma dessas epocas, em que o espirito da revelação permanente e racional, que apregôa verdades novas e que erradica antigos erros, parece trabalhar mais profundameate as sociedades humanas, sacudindo-as e atormentando-as como quem das velhas nações faz que nasçam novos povos para relembrar a palavra eloquente dessa mulher de genio, que antepoz ao livro admiravel de Charles Darwin um prefacio, que vale por um portico digno de tão magestoso monumento de saber scientifico e philosophico.

Pois até nós bateu a grande vaga do mar, que alastra e convulsiona o continente mais antigo. Como atravez dos ares, como por dentro do amago das terras, como pelo interior das massas densas d'aguas passam as ondas electricas, as correntes moraes e intellectuaes, as idéas, os pensamentos, os erros, as paixões nobres e generosas, as ruins e as baixas paixões vão atravez da materia, que constitue o meio social, continuo e uniforme, como um grande ser, ligado no tempo ás gerações já caidas e mortas, ligado no espaço como um só organismo, onde o homem individual figura a cellula de um extenso e multiforme tecido.

A essas causas geraes e mundiaes de turbação e desordem moral accrescem as que são peculiares nossas, oriundas do nosso passado, dos nossos antecedentes e da nossa historia, dos successos particulares, que no nosso seio se realisaram, a influir no nosso movimento relativo, effeito de causas especiaes e independentes da acção e dos successos gerados pelas

orças, que dão em resultado a marcha geral da humanidade tida como um só todo.

A revolução, que entre nós operou a transormação politica do paiz, derrocando o throno e pondo em vigencia as instituições republicanas proclamadas aos 15 de Novembro de 1889, foi um facto natural e previsto, occorrido á sazão propria, determinado por longos e poderosos e fataes antecedentes historicos.

Um dos escriptores do moderno Portugal, que tanto valia pelo seu saber como pela forma litteraria em que os seus pensamentos eram traduzidos, o Sr. Latino Coelho, precisou com vigor scientifico a radical e espontanea antipathia, que sempre fez entre nós a monarchia figurar como uma excepção no systema politico propriamente americano onde era quasi uma anomalia, como um typo organico em certa maneira dissonante da flora politica do Novo Mundo.

Não lograra entre nós o imperio crear fundas raizes. Por isso é que a observadores estranhos desajudados do fio conductor da historia, sem o conhecimento verdadeiro do nosso passado e da nossa vida, a revolução que derribou o imperio pareceu um como milagre!

A verdade é que o imperio no Brazil nasceu, medrou, viveu e sumiu-se no meio de luctas e revoluções, de motins intestinos e de guerras estrangeiras, e que só descançou de bater-se contra as energias viris do povo brazileiro em 1848 para atirar a nação a essa guerra insensata e cruel contra o Paraguay. E mal iamos restaurando as forças gastas nessa lucta de tantos annos, feriu-se a campanha abolicionista rematada gloriosamente pela aurea lei de 13 de Maio de 1888, imposta ao imperador pela força da opinião triumphante escudada nas bayonetas do exercito partidario decidido da grande causa liberal e abriu-se com o manisfesto de 1870 essa guerra de francos atiradores contra a realeza, que só findou com a victoria de 15 de Novembro.

E porque assim foi, e porque a republica representa a realisação de legitimas e seculares aspirações democraticas, que em germen se encontram no espirito de gerações, que de muito precederam a que logrou a ventura de converter em facto a idéa professada por tantos brazileiros, e que semeou de martyres o terreno da nossa historia, rematado erro seria agora tentar esse recuo irracional, essa volta ao passado, de que nos saimos como quem passa naturalmente de um regimen politico para outro, que representa um degráo superior.

Se é certo que podemos considerar como illusoria a crença, que attribue á forma republicana uma sorte de virtude mysteriosa, segundo a qual bastaria só a proclamação d'essa forma de governo para realisar a felicidade do mundo, não é menos certo, em opposição a esses conceitos de um dos melhores espiritos da França contemporanea, que a republica é de toda evidencia o typo ideal e perfeito pelo qual tende a modelar-se toda organisação politica verdadeiramente liberal e popular. Essa a lição de Edward Freeman, que eu sigo e repito na defeza da minha fé politica, immutavel e firme atravez de todas as luctas em que tenho entrado contra os erros e abusos dos que tão mal comprehendem o regimen politico, que foi organisado pela Constituição de 24 de Fevereiro, fiado a mãos de falsos e incompetentes executores.

E eu tenho sobejamente esclarecido o espirito para ver com imparcialidade muitas das causas de que promanam em bôa parte, necessarios e inevitaveis, erros e males nossos.

Ainda que o movimento, que operou a substituição do velho regimen pelo regimen novo, foi de feitio a parecer antes uma evolução do que uma revolução, não ha como negar que nós padecemos mutações multiplas, adoptando normas de acção totalmente oppostas ás que entre nós eram seguidas. Despidas as roupagens realengas a democracia deu-nos moldes tão differentes dos obsoletos do imperio, que, mesmo os doutrinarios e evangelisadores da fé republicana triumphante, sentiram-se muita vez desageitados e esconsos, como quem mal poderia ficar a prumo em terrenos estranhos e impervios. E que dizer d'aquelles que tinham sido adversarios dos principios republicanos, até á derradeira hora ao serviço da corôa, e que por calculo egoistico e pelos caprichos da fortuna, que tanta vez acode em ajuda dos audazes, assumiram nas novas instituições funcção de mando, feitos executores de planos a cuja concepção e traça tinham sido de todo estranhos quando não contrarios?

Muito é o que valem os homens na ordem social. Nelles as idéas e os principios se objectivam e incarnam. Para não ficar esteril é necessario que todo concurso se resuma numa individualidade. O organismo social é um systema de forças. As leis fundamentaes

da mecanica põem de manifesto que só uma orça exterior pode modifical-o.

Sem um orgão individual não pode haver uncção.

A palavra é do auctor do *Espirito das leis*, o notavel livro que marca os meiados do seculo XVIII como uma era nova do pensamento humano, de onde a philosophia entrou a seguir outros roteiros: nos primordios são os chefes das republicas que fazem a instituição; só mais tarde é que as instituições formam os chefes das republicas.

Temos vivido desajudados d'esses factores. Desapparecida do scenario da vida publica a figura excepcional de Benjamin Constant, dir-se-ia que fados adversos, conspirando a nossa ruina, privaram-nos de contar nos primeiros tempos com o concurso de individualidades modeladas pelos Washingtons, pelos Cromwells, pelos Dantons, pelos Thiers.

E era porventura maior entre nós o passo a dar no terreno da evolução politica e social. O paiz mal vinha saindo da phase aguda da tremenda crise que o abalou, repondo o problema do trabalho nacional, após a lei incomparavel da abolição da escravatura, problema que a monarchia não enfrentou.

Saimos do regimen da mais ferrenha centralisação administrativa, que fazia das provincias corpos sem vida, organismos atrophiados, e graças á acção da lei natural da equivalencia, formulada por Newton, e que rege os phenomenos de natureza cosmologica como os de ordem moral, biologicos e sociaes, fomos ter á mais completa e absoluta descentralisação; transformadas as provincias em uns Estados quasi soberanos, feita a federação á moda americana, o que era entre nós um salto brusco, de que resultaram muitos erros e os maiores damnos.

Mal andaram muitos na comprehensão desse regimen novo, peor andam ainda os que desacertam na pratica delle, contribuindo para que os Estados brazileiros figurem, em face uns dos outros, como entidades estranhas, quebrados os laços de harmonia e fraternidade, que de nós fariam um grande todo forte e poderoso. Desmanchou-se a unidade nacional, e a figura da Patria, diluida em 21 pequenas patrias desenhadas, porque está quebrado o vinculo do direito e da justiça, esmaece e mingua, como se agora aqui para nós surgisse a phase, que viveram os Estados Unidos da America, cujas tradições historicas não eram as nossas, quando, consoante a pavra celebre de Patrick Henry, — todos os patriotas cessaram de pensar e sentir como americanos para tornar-se mais exclusivamente do que nunca, Carolinianos, Virginianos, Nova Yorkeses.

Não passámos só da monarchia para a Republica, da centralisação *à outrance* para a mais ampla federação, deixámos o regimen parlamentar e adoptámos as formas presidenciaes americanas, ainda não comprehendidas nem praticadas. O imperio era a ficção da irresponsabilidade da corôa, com a responsabilidade real e effectiva dos ministros. A Republica é o systema da responsabilidade consagrada na carta fundamental de Fevereiro, porque o chefe do Estado governa e administra, feita na realidade uma mera ficção.

E para completar a serie das mudanças mais radicaes que nós soffremos nessa transição de 1889, prolongada por toda a phase progressiva e organica da dictadura inicial, recordemos a separação do Estado da Egreja, que de modo cabal e perfeito marcou limites claros entre o dominio espiritual e temporal, emancipando as consciencias, e proclamando, ao menos em letras de leis expressas, todas as liberdades decorrentes dessa medida, que é ainda uma aspiração dos espiritos liberaes em muitas nações cultas do velho e do novo mundo, e que só agora, após trinta e cinco annos de vida republicana, apparece decretada em França.

A essas principaes, accedem como secundarias muitas outras causas determinantes dos embaraços e difficuldades que a republica tem tido que vencer, prolongando-se o periodo revolucionario, ainda não fechado o cyclo das resistencias e das crises politicas nesta longa phase de ajustamento da consciencia nacional aos novos moldes, alguns dos quaes ao parecer lhe são de todo exoticos e repugnantes.

O tempo corrigirá as demasias e asperezas, modificando as actuaes instituições no que ellas teem de errado. Para lograr esse *desideratum*, de muito valerá a acção dos homens politicos empenhados nessa tarefa de emendar e refazer a obra encetada.

Essa aspiração de reformas é hoje uma bandeira nacional, o programma de acção de um grande e forte partido. Nem isso é a phantasia de espiritos irrequietos, levados pela monomania de reformar. As creações humanas não são eternas. A lei universal é o *perpetuum mobile*. A vida é em todo o mundo organico

e super organico um movimento que não cessa, de tal modo que um dos celeberrimos creadores da sciencia moderna, póde definil-a — *uma morte constante.*

Somos um paiz novo, um povo cuja edade é relativamente curta. De par com as grandezas do nosso solo sem egual, tão extenso que delle não temos ainda bem a consciencia geographica para lembrar a expressão de Boutmy, com as riquezas naturaes do sub-solo, das nossas mattas, das nossas correntes fluviaes, taes e tantas que o notavel escriptor inglez viu nessa exuberancia de bens materiaes a causa determinante do nosso tardo progredir, como se *amid this pomp and splendour of Nature no place is left for man;* de par com essa abundancia de vida, em que se desata aqui a natureza, e que põe o Brazil *above all the countries of the earth,* na phrase de Thomas Buckle, o homem conta energias de caracter, que lhe asseguram no futuro a certeza da victoria nas luctas, em que ao presente está mettido em bem das garantias das suas liberdades e dos seus direitos.

Para que os nossos progressos materiaes sejam completos e dêem o unico resultado que devem dar, concorrendo para augmentar a somma de felicidade e bem estar do homem de todas as classes sociaes, é indispensavel que elles assentem sobre a larga base solida e indestructivel do nosso progresso moral, que será o fructo do alargamento e generalisação do ensino publico levado a todos, e comprehendido como deve ser, ensino moderno e integral, em que as luzes das sciencias physicas e naturaes formem os alicerces em que se esteiem as sciencias moraes, todas guiadas pelas mathematicas, que dão os methodos geraes e formam a verdadeira logica scientifica.

Disso a Republica cuidou na sua primeira hora.

Nesse tempo foi como se os encantadores arreboes de um diluculo apparecessem como seductores prenuncios de um intenso dia de clara e viva luz. Foi no paiz todo como um magico *sursum corda.* Viviamos como quem sentia vir soando a hora de uma mirifica palingenesia social e politica. A Republica surgia como uma alvorada doirada e rosea após a longa noite trevosa do imperio. Assim é que nós a saudavamos, os que nesse tempo iamos entrando na vida publica, geração nova, cujas almas ardentes viam o regimen nascente atravez de um prisma seductôr, que, pondo á mostra as côres irisadas do espectro, não deixa ver os raios calorificos e chimicos obscuros.

O ensino publico recebeu das mãos de Benjamin Constant, o mestre querido e sabio de nós todos, o impulso vigoroso da sua orientação scientifico-philosophica, completa e sã.

Das suas mãos saiu remodelado em todas as suas phases a instrucção popular, a superior a secundaria, a elementar.

Novos codigos foram decretados para as nossas escolas superiores em toda a Republica, civis e militares, de bellas artes e de sciencias ou letras. E em todos esses codigos ficou o traço de luz dessa alta mentalidade cujos largos descortinos entreviam um novo Brazil renascido das ruinas do antigo Brazil, refeita a nossa errada educação, levantado o nosso nivel moral, corrigidos os obsoletos habitos, esquecidas as praticas deleterias do regimen caduco, vencidas em summa todas as resistencias do meio bio-social.

O tempo desfez em grande parte essas illusões de uma outra edade. A imagem, que seduzia e encantava os idealistas de uma republica feita só de virtudes, de direito e de justiça, deparou se-lhes metamorphoseada n'essa realidade em que tantas vezes os vicios, as iniquidades, as violencias, os arbitrios, os abusos e os crimes geram desalentos, desfazem esperanças, desarreigam a fé de muitos e levam tantos erradamente a pôr os olhos no passado já remoto como quem vê n'elle edades mais felizes, dias de vida mais bem vivida, como quem acredita que nos organismos sociaes dominasse o principio da evolução reversivel como regra.

A republica é a fórma definitiva da nossa organisação politica. O nosso dever agora é emendar erros, corrigir senões e apagar nodoas onde tudo isso está, dentro dos limites traçados pela lei nova.

N'esse rumo é grande a fé que eu tenho nas gerações que vão agora surgindo, já nadas e a medrar sob o influxo dos novos principios, que elles saberão praticar melhor do que aquelles que trouxeram os máos vezos e os defeitos contrahidos no serviço de instituições politicas de todo ponto differentes, e que exigem normas de conducta diversas e oppostas.

A nossa indole e a força da tradição serão factores que servirão de auxiliar a nossa evolução moral. Somos um povo essencial e profundamente democratico. E tal é a força d'essa tendencia que a monarchia viveu em

nossa patria desacompanhada de luxos e espaventos, quasi rasteira e humilde, sem ouropeis e sem grandezas, sob a influencia do meio, rebelde e avesso a usos aristocraticos e em cujo seio impossivel foi que vingassem, divorciadas da massa popular e a ella totalmente alheias, classes de fidalgos feitos ao sabor d'el-rei.

Antes que a lei positiva viesse decretal-o por modo expresso, apagando o privilegio dynasta, a opinião soberana vivia em revolta contra a tentativa de implantar em terras da America o regimen de castas, pondo entre brazileiros distincções deprimentes, quaes as que não são baseadas sobre a superioridade das virtudes, do saber e do caracter.

Dos monarchas pode-se dizer como a distincta e conhecida escriptora disse dos deuses, que nós lhes devemos justiça, mas sómente justiça e nada mais, sendo que a imparcialidade com que os julgarmos será a melhor garantia da que formos capazes de usar nos nossos juizos ácerca dos demais homens.

Pois o ultimo representante da realeza no Brazil era no seu viver e no seu trato uma incarnação d'esses principios, bondoso e simples.

D'ahi é que resulta facil a obra de radicação das instituições republicanas. E somos uma democracia genuina, onde figuram eguaes e irmãos, gentes de todas as côres, homens de todas as raças, individuos de todas as condições e origens, em cujo seio debalde tentariam os cegos imitadores da plutocracia americana fazer decretar a inferioridade politica e moral do negro, que foi um factor do nosso desenvolvimento e que deu ás letras, ás sciencias e á politica, desde os mais remotos periodos da nossa historia, tão dignos e notaveis representantes.

O Brazil é hoje uma resultante de um conjuncto de factores de um systema de forças cuja acção lenta e continua operou a integração geographica do solo e fez a synthese da consciencia nacional.

Somos um povo, em quem o amor da familia produz typos de belleza moral incomparaveis, e que faz do culto da mulher a grande religião positiva e fecunda, de onde promana a força de resistencia moral que, desdados os laços que nos ennodavam os espiritos aos dogmas da theologia e da religião catholica, fez do casamento essa especie de sacramento civico, graças ao que a sua indissolubilidade persiste duradora contra as theorias juridicas, tidas como creações modernas da civilisação chegadas ás suas culminancias.

Somos uma nação onde o sentimento do amor da Patria é capaz de operar milagres.

E de tal terra e de tal gente ninguem dirá que um dia os aguarda o destino que é o quinhão reservado aos povos politicos e moralmente incapazes.

As grandes reservas de forças materiaes e as incalculaveis energias moraes que são o nosso patrimonio dão a cada um de nós a consciencia do que seremos e do que havemos de valer no concerto dos povos policiados.

Ha de operar-se naturalmente assim a evolução material, politica e moral que nos virá assegurar o papel, que tem por força de caber-nos no continente americano e em todo o mundo occidentalisado.

A' Republica está destinada essa missão providencial.

Façamos que nas nossas relações externas preponder uma politica francamente nacional que nos deixe fortes deante das nações mais fortes.

Saibam os brazileiros cumprir os deveres, que o patriotismo a todos impõe, encarando os problemas, que estão desafiando as actividades de todos, na ordem politica como na ordem economica e social, olhos postos na sentença do grande philosopho inglez: *prudens questio quasi dimidium scientiae*, applicavel em todos os dominios do saber.

E bom será que dos nossos espiritos saia de vez esse falso preconceito que entibia, amollenta e enerva, pregoando a nossa incapacidade moral e traduzida na sentença vexatoria e cruel que nos daria como incapazes de accommodar-nos aos principios republicanos, só dignos dos povos que se fizeram maiores, no dizer do poeta, como, só por vicio congenito, entre todos figurassemos como um povo excepcional e unico, nascido para a escravidão e refractario ao influxo benefico das virtudes civicas, que dão á gente a faculdade de gerir os seus proprios destinos fóra da tutelagem humilhante de despotas ou falsos semi-deuses.

É esse mesmo pregão deshonroso, que auctorisa a hypothese absurda de reservar-nos o futuro o destino de sermos o pasto em que venham saciar um dia a sua fome e sêde de conquistas as grandes nações do mundo,

retalhado o nosso sólo como cibalho sem vida entre possantes e vorazes aves de rapina.

Desventurada geração a nossa, se esse desenho da liquidação da Patria e do anniquilamento da nossa nacionalidade não desse rebate a todas as consciencias para chamal-as a postos na lucta pela defeza da vida e da honra.

Que outros sejam os ideaes e as perspectivas seductoras de futuro, que sorriam ás gerações que agora vão surgindo, e que de nossas mãos terão que receber, como legado do patriotismo e do brio, a Patria engrandecida e forte para fazel-a feliz. E hão de ser mais ditosos do que nós, se a ordem moral, baseada sobre o direito e a justiça, pelo reinado da liberdade em todos os dominios da actividade, servir de solidados alicerces, em que repousa estavel a ordem material que se ha de desdobrar n'um fecundo e indefinido progresso.

É necessario ensinar aos moços que muito embora tenhamos de seguir a lição dos povos mais avançados, recebendo os raios da luz, que os esclareceu e guiou a elles, não temos de que sentir-nos humildes e vexados.

O nosso passado e o nosso presente dão para que, em face de todas as nações, possamos sentir-nos orgulhecidos porque somos americanos, e ainda mais orgulhosos e felizes porque somos brazileiros.

5 de março de 1906

LAURO SODRÉ.

EM CASCAES

O Principe Real indo para o banho

Cliché de J. P.

GUERRAS COLONIAES

As operações militares no Sul de Angola

EM 1905

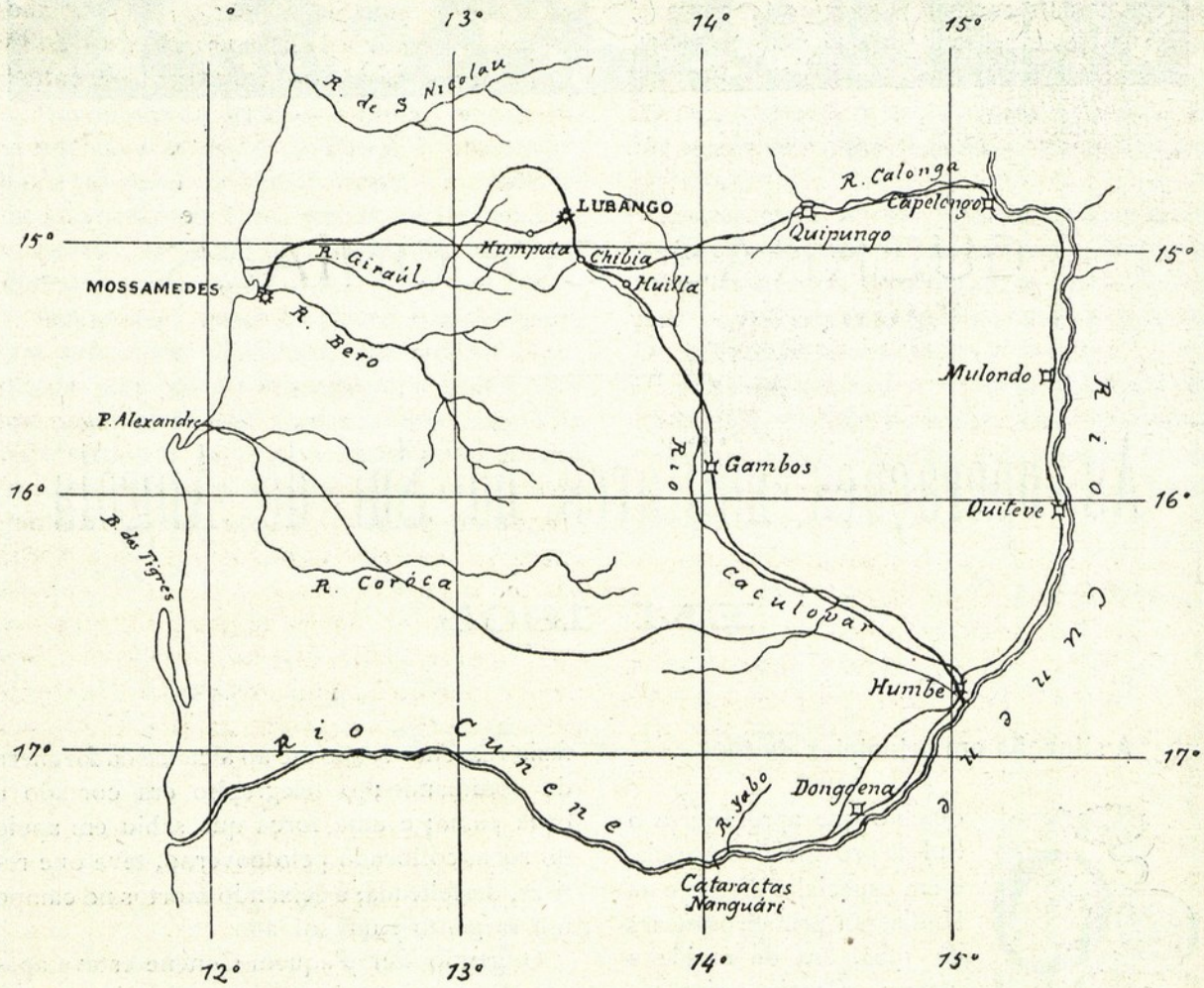
A situação em principios de 1905

O QUADRO que apresentava o Sul da provincia de Angola, e em especial o districto da Huilla, nos primeiros mezes de 1905, era de molde a causar as mais serias apprehensões a quem residisse na região e a quem quer que tivesse a responsabilidade do governo d'aquelle territorio.

As correrias dos povos d'alem Cunene assolavam constantemente as regiões pacificas e fieis das Ganguellas e Ambuellas e de Caconda, no districto de Benguella, e a Dongoena, o Humbe, o Cafo, a Camba, o Quiteve e o Capelongo, no districto da Huilla, com incrivel menospreso da linha de fortes que marcava o limite da nossa occupação e que elles transpunham impunemente quantas vezes lhes appetecia. Na propria margem direita do Cunene, havia uma vasta região insubmissa — o Mulondo, — interceptando as communicações ao longo do rio e constituindo uma base d'operações para os salteadores da outra margem, um refugio de criminosos, e um perigo para a segurança de todos os territorios da margem direita; ás auctoridades era por alli vedada a passagem, e os europeus que obtinham licença para lá penetrar tinham que pagar tributo e conformar-se com as humilhações que lhes impunha o despotico e perverso senhor d'aquellas terras. Nos Gambos, a nossa soberania não se fazia respeitar senão até ao alcance da fortaleza do commando; o telegrapho era cortado a cada passo; e uma força que sahiu em apoio do soba, collocado pelo governo, teve que retirar, desfeiteada, e deixando mortos no campo um sargento e um soldado.

O gentio fiel d'áquem Cunene estava apavorado por suppôr não termos força para evitar os roubos de gente e gado, e as mortes, que as *guerras* do outro lado do rio frequentemente lhe estavam fazendo; e, por seu turno, a insolencia do gentio alastrava-se por toda a parte e os rebeldes impunes cresciam de audacia, multiplicando os assaltos e vindo adeante dos nossos fortes gritar insultos e desafios aos brancos. O commercio tinha desapparecido por completo; e, para tornar mais critica a situação, o temido *fidalgo* Luhuna, do Humbe, de accordo com Maquire e outros salteadores, andava a fazer pelas terras avassalladas proezas não menos de temer que as das *guerras* d'alem Cunene. Os boatos alarmantes eram de todos os dias, e tarde e difficilmente se podia apurar o que n'elles haveria de verdadeiro.

Ao passo que isto estava succedendo, o elemento não indigena preparava como podia a sua defeza e a segurança que as auctoridades lhe não podiam garantir: todos os gados se afastaram do Cunene, a importante povoação do Catequero ficou deserta, alguns residentes fortificaram-se com fossos e palissadas, os missionarios armaram-se e construiram no



Escala de $\frac{1}{3.000.000}$

Itinerario percorrido no reconhecimento ———

NOTA. — Os postos de Mulondo e da Dongoena não existiam na occasião e só foram estabelecidos depois das operações militares.

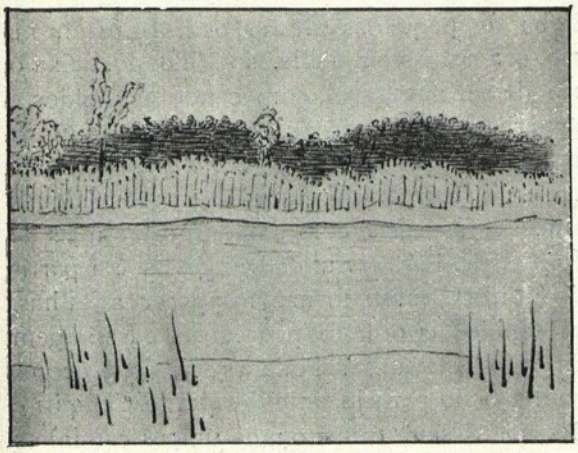
Chiapepe uma grande muralha para receberem gado e gente, e para se entrincheirarem em caso de ataque.

Contrastando com a arrogancia do gentio, triste e duro é confessal-o, o moral das tropas da guarnição estava abatidissimo; descriam do seu proprio valor e avolumavam fabulosamente o numero e a força de qualquer inimigo com que tivessem a defrontar-se. Do que as tropas então valiam, fallam os tristes episodios do Humbe e dos Gambos, ambos passados em 1905, um com uma força europeia de dragões e o outro com uma companhia indigena de infanteria.

O grande desastre do Cunene, de 25 de Setembro de 1904, os insuccessos do Humbe e dos Gambos, em principios de 1905, e a attitude de defeza passiva em que systematicamente nos estavamos mantendo haviam determinado este grave estado de cousas a que urgia dar remedio.

O reconhecimento do Cunene e das regiões visinhas

Na qualidade de chefe de estado maior da provincia, coube-nos o encargo de seguir para o districto da Huilla, afim de fazer os estudos necessarios á adopção de medidas tendentes a garantir a segurança nos territorios da mar-



O RIO CUNENE NO VAU DO PEMBE

gem direita do Cunene e á preparação de futuras operações na margem esquerda d'aquelle rio.

Durou a nossa missão desde 9 de Abril até 17 de Julho de 1905, e effectuámos durante este periodo o percurso que o mappa junto indica. Acompanharam-nos n'esta viagem, servindo de guias e de interpretes, o velho residente da Yoba, Antonio Carlos Maria, conhecido companheiro de Capello e Ivens na sua travessia de Africa, e um dos Vidigaes, o commendador José Antonio Lopes, homem que conhece a fundo aquelles territorios e que entre os indigenas gosa de um extraordinario prestigio.

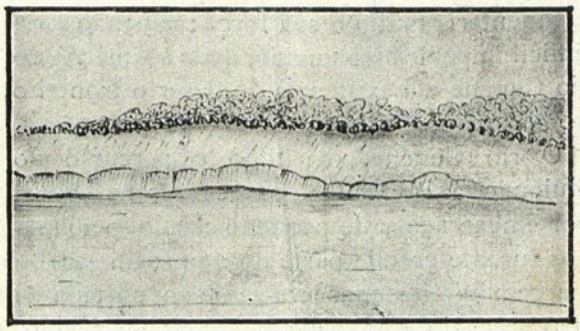
O gentio dos Gambos não acatava então as ordens da auctoridade; mas, ao contrario do que suppunham alguns colonos do Planalto, não hostilisou a pequena expedição: o soba D João, com a vida ameaçada e abandonado dos seus, havia-se acolhido á fortaleza do commando; o pretendente Cander, senhor de quasi todo o sobado, andava em conferencias com o irmão Munguella e com Oorlog, chefe dos muximbas, sem se conhecerem precisamente os seus intuitos; as povoações proximas da estrada seguida estavam, em geral, abandonadas.

No Humbe e na Dongoena, fomos recebidos com agrado pelos differentes *secúlos* e chefes de povoação. Estes povos queriam que lhes dessem meios para se defenderem dos assaltos dos quamatos, e alguns *secúlos* da Dongoena pediram com instancia o estabelecimento de um posto militar nas suas terras. Ligações com os quamatos, parecia não as terem: as passagens do Cunene estavam guardadas com gente armada e defendidas por covas e estacas, algumas povoações fortificadas com fosso e palissada, os caminhos fechados com abatizes, e nas margens do rio quasi todos os dias se trocavam tiros entre o gentio de um e de outro lado.

O Cafo, o Pocolo, a Camba e o Quiteve, regiões de população pouca densa, onde residem alguns europeus e mestiços, estavam decididamente pelo lado dos brancos, assim como o Quipungo e o Capelongo, ao Norte, onde o gentio se mostrava extremamente docil e submisso.

O Mulondo mantinha-se na attitude que era de prever — o povo obedecia cegamente ao seu tyrannico soba Hangálo, e este não reconhecia a nossa auctoridade e não consentia ao pé de si delegados do governo nem nada que pudesse fazer sombra ao seu poder, ao mesmo tempo que abrigava nas suas terras os salteadores d'além Cunene, de cujos roubos compartilhava. Era um rebelde declarado e um perigoso inimigo com que havia a contar. O soba de Mulondo, comtudo, havia já em tempos consentido na visita do Rev. Padre Antunes, superior das missões do Planalto, e não se oppoz tambem agora a que atravessassemos as suas terras, recebendo-nos até na *embala*. Á entrevista que nos concedeu, faremos adeante referencia especial.

Dos povos da margem esquerda do Cunene, quanto tanto se podia ajuizar de informações incompletas, por vezes desencontradas, e sempre de pouca confiança, sabia-se estarem contra nós os dois Quamatos, Grande e Pequeno, a Hinga, a Quanqua e os quambes. O Quanhama parecia não querer envolver-se em questões que o compremettessem e mantinha-se desligado dos quamatos. O Evale conservava-se isolado, sem se unir aos quamatos nem aos quanhamas, parecendo desejar viver bem comnosco e desfazer a má impressão da morte do irmão Dionysio.

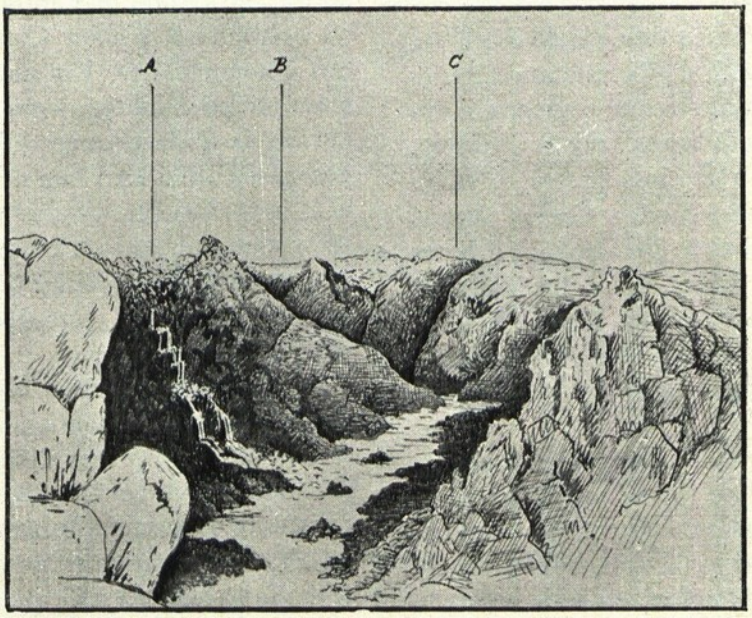


ASPECTO DA MARGEM ESQUERDA DO CUNENE JUNTO AO VAU DE DAMA

A população das tribus hostis e o numero de combatentes que ellas poderiam apresentar não era facil de calcular; comtudo, a estimativa grosseira que os dados obtidos permittiam formular dava 10:000 combatentes aos dois Quamatos, 1:000 aos pequenos povos da Hinga e Quanqua que d'elles dependem, 2:000 aos qualudes e quambes refugiados que se julgam solidarios com os quamatos na guerra contra os europeus, 5:000 aos auxiliares Quanhamas, Evales e de outras tribus, que independentemente da vontade dos respectivos chefes viessem unir-se aos quamatos, ou seja um total de 18:000 combatentes para o inimigo de além Cunene. Sobre armamento, diziam as informações que elles dispunham de umas 8:000 espingardas, sendo 1/8 d'estas, armas aperfeiçoadas, e que as munições não faltavam. Sobre qualidades bellicas, os quamatos passavam por ser mais aguerridos que o gentio do Humbe, e muito mais que o do Quanhama.

Na margem direita do Cunene, o Mulondo dispunha de uns 2:000 combatentes, dos quaes 1.000 armados de espingarrda, sendo 1/3 d'estas de precisão. Podia receber auxilio dos evales, e ainda dos quanhamas e dos quamatos, o que sem duvida augmentaria muito a sua força; mas não seria difficil impedir esse auxilio, dada a situação do rio Cunene e a existencia do deserto fronteiro ao Mulondo.

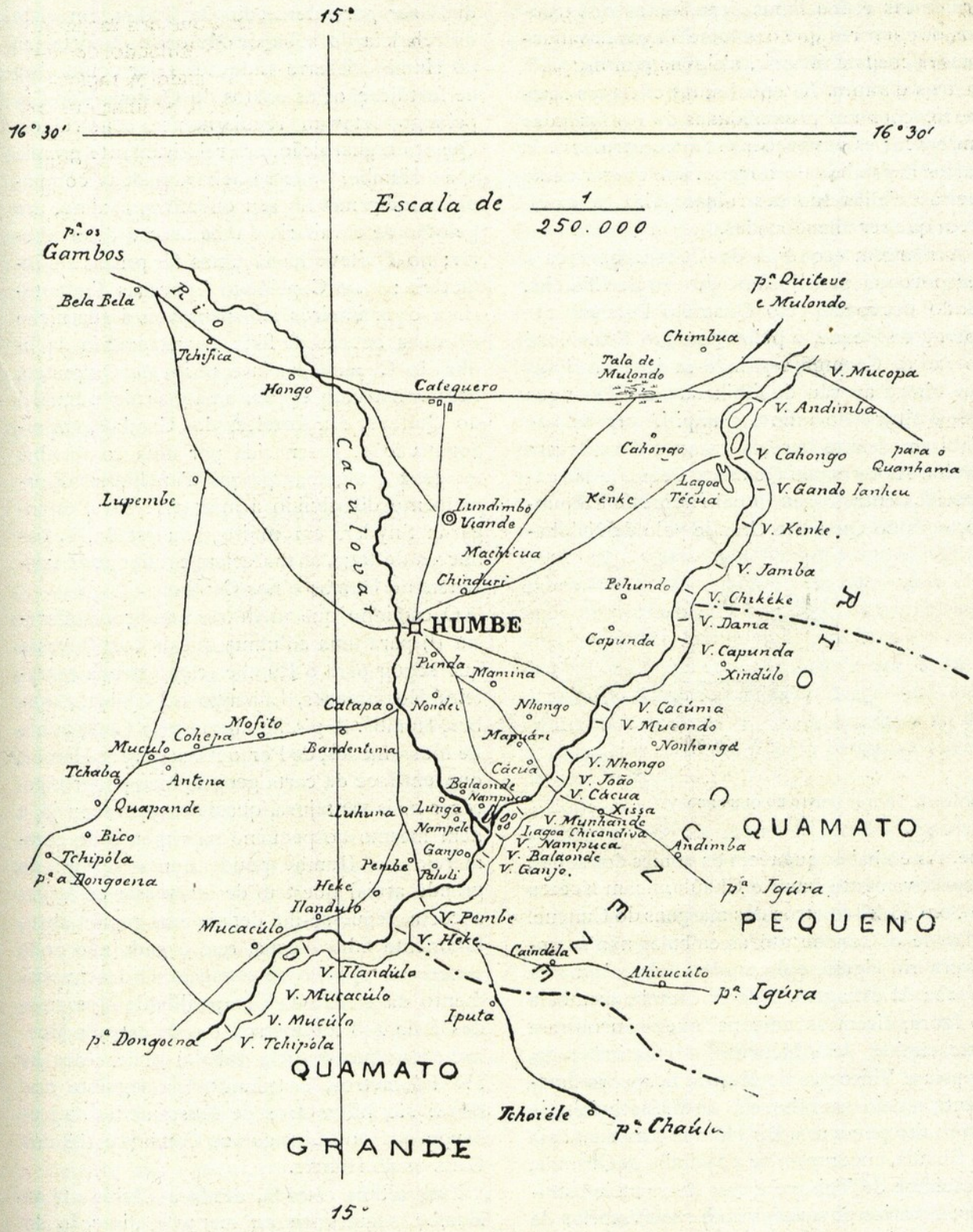
O rio Cunene, em todo o percurso do Mulondo á Dongoena, parece ser navegavel por embarcações de pequeno calado, pelo menos durante grande parte do anno; em geral, a margem direita conserva-se baixa, cortada de braços de rio e povoada de lagoas, alargando-se a *chana* ás vezes até 5 e mais kilometros, e a margem esquerda segue marginada de uma linha de pequenas alturas, que ora tocam no rio, ora se afastam d'elle. No Mulondo, deixa o rio de ser navegavel, começando os rapidos e apparecendo depois ao Norte as ilhas que os indigenas chamam *Quissuco*, e que são habitadas; a margem direita sóbe, sendo n'alguns sitios escarpada e com uma altura de mais de 50 metros. Para o Sul da Dongoena, e a partir do Monte Campiti, tornam a apparecer as ilhas, os rapidos e o leito pedregoso, e a margem direita a elevar-se. Toda a região que acompanha o rio para juzante do Monte Campiti é deserta e sem transito: os unicos caminhos que para alli se encontram são os dos elephantes, que abundam na região, ou, junto ao rio, os abertos pelo cavallo marinho. No sitio em que o Cunene vence o desnivel que vem pela serra da Chella correndo parallelamente á costa maritima, divide-se em tres braços e cahe a uma profundidade de 100 ou mais metros, formando as suas mais notaveis cataractas, conhecidas entre os indigenas pelo nome de Nanguári, cujo cachão se ouve a consideravel distancia. Os rapidos e as cataractas repetem-se para juzante até proximo da foz, que é desabrigada, perigosa e inaccessivel a navios de regulares dimensões, não podendo portanto alimentar-se a ideia de aproveitar o Cunene como via fluvial para as communicações e abastecimentos da região Orampo. N'aquella epocha e porque ha 4 annos pode dizer-se não chovia, eram innumeras as passagens a vau que o rio dava. Na carta das immediações da fortaleza do Humbe, vão indicados os principaes vaus d'aquelle sitio. A agua do Cunene é sempre uma agua potavel de optima qualidade.



O RIO CUNENE NAS CATARACTAS NANGUARI

A, B, C — Cursos seguidos pelos tres braços do Rio

Ao contario do que varias pessoas aqui no metropole suppunham, na margem direita da

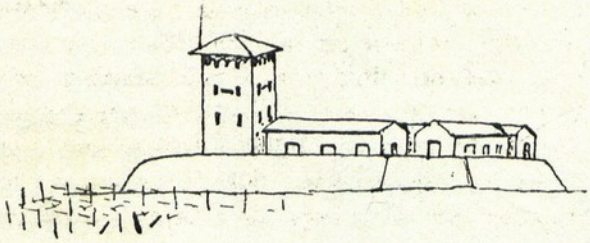


CARTA DAS IMMEDIAÇÕES DA FORTALEZA DO HUMBE

Cunene, até algumas dezenas de kilometros tanto para montante como para juzante da fortaleza do Humbe, não se encontra elevação alguma propria para *testa de ponte*, nem posição que, como base para operações no Quamato, offereça vantagem sobre o local em que está a fortaleza do Humbe. O ponto dominante, salubre, farto d'agua e bem servido de communicações, que devia existir junto ao Cunene, e que chegou a ser apontado como ficando a uma hora para Nordeste da actual fortaleza, não existe: toda a margem direita do rio é baixa e pantanosa até grande distancia, e inundada na epocha das cheias, vendo-se das

gramineas e dos limos depositados nos troncos das arvores que o volume d'agua nas inundações chega a attingir, n'alguns pontos, 7 e 8 metros d'altura. Na epocha das cheias as communicações nas proximidades do rio fazem-se em barco; as povoações estão construidas nas partes mais altas do terreno, mas apezar d'isso muitas d'ellas são destruidas pelas aguas ou teem que ser abandonadas.

A margem esquerda do Cunene começa a ser povoada para juzante do vau de Chikeke, sendo occupada pelo Quamato Pequeno até ao vau de Heque, e pelo Quamato Grande até ao vau de Canama, seguindo-se depois a Hinga que chega ao vau de Chikende, e a Quanqua até á altura do monte Campiti, tornando-se d'ahi em deante deserta como o é a margem direita. As terras do Quamato Pequeno são conhecidas entre o gentio pelo nome de Umpungo, e as do Quamato Grande pelo de Nalohe-



POSTO DO QUIPUNGO

que. As embalas, que teem os nomes dos sobas, respectivamente Igura e Chaúla, ficam a cêrca de 30 e 45 kilometros das margens do Cunene.

Desde o Cunene até ás embalas não se encontra rio algum, e é grande a falta d'agua na epocha da estiagem. Indo do Humbe á embala do Igura, dizem os indigenas que se encontram as cacimbas de Ahicucuto, Mafuatimbendje, Mupaia e Vifito: as de Mupaia ficam proximamente a meio caminho, e as de Mafuatimbendje são muito pequenas. Do Humbe para a embala do Chaúla, encontram-se a cacimba de Ontinde, a cacimba de Tchoyele, que fica a meio caminho, e varias povoações com reservatorios de agua da chuva. O terreno em ambos os Quamatos é baixo, com pequenas ondulações, alagadiço na epocha das chuvas, e mais descoberto no Quamato Grande do que no Quamato Pequeno, onde as mattas são frequentes.

A margem direita do Cunene estava occupada com a fortaleza do Humbe e os postos militares de Quiteve e Capelongo: a communicação do Quiteve com o Capelongo só se podia fazer por intermedio da Chibia, em vista da rebeldia do soba de Mulondo. A fortaleza do Humbe deixava tudo a desejar como obra de fortificação; os postos do Quiteve e do Capelongo estavam regularmente construidos. Quanto a guarnição, era relativamente grande a do Humbe, onde se achavam duas companhias indigenas no seu effectivo maximo, um pelotão de cavallaria e uma secção de artilheria; no Quiteve havia umas 30 praças de infanteria; e no Capelongo 50 praças d'infanteria e os artilheiros indispensaveis á guarnição de duas boccas de fogo. Á retaguarda da linha do Cunene, havia o posto de Quipungo, bem construido e com uma guarnição igual á do Quiteve, e a fortaleza dos Gambos, em reconstrucção, guarnecida por uma companhia indigena e algumas praças d'artilheria. O armamento distribuido á infanteria era a espingarda Snyder, em muito mau estado, e, das boccas de fogo, só mereciam confiança as existentes no Humbe e nos Gambos.

O caminho que melhores condições offerecia [1] para uma columna que da costa tivesse que seguir para o Humbe era a estrada carreteira Mossamedes, Lubango ou Chibia, Gambos, Humbe. A *picada* aberta pela Companhia de Mossamedes, de Porto Alexandre ao Humbe, que em face da carta geographica poderia parecer mais vantajosa, quasi desappareceu já, e nem mesmo ao pequeno movimento do commercio do Humbe poude nunça servir: ao grande areial que tem de atravessar ao largar a costa, segue-se-lhe depois uma região absolutamente falta d'agua, que o gado não pode vencer na epocha da estiagem. O desenvolvimento da *picada* da Companhia de Mossamedes é de 448 kilometros, e o da estrada Mossamedes-Humbe (pela Bibala) é de cerca de 518 kilometros, distribuidos da seguinte maneira: 234 kilometros de Mossamedes ao Lubango, 151 do Lubango aos Gambos e 133 dos Gambos ao Humbe.

Esta ultima estrada, desde a Chibia até ao Humbe, segue mais ou menos a direcção do rio Caculovar, em que toca varias vezes; em alguns sitios, porem, como no Bizambundo, Cachana e Cavallána, a estrada afasta-se do Caculovar e as cacimbas de que se abastece o

---

[1] N'esta epocha ainda não haviam começado os trabalhos do caminho de ferro de Mossamedes, nem estava decretada a sua construcção.

transito habitual não poderiam bastar para uma columna de tropas, ainda que não fosse muito numerosa, tornando-se necessarias algumas obras para garantir o seu abastecimento d'agua. Comquanto esta estrada passe por povoações d'alguma importancia, como o Lubango, a Huilla, a Chibia e os Gambos, pode dizer-se que, sob o ponto de vista de commodidades a proporcionar á marcha de uma columna, tudo havia a fazer. A partir do Lubango, a região atravessada, especialmente os Gambos, é rica em mantimento (massambala, massango e milho), que dá optima ração para os solipedes e que em annos normaes permittirá alimentar com recursos locaes durante alguns mezes um grande effectivo de indigenas.

A travessia do Mulondo

Uma audiencia do soba

As terras de Mulondo estendem-se junto ao Cunene, desde a matta que corre para o Poente, na altura do vau de Caimone, ao Sul, até ao vau de Vitundo, ao Norte, n'uma região deserta. Governava as terras o soba Hangálo, que entrou na *embala* pela força, ha muitos annos, e que alli conseguiu manter-se mais pelo horror das atrocidades que commettia do que pela affeição dos seus infelizes vassallos. O Quipungo, o Quiteve e a Camba estavam cheios de fugitivos de Mulondo que, para salvar a vida, tiveram que escapar-se á furia dos seus instinctos sanguinarios; em compensação, no Mulondo, encontravam-se rebeldes fugidos á perseguição das nossas auctoridades, e ladrões e faccinoras que seriam mortos se apparecessem nas terras em que commetteram os seus crimes.

Para os europeus, a entrada no Mulondo só era permittida a quem pagasse sufficiente tributo e a quem não offerecesse suspeitas de espionar ou de tramar contra a vida e o poder de Hangalo. Esta permissão queria dizer que o viajante não encontraria opposição armada á sua entrada nas terras, mas de modo nenhum significava qualquer garantia á sua vida ou á sua propriedade emquanto lá estivesse. Assim negociantes que se aventuravam a ir *funar* no Mulondo, depois de pagar ao soba um não pequeno tributo de polvora, aguardente, fazendas e coral, tiveram algumas vezes, para salvar a vida, de se deixar espoliar pelos *lengas* e grandes da terra, entrar descalços na embala para pedir perdão de suppostas offensas, e... beijar os pés do soba, para conseguir que a ira d'elle se desse por applacada com as extorsões que já tinham soffrido!

Não estando nós em circumstancias de nos impormos pela força e desejando arredar difficuldades que nos impedissem de levar a cabo um reconhecimento da região do Mulondo, apressámo-nos em mandar com antecipação emissarios ao Hangalo, annunciando-lhe a travessia das suas terras sob o pretexto de estudo do curso do rio Cunene, e mostrando-lhe ao mesmo tempo desejo de ser recebidos na *embala*. Os emissarios deviam voltar com a resposta sobre a projectada viagem e com a noticia do que por lá tivessem visto e ouvido ácerca das verdadeiras disposições do soba.

No dia 12 de junho, á tarde, chegava a expedição á altura do vau de Cabale, já em terras do Mulondo, onde se acampou. Os emissarios não tinham ainda apparecido, nem d'elles havia noticia; mas, apesar d'isso, resolvemos continuar a viagem até que apparecesse algum obstaculo, e effectivamente na madrugada seseguinte punha-se em marcha toda a comitiva, que, alem dos dois guias Carlos Maria e José Lopes, era tambem constituida pelos residentes do Quiteve, Miguel e Bernardino, que quizeram aggregar-se, duas ordenanças de dragões, um carro boer, uma carroça e algum pessoal indigena.

Logo aos primeiros passos, foi-nos tomado o caminho por um grupo de gentios armados, que pela fogueira que ainda ardia se via terem passado alli a noite: eram gente de Muene Pango, *secúlo* que tinha a seu cargo a guarda da entrada das terras, que vinham dizer que a comitiva não podia avançar sem que viesse ordem da *embala*. Com alguma argumentação e uma distribuição generosa de pannos e aguardente, consentiu Mueno Pango que entrassemos e fossemos seguindo a nossa viagem, mandando comtudo a toda a pressa um escoteiro ao Hangalo a participar-lhe o occorrido.

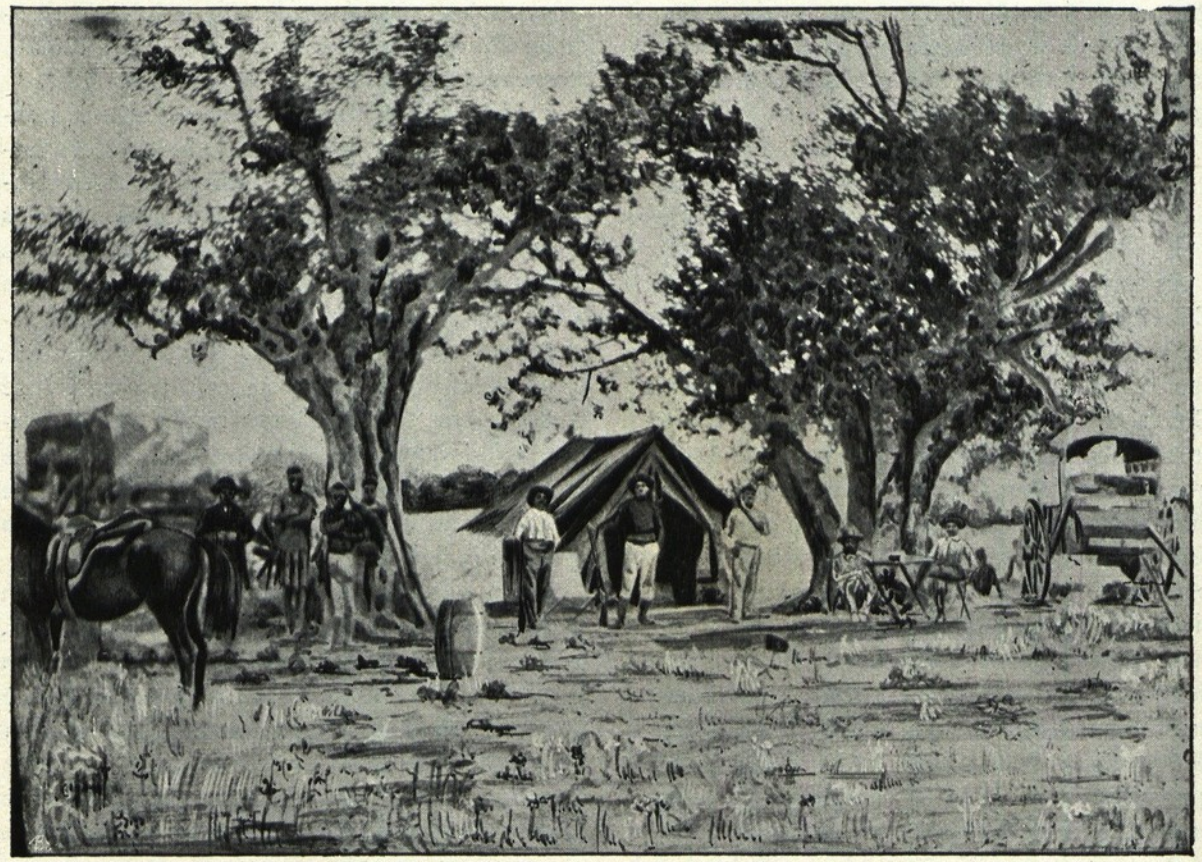
Ás 10 horas da manhã, chegava a expedição ao vau do Cácua, e alli a aguardava novo grupo de gentio. Não houve então remedio senão parar e esperar as ordens do soba, que pouco tardaram. Quando se estava preparando o almoço, chegava ao acampamento uma deputação de gente da *embala*, de chapeu na cabeça, uns com casacos, outros de camisa, todos armados de armas finas e cartucheiras á cintura: eram Muene Chassa, irmão do Hangalo, varios *lengas* (chefes de guerra), o

interprete Calenga, e o *chicaixeiro* (ajudante d'ordens do soba); e vinham tambem, desarmados, os dois emissarios que tinhamos mandado adeante e que elles não mais deixaram sahir.

O soba tinha effectivamente recebido o nosso recado, mas nada havia respondido por estar muito desconfiado: não comprehendia o que era esse estudo do rio Cunene, e ao mesmo tempo sabia que o parente do Muene Puto (como elle nos chamava) levava comsigo o *cabeça* do Humbe (commendador Lopes), o *cabeça* da Chibia (Carlos Maria) e o *cabeça* do Quiteve (Miguel), e não acreditava que se tivessem reunido estas pessoas simplesmente para o ver ou para estudar o rio Cunene. Succederam-se as duvidas e as explicações sobre o fim da visita; mas, certificados de que não traziamos mais gente do que elles alli viam, que era bem pouca para qualquer hostilidade, permittiram-nos que avançassemos até á porta da *embala*, onde o Hangálo resolveria definitivamente sobre a recepção. Tomaram conta dos presentes destinados ao soba, e lá seguiram com elles.

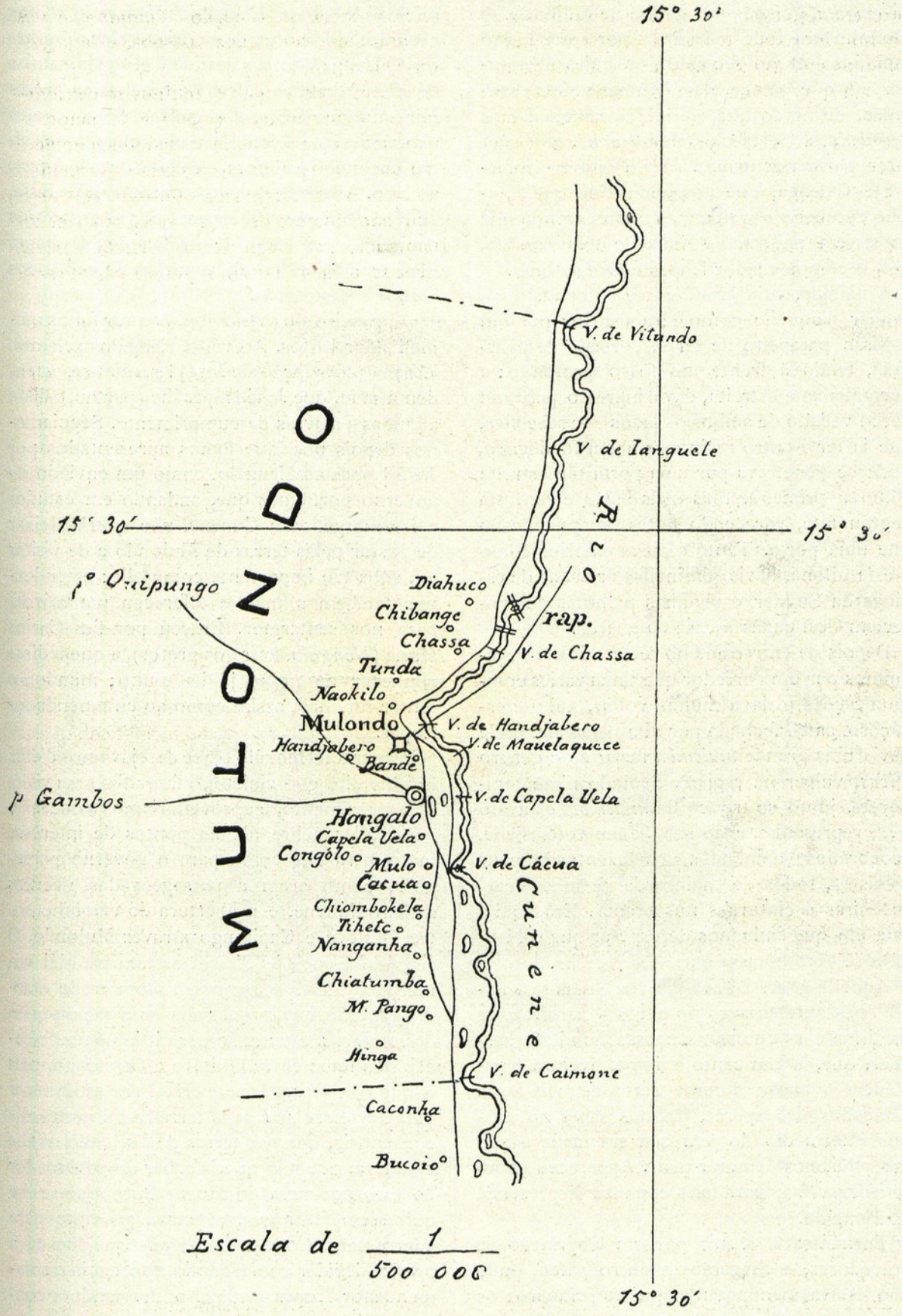
Emquanto os *lengas* e *fidalgos* se demoraram no acampamento, pediram de comer e sobretudo de beber, pediram pannos e tabaco, e foram tambem fazendo justiça a seu modo: em volta do acampamento tinha-se agrupado já um bom numero de indigenas do povo, gente desarmada, que vinha ver os brancos e trazia gallinhas e *fuba* (farinha), para a permuta de pannos; as gallinhas e a *fuba* foram logo confiscadas — não tinham licença para vender, diziam os apprehensores —, e o *sjamboch* (cavallo marinho) trabalhava, castigando um e outro que por gestos ou por palavras não tinham para com aquellas altas personagens o respeito devido.

Depois d'almoço, seriam duas da tarde, a comitiva dividiu-se: os carros e os serviçaes indigenas continuaram seguindo junto ao rio, e nós tomámos com os cavalleiros na direcção



O MEU ACAMPAMENTO NO HUMBE

Os tres homens em frente da barraca são, da direita para a esquerda, o commendador J. Lopes, o dono do carro que levava a bagagem e o interprete Carlos Maria. Sentados á meza, estão o auctor e o capitão Remedios da Fonseca, da 12.ª companhia indigena de Moçambique. O preto que está de chapeu, á esquerda, é o cozinheiro do auctor.



CARTA DAS TERRAS DE MULONDO

da *embala*, guiados por gentio de Mulondo. O caminho era todo a subir, e por entre matto espinhoso muito fechado; os guias fizeram-nos, ao que parece, dar algumas voltas escusadas, de modo que só ás 4 horas chegámos á *embala*, á porta chamada *djumbi*, que quer dizer *porta das armas*. Já alli estava o interprete Calenga, que nos annunciou que Hangálo receberia a visita, mas não consentia que entrassem na *embala* mais de tres pessoas, nós, o commendador Lopes e Calos Maria.

A embala, cuja grandeza se não podia bem avaliar d'aquelle ponto, era fechada por um espesso parapeito de terra, coroado de palissada, tendo á frente um fosso profundo; a porta, baixa e estreita, dava ingresso para um becco vedado de ambos os lados por sebe viva, que ia ter a outro recinto tambem fortificado, onde se penetrava por uma porta tão estreita como a primeira, mas mais baixa e com um degrau alto, parecendo antes um postigo do que uma porta. Tanto á porta exterior como a esta ultima, havia sentinellas armadas de espingarda Snyder, e algumas palhotas que pareciam destinadas a casa da guarda.

Depois de entrarmos no recinto interior, seguimos por um corredor que tinha varias communicações e dava muitas voltas, até um espaçoso pateo fechado por alta palissada, onde havia uma grande *mulemba* (arvore do genero *Ficus*, vulgar na região). Sentado n'um tamborete, junto ao tronco da *mulemba*, estava o *jota*, representante do soba, e em volta d'elle, acocorados e apinhados, uns duzentos homens robustos, todos de espingarda na mão e cartucheiras á cintura e nos braços. Era aqui a sala em que tinhamos de esperar que o Hangálo se apromptasse para nos receber.

Aquella gente fallava em voz baixa, mas havia constante sussuro no pateo e cruzavam-se os ditos e as chufas ás nossas humildes pessoas, que, a um canto e de pé, tiveram a paciencia á prova durante cerca de meia hora. Cançados de esperar, fizemos saber ao soba por intermedio do *jota* que era tarde e não nos podiamos demorar mais. Appareceu então o *chicaixeiro*, para nos conduzir á presença do Hangálo.

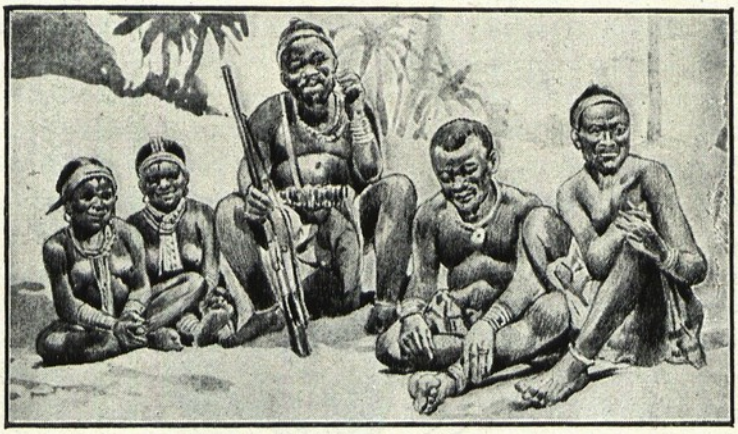
Tornámos a seguir por um labyrintho de corredores, e chegámos a outro pateo, onde não estava menos gente que no primeiro: os homens, acocorados e armados de Martinis e Snyders, formaram circulo em volta de um cacto arboreo, á sombra do qual estava o formidavel e obeso Hangálo, repotreado n'uma esteira, tendo ao pé de si vinte e cinco mulheres. O Hangálo estava vestido á européa, camisa de chita, grandes calças de bombazina presas por suspensorios, botas pretas de cano alto expressamente feitas para elle, chapeu de feltro, cachimbo na bocca, e chapeu de sol, aberto, ao lado. As mulheres estavam em traje de festa, pelle de boi preto á cintura, corpo untado de manteiga, penteado de orelha de elephante com tromba de coral, manilhas de cobre nos braços e nas pernas.

O primeiro dos visitantes a entrar foi o commendador Lopes. Ao vel-o, Hangálo exclamou «*Zuza*» (corrupção de José)! sentou-se, estendeu a mão, que José Lopes lhe apertou, e disse algumas palavras de cumprimento. Seguiamo-nos depois nós, que fomos apresentados por José Lopes ao Hangálo, como um enviado do governo portuguez que, andando em estudos pelas margens do Cunene, não queria deixar de passar pelas terras de Mulondo e de visitar um soba tão importante como elle: estendeu-nos tambem a mão e offereceu um caixote para nos sentarmos. Entrou por fim Carlos Maria (*Nongólo*, entre os pretos), a quem disse conhecer de nome já ha muito; mandou-o sentar no chão, assim como ao commendador Lopes.

Perguntou Hangálo o que desejávamos d'elle. Foi-lhe dito que vinhamos fazer-lhe uma visita de cumprimento, e aproveitariamos a occasião para fallar sobre alguns pontos de interesse tanto para elle como para o governo portuguez, como eram a passagem das *guerras* d'alem Cunene, e a abertura do caminho entre Quiteve e Capilongo atravez Mulondo. O simples enunciado d'estes assumptos mal humorou o soba, que rompeu n'um azedo aranzel, dizendo que nada tinha com a passagem das *guerras*, e que não permittia communicação nenhuma entre Quiteve e Capilongo, pois o que os portuguezes queriam era estabelecer uma fortaleza nas suas terras e tal nunca elle consentiria, que nas terras de Mulondo só elle mandava, que não queria saber do governador do Lubango nem do Muene Puto, que se lhe quizessem fazer guerra estava prompto para guerra, etc. Com a habilidade que lhe dá a pratica de lidar com o gentio, conseguiu o commendador Lopes acalmal-o, desviando a conversa d'esses assumptos e enveredando pelo elogio da sua sabia administração, das suas virtudes pessoaes, e pela admiração do seu

grande poderio. Em pouco tempo, Hangálo era outro homem, alegre e, se não amavel, ao menos indulgente com as suas visitas. Permittiu espontaneamente que entrassem na *embala* os outros brancos da comitiva, e fez approximar os presentes que lhe haviam sido offerecidos: examinou as fazendas, gabando um *panno da costa*, escolheu de dentro os coraes um fio de *noheba*, que poz ao pescoço, e mandou abrir os barris de aguardente e vinho branco. As primeiras canecas que se tiraram foram para os offertantes, praxe seguida nas *embalas* para garantia de que na bebida offerecida não ha veneno, e depois beberam os *lengas* e mais gente que alli estava; as mulheres do soba não beberam nada, e este, tambem á cautela, não quiz provar o liquido dos barris, acompanhando todavia a festa com copos de *macau* (cerveja indigena), do fabrico de sua casa, que lhe eram servidos pela mulher favorita.

Hangálo não se fartava de fallar, elogiando a sua pessoa e contando historias da sua valentia e da sua destreza. Cada palavra que Hangálo dizia era coberta de applausos pela multidão. As maiores semsaborias eram ditos engraçadissimos. Pêtas chapadas eram a pura expressão da verdade. Toda a gente via que a obesidade do Hangálo não lhe deixava dar dois passos e muito menos andar a cavallo; pois uma das historietas que elle contou é que, na lua passada, tinha sahido a cavallo, á caça do elephante, e que no mesmo dia matou dois elephantes, «dois valentes machos», dizia elle para a sua côrte, «não é verdade?» «*Quêto! Quêto!*» respondia a carneirada que o rodeava, convencido cada um de que realmente tinha visto os elephantes mortos, e pondo-se a discutir uns com os outros o comprimento que tinham as pontas dos taes elephantes... imaginarios!!! A côr do Hangálo era pouco mais ou menos a de um tição; e uma exclamação d'elle, frequente, era: «Eu sou branco! Pois não sou?» «*Quêto! Quêto!*» respondia sempre o côro, com a maior das convicções! Hangálo babava-se e cuspia muito, e as mulheres que estavam mais perto tinham que fazer a limpar o cuspo com a mão, ou, como ellas dizem, a *apagar o cuspo*.



PRETOS DE MULONDO

O do centro é o Hangalo, soba de Mulondo. A' direita estão duas das suas mulheres. A' esquerda está o Calenga, interprete d'elle, e o pae.

Na sua preoccupação de se mostrar pessoa civilisada, Hangálo mandou servir café ás visitas, mandou buscar um harmonio que deu a um dos rapazes para tocar, uma caixa de musica que moeu todas as peças do repertorio, e até um relogio d'algibeira a que elle propio esteve dando corda.

Quando ia começar a escurecer, mostrámos desejos de nos retirar, mas o soba instou para mais um bocado de demora, e percebeu-se logo para que era: atravessavam d'alli a pouco o pateo da recepção quatro cavallos, e o soba não queria que perdessemos aquella outra amostra da sua grandeza.

Á despedida, o Hangálo disse-nos que, em retribuição dos presentes recebidos, tinha dois *garrotes* (bois pequenos) para nos offerecer; um mandaria immediatamente ao acampamento, para ser comido n'aquella noite, e o outro, o mandaria no dia seguinte, para a viagem.

Como já tivesse anoutecido, e nenhum de nós conhecesse alli os caminhos, veiu comnosco o *chicaixeiro*, para nos conduzir ao logar em que estavam acampados os carros. O caminho era todo atravez de emmaranhada matta de espinheiros, e contornava a celebre lagoa *Biri*, povoada de jacarés, onde eram sacrificadas as raparigas que concebiam antes de ter passado pelo *mufico* (cerimonia da festa annual da puberdade).

Chegámos ao acampamento, appareceu logo a seguir o primeiro *garrote* promettido pelo soba, e algum gentio da *embala* e das immediações que matou o animal e o fez em mil

pedaços para que a todos chegasse a *nhama* (carne), de que tão avidos são; o outro *garrote* nunca appareceu. Um dos gentios, que pelo cabello e traje se conhecia ser quanhama, poz-se a dizer que os brancos haviam de ser todos mortos antes de sahir do Mulondo, e que estava a chegar uma *guerra* que o Hangálo tinha chamado para os atacar no caminho: estava ebrio, e ninguem fez caso do que elle dizia; de resto, a insolencia para com os europeus era corrente n'aquellas paragens.

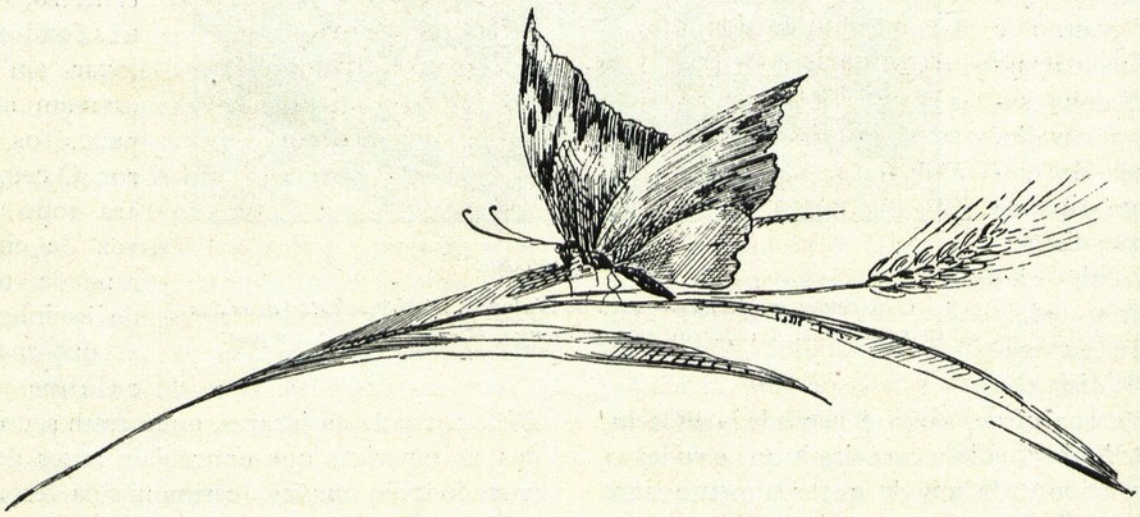
A noite passou-se sem novidade, e na manhã seguinte retomava a comitiva a sua marcha ao longo do Cunene. Passámos pelas libatas de Bande, pae do Hangálo, e Chassa, seu irmão e successor ao sobado, e fomos acampar perto do vau de Diahuco, onde a população começa já a rarear.

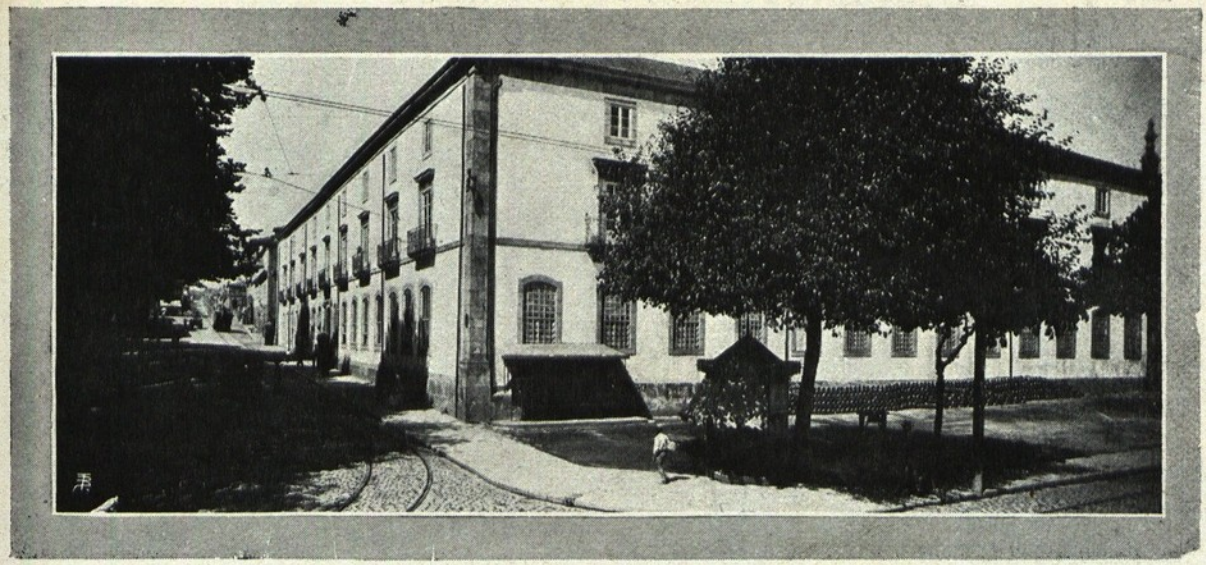
Seriam 2 horas da madrugada, todo o acampamento acordou, com o ladrar insistente dos cães: era um cavalleiro que chegava; dizia vir da *embala*, de mandado do Hangálo, prevenir a expedição de que tinha pela frente uma grande *guerra* de quanhamas, e que devia esperar alli um dia para dar tempo a que ella passasse, sem o que o soba não se responsabilisava pelo que pudesse succeder-nos. O pessoal branco estava deitado dentro dos carros, porque o frio era muito, e quando sahimos para segurar esse cavalleiro e colher d'elle esclarecimentos, já o não vimos. Os caçadores e creados que estavam em volta dos carros começaram commentando o caso de varios modos; mas o commendador Lopes entendeu que a demora que o Hangálo queria que alli tivessemos era uma cilada que nos armava, e que a *guerra* de quanhamas ou de mulondos não estava pela frente mas sim pela retaguarda, e propoz, o que foi acceite, que a expedição se puzesse immediatamente em marcha e a andar quanto pudesse. Como os bois tinham ficado presos ás cangas e todo o pessoal estava acordado, foi um instante emquanto carros e cavalleiros largaram o acampamento.

Com um bocado de esforço estavam os carros ás 11 horas da manhã para alem do vau de Vitundo, já fóra das terras de Mulondo e a uma grande distancia das suas ultimas povoações. A *guerra*, que o soba dizia que a expedição tinha na frente, não foi encontrada.

(Continua.)

EDUARDO AUGUSTO MARQUES
Capitão do serviço de estado maior.





EDIFICIO DA BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO

A Bibliotheca Publica do Porto

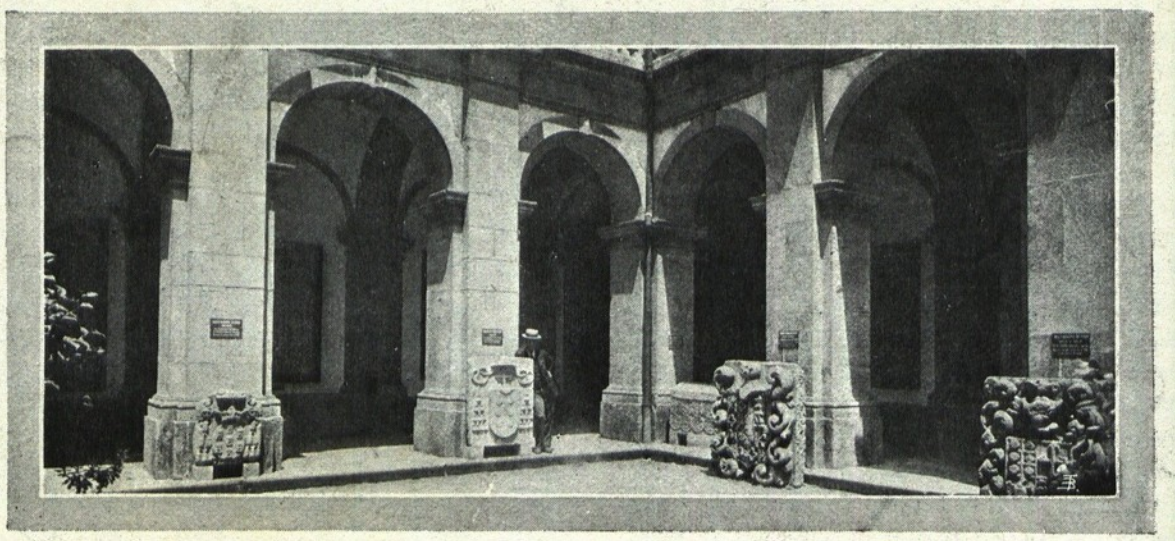
I

SUA FUNDAÇÃO E INSTALLAÇÃO

D'um portuense, e portuense illustre por benemerencia litteraria e artistica, dimanou a primeira idéa da creação d'uma livraria publica na segunda cidade do reino; pois, havendo os lentes da Academia Real de Marinha e Commercio do Porto, João Baptista Ribeiro e Raymundo Joaquim da Costa, escripto para Paris em 1818 uma carta ao Morgado de Matheus, D. José Maria de Sousa, louvando o modo por que elle se desvelara em elevar um monumento á memoria do poeta immortal da nacionalidade, de Paris em 22 de setembro do mesmo anno lhes respondeu, captivadamente agradecido, o preclaro editor, que apenas acabada sua edição lhes declara que um dos seus primeiros cuidados fôra indagar se no Porto existia uma Bibliotheca Publica, para fazer-lhe a offerta devida e pedir-lhe depositasse o exemplar, que era sua mente remetter-lhe, na sua collecção. Mas não sem magoa soubera que o Porto carecia de um similhante estabelecimento; observou então que este objecto não pode ser esquecido e addita que se persuade que, se a Academia, a cujo corpo docente pertenciam os destinatarios da sua carta, fizesse a proposição á Camara, esta não deixaria de empenhar-se em promover uma fundação tam util, terminando por consignar o desejo de que a um portuense desculpada fôsse a expressão dos votos que acabara de exarar.

Não se esqueceu João Baptista Ribeiro do honroso encargo moral que, por assim dizer, lhe commettera o Morgado de Matheus, antes d'elle se lembrou em momento que lhe pareceu azado e propicio, por isso que durante o heroico cerco do Porto e em uma das entrevistas em que por vezes se encontrara com o duque de Bragança, aconteceu ter elle occasião de submetter á leitura do Imperador aquella carta que o insigne promotor da luxuosa edição Camoneana de Paris, em 1818, lhe dirigira a elle e ao seu collega, lente de gravura, Raymundo Joaquim da Costa, e na qual o delicado patriota lembrava a creação de uma Bibliotheca Publica no Porto.

Alguns dias depois, durante os quaes



UM RECANTO DO CLAUSTRO — PARTE DA SECÇÃO DE ARMORIAL

João Baptista Ribeiro se encarregou de sondar e preparar a opinião dos que então geriam os negocios do municipio, appareceu, na data do primeiro anniversario da entrada do exercito liberal no Porto, o decreto instituidor da bibliotheca publica portuense. Esse decreto é referendado pelo ministro do reino, Candido José Xavier; seu art. 4.º determinava que a livraria publica do Porto seria instituida na casa que servia de hospicio dos religiosos de Santo Antonio de Val de Piedade, sita na Praça da Cordoaria, edificio acanhadissimo onde se estabeleceu ao depois a «Roda dos Expostos». Para ahi se mandou recolher as livrarias das ordens religiosas, e na casa da viuva Carneiro, alquilador, onde funccionava o «Correio Geral», as livrarias sequestradas pertencentes aos diversos cidadãos de opinião absolutista que, tendo-se ausentado do Porto durante o cerco, fôram considerados proscriptos, ficando, ainda assim, a maior d'essas livrarias no local onde se encontrava, a do Paço Episcopal, por ser propriedade do bispo D. João de Magalhães e Avellar, que tambem se tinha ausentado da cidade. O bibliothecario Eduardo Allen dá nota que estas livrarias particulares fôram ao depois todas pagas a seus donos: a do bispo, avaliada em vinte e quatro contos de reis por Alexandre Herculano e outro perito, paga pelo Estado, bem como a de Alexandre Garrett e as de alguns outros; pela Camara, poucos annos havia á data em que o rememorava Eduardo Allen, a do visconde de Balsemão.

INTERIOR DO CLAUSTRO — SECÇÃO DE EPIGRAPHIA LAPIDAR

Ao cabo de algumas hesitações, optou-se por serem todos os livros que formavam a nova Bibliotheca removidos do restricto edificio da Cordoaria, aliás escolhido outrosim para alojar a entidade tambem nova do Tribunal Commercial. Destinou-se-lhes o Paço Episcopal, incorporando-se todos os volumes recolhidos na livraria do bispo e ficando no andar terreo do mesmo paço.

Ahi começou a faina da escolha e collocação dos setenta a oitenta mil volumes que a Bibliotheca Portuense em seu prin-

cipio possuia, e já mesmo da sua catalogação se encetou, cuidando com probidade, cumprindo os empregados da casa a laboriosissima tarefa, que durou desde 1835 até 1840.

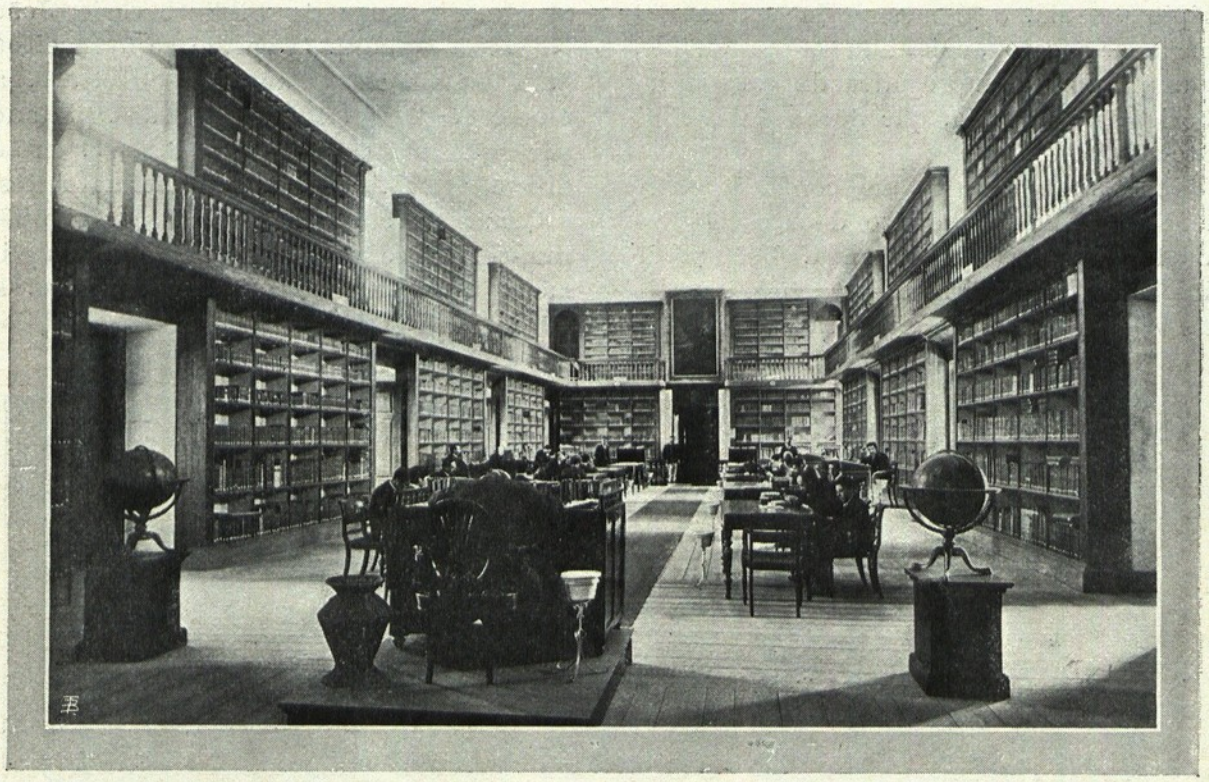
Entretanto dava-se um conflicto entre a Camara e o prefeito do Douro, Manuel Gonçalves de Miranda, homem de iniciativa e de firmeza—*the right man in the right place*, a caracteristica Allen lh'a applica e attribue, — visto como a Camara preferia para a Bibliotheca o Paço do Bispo, em contra do judicioso alvitre do prefeito, que lhe destinara o edificio onde actualmente ella se encontra, o convento de Santo Antonio da Cidade, sito a S. Lazaro.

Ahi, depois de convenientemente installada, em dous vastos salões, com uma galeria um pouco acima do meio e correndo a todo o comprimento d'elles, forrado tudo de estantes de alto a baixo, se inaugurou a livraria publica portuense no dia 8 de dezembro de 1842, pronunciando, em presença de todas as auctoridades e innumeravel concurso de pessoas das classes illustradas do Porto, o discurso de abertura o segundo bibliothecario João Nogueira Gandra. O ensejo se aproveitou para egualmente inaugurar o retrato, a oleo e corpo inteiro, de D. Pedro, pintado por aquelle João Baptista Ribeiro, então director da Academia de Bellas Artes.

Quando se creara a Bibliotheca, escolheram-se immediatamente para ella seu primeiro e segundo bibliothecario; logo, a 10 de julho, foi nomeado primeiro bibliothecario Diogo de Goes Lara de Andrade, que fôra redactor da *Gazeta de Lisboa* e que estivera preso, porque, deixando-se illudir pela falsa assignatura do marquez de Loulé, auctorisou a publicação n'aquella folha official do annuncio para a arrematação das bestas que tinham puxado o carro de D. João VI na sua volta de Villa Franca em junho de 1823. Celebre a esse annuncio chama um actual douto inquiridor das antiguidades modernas do Porto e celeberrima resoara, de facto, a coeva retumbancia da audacia tam escandalisante quam perigosa.

No dia 17 foi feita a nomeação do segundo bibliothecario da Bibliotheca do Porto, ao qual no immediato dia 22 de Fevereiro

SALÃO DE LEITURA, VISTO DA ENTRADA



SALÃO DE LEITURA, VISTO DO FUNDO

d'esse pelejado anno de 1833 se lhe mandou coadjuvar o bibliothecario mór na assiduidade de effectivo serviço. Era elle um simples soldado do batalhão dos voluntarios da rainha; porém da maneira como se havia portado nas refregas sanguinolentas do anno anterior, o commandante da terceira companhia, o capitão José Joaquim Esteves Mosqueira, disse que «teve sempre uma conducta, civil e militar, irreprehensivel e digna do maior elogio, grangeando a devida consideração de todos os seus companheiros de armas pelo distincto e singular comportamento com que se houve em todas as occasiões de fogo, realçando, pela sua bravura e denodado valor, entre os demais». De um homem que assim se assignalava—entre os demais—no batalhão de voluntarios da rainha, ninguem poderia suppôr (justiceiramente o pondera o illustradissimo investigador portuense) que se afastava das fileiras para escapar aos perigos; mas, se essa suspeição poderia haver, em termos bem precisos a desmente um attestado official, assignado pelo capitão Joaquim Antonio Nogueira, que foi subalterno da 1.ª companhia dos voluntarios e, com referencia a esse voluntario, duas vezes glorioso, pois, então pelas armas, ao deante pelas lettras, se expressa n'estes honrosos termos: «Dispensado de todo o serviço, não houve um só fogo nas linhas de defeza em que elle espontaneamente se não unisse á 1.ª companhia, batendo-se com o maior sangue-frio e chamando os seus irmãos á gloria, porque foi sempre um dos primeiros a avançar contra o inimigo».

Este voluntario da rainha chamava-se Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo; e, sobrevindo a revolução de setembro de 1836, por lealismo para com a Carta, que, com o novo juramento exigido á superveniente constituição politica do paiz, elle não quiz perjurar, se exonerou do seu cargo de segundo bibliothecario da Bibliotheca do Porto, como, por identico motivo, se demittiu o primeiro bibliothecario Diogo de Goes Lara de Andrade, que foi substituido por Francisco Velloso da Cruz.

Através das consecutivas fluctuações politicas que marcam o periodo da implantação do systema representativo em Portugal, proseguiu invariavelmente prestando seus serviços aos estudiosos a Bibliotheca Publica do Porto, para a qual

elaborou um regulamento em 1856 o conde de Samodães (Francisco), regulamento que não logrou a approvação do assiduo leitor na livraria publica portuense, por então, Augusto Soromenho. Verberou-o, no seu estylo aspero, em dois folhetins do *Portugal*, folha absolutista, de que eram redactores o dr. Casimiro de Castro Neves e Luiz Ribeiro de Sottomaior. Em defeza do seu trabalho e replicando ás criticas de Augusto Soromenho, algumas das quaes eram manifestamente improcedentes, acudiu o elaborador do regulamento censurado, retorquindo em outro folhetim do mesmo periodico, no n.º de 27 de novembro do referido anno de 1856, onde consigna que sua mente estivera em que a Bibliotheca não fôsse um gabinete de leitura, porém sim de estudo.

De estudiosos se nobilitou, com effeito, desde logo da sua installação a concorrencia da livraria publica portuense e seria curioso percorrer as laudas dos livros de inscripção dos frequentadores da casa, no fito de apartar os nomes que se assignalaram nas lettras e nas sciencias portuguezas, desde sua abertura em deante. Curiosa seria a comparação das graphias das assignaturas d'aquelles leitores distinctos que, de moços e successivamente, alli quasi sem interrupção se foram instruindo e educando. Surprezas nos dariam as designações das occupações que se reconhecem alguns d'esses leitores, á medida que avançam na vida, as situações materiaes e moraes mudam, as responsabilidades e as legitimas satisfações da consciencia se substituem ou se fixam. Assim, emquanto Guilherme Braga se nos confessa humildemente como um mero «empregado publico», Pedro de Amorim Vianna constantemente addita ao seu nome a sua qualidade de «professor»; mas o seu antagonista na fé religiosa, começamos por o vêr como «estudante theologico»; depois se nos affirma «jornalista»; finalmente revindica-se «escriptor»: Camillo Castello Branco.

Visitantes outrosim os tem tido illustres a Bibliotheca Publica do Porto, pela situação social, reis, principes, ministros: o rei D. Pedro V e o rei D. Luiz I, ainda quando duque de Bragança um e duque do Porto o outro, em 2 de maio de 1852; a princeza Augusta de Montléart, em 30 de maio de 1854; em 18 de agosto de 1865, o principe Amadeu de Saboya, proximo e ephemero rei de Hespanha; a

SEGUNDO SALÃO

28 de dezembro de 1889, o desthronado imperador do Brazil, que já alli estivera em 1 de março de 1872 com sua esposa Thereza Christina, a qual n'esse borrascoso triste dia de 1899 expirava no *Hotel do Porto;* o marquez de Loulé, o visconde da Carreira, Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, Anselmo José Braamcamp, Carlos Bento da Silva, á hora remota em que é ainda o que atrazadamente se subscreve, simples «funccionario».

Na sequencia da ordem por cujo criterio disciplinamos esta exposição, cumpria que reservassemos um pequeno espaço a ser occupado pelos offertantes, que os tem tido a Bibliotheca Publica do Porto, tanto do paiz como de fóra d'elle, desde o quasi portuguez J. Charles d'Almeida, iniciador do *Journal de Physique pure et appliquée*, de Paris, até o benemerito Émile Guimet, fundador na capital franceza do suggestivo museu das religiões que lhe perpetúa o nome; o sr. Guimet fôra um dos visitantes da Bibliotheca do Porto, pela occasião da viagem scientifica que ao norte do paiz emprehenderam alguns dos membros do congresso anthropologico em 1880 effectuado em Lisboa, mercê da iniciativa do illustre geologo nosso portuguez Carlos Ribeiro.

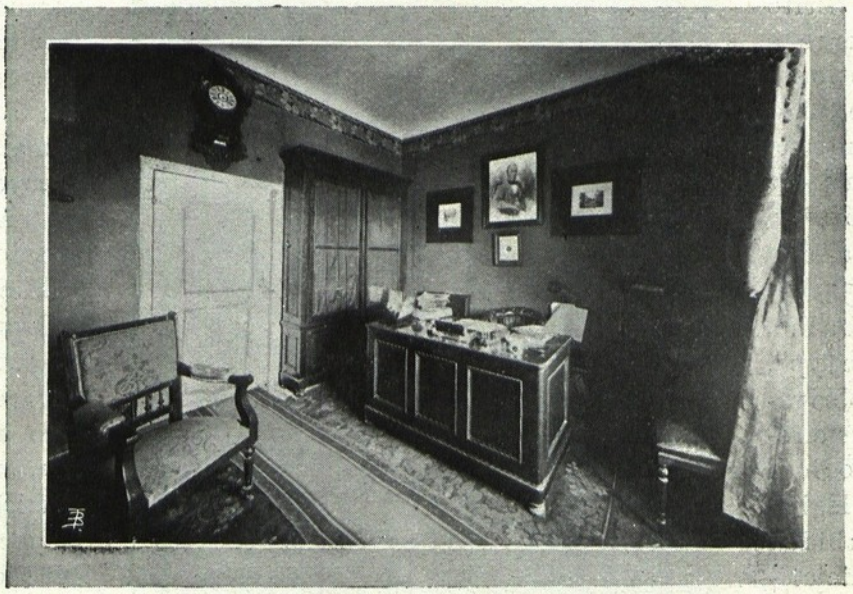
Por fallecimento d'um seu guarda-sala, a Bibliotheca adquiriu uma collecção apreciavel de grammaticas, vocabularios e outros tomos didacticos sobre a lingua arabe; de commentarios e volumes de critica litteraria sobre obras arabicas e traducções d'estas; de historiadores arabes originaes e de livros de historia e geographia da Arabia por auctores modernos; de obras impressas em arabe. Esta collecção proveio do espolio de José Pereira Leite Netto, que falleceu em 1882, na edade de quarenta e quatro annos. Sua viuva, possuidora do manuscripto de um trabalho *(Guia de conversação portuguez-arabe, acompanhada da pronuncia do arabe figurada em caracteres latinos e de notas relativas á grammatica)* que elle deixara inedito, requereu ao governo para mandal-o publicar. Foi ouvida sobre esse requerimento a Academia Real das Sciencias, cujo parecer lhe resultou favoravel; e em presença d'elle mandou o governo que

TERCEIRO SALÃO

fôsse impressa a *Guia de conversação portuguez-arabe* na Imprensa Nacional, de cujos prelos sahiu, com effeito, a lume em 1902, precedida de uma advertencia redigida pelo Conde de Samodães. Já em 1882, tambem na Imprensa Nacional, em Lisboa, se estampara o *Catalogo das moedas arabes existentes no Museu Nacional Portuense*, descriptas, classificadas e ordenadas pelo referido J. Pereira Leite Netto, a rogo do director do dito Museu, que o era egualmente da Bibliotheca, o hoje egualmente fallecido Eduardo Allen. Este, no fasciculo 2.º do Supplemento geral impresso ao catalogo da Bibliotheca Publica do Porto, contendo as acquisições posteriores á sua fundação, em obras compradas e offertadas, registra a inscripção manuscripta que se encontra no exemplar de offerta do editor das *Noticias archeologicas de Portugal*, pelo dr. Emilio Hübner, traduzidas do allemão e publicadas, em 1871, por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. O editor foi aquelle Augusto Soromenho, e sua inscripção manuscripta diz assim:

«A' Bibliotheca Publica do Porto, onde fez os seus primeiros estudos e á qual deve a melhor parte dos seus actuaes conhecimentos».

Como que timbraram em briosa porfia os empregados da livraria publica portuense por proporcionar aos trabalhadores, portuguezes e brasileiros, — sahindo, assim, mesmo já do ambito restricto de sua repartição,—elementos de consulta e subsidios de informe, que facilitassem as buscas e esclarecessem e simplificassem os estudos. A affirmativa patentea-se clara chamando-se a attenção para o relevante serviço prestado por um modesto opusculo, impresso no Porto em 1871 e intitulado *Indice alphabetico dos nomes proprios de familia (appellidos) dos auctores incluidos no Diccionario Bibliographico do sr. Innocencio Francisco da Silva* (Volumes I — VII, e 1.º do Supplemento). Este fatigante e proveitosissimo trabalho dá-se, no rosto do folheto, como tão só para uso da Bibliotheca do Porto; porém elle circulou desde a data de sua publicação entre o publico culto de todo o paiz; abre-o uma dedicatoria com que em setembro do anno de 1869 Eduardo Allen Junior o offerece ao honrado e promotor presidente da Camara Municipal do Porto então, Francisco Pinto Bessa, em signal do afervorado seu reconhecimento pela permissão que no Março preterito, lhe concedera de na livraria publica portuense fazer serviço gratuito de guarda-sala supra-numerario durante a molestia e impedimento de alguns guardas-salas effectivos.



GABINETE DO DIRECTOR

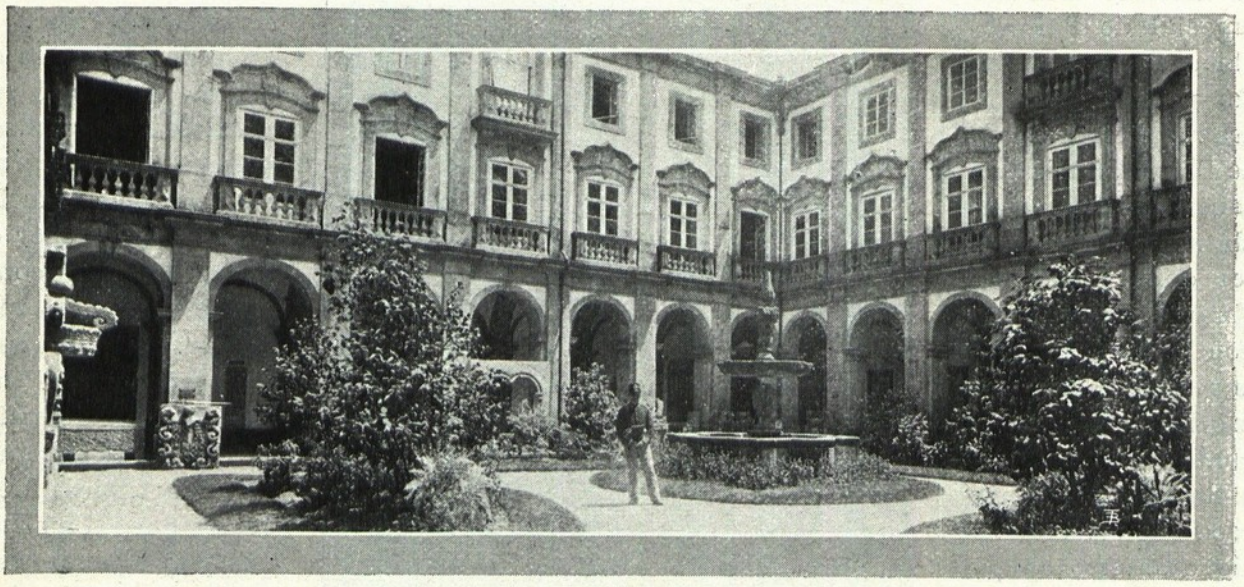
Este *Indice alphabetico* antecede de quinze annos o «Guia» (I e II) que constitue a parte principal do tomo decimo-primeiro, ou quarto do Supplemento, do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, o qual se publicou em 1884; elle contém, de abertura, a tabella dos appellidos, sem a qual a obra de Innocencio é inmanuseavel, redundando esteril tanta fadiga e inutil tanto saber. Segue-se uma Taboa de referencias entre os diversos appellidos dos auctores mencionados n'esse indice, complemento indispensando da faina encetada e que

Mas d'estas annunciativas linhas não se deprehenda que a Bibliotheca Publica do Porto seja, tão só e exclusivamente, um repositorio de velharias e raridades, que de nenhum prestimo pratico sirvam ao homem actual, absorvido na sua technica e carecendo, sobretudo, da ajuda litteraria especialisada e profissional. A livraria publica portuense está magnificamente apetrechada com o material positivo necessario ao estudioso e ao trabalhador, tam util redundando, pois, para o commerciante e industrial, para o engenheiro e o medico, como para o jurisperito e para o simples jornalista. Ella é frequentada e aproveitada pelos alumnos das escolas superiores que alli se vão habilitar na licção dos mais modernos e mais completos expositores, ao mesmo tempo que os operarios fabris alli recorrem aos manuaes, resumos e diccionarios technologicos.

De par e passo na Bibliotheca Publica Portuense existem os monumentos estheticos de todas as litteraturas, nos originaes e nas versões celebres nos idiomas accessiveis da cultura geral; alli se encontram as vastas collecções classicas, como a greco-latina de Firmin-Didot; as encyclopedias afamadas, a britannica, as duas francezas modernas; os grandes historiadores fundamentaes, Michelet, Mommsen Bancroft; as revistas philosophicas, de philologia, de anthropologia, de archeologia; toda a producção, litteraria e scientifica, do Portugal moderno e da Hespanha contemporanea.

Assim, a livraria publica portuense não se confina n'uma zona particularisada; ella serve amplamente todas as urgencias do espirito, desde os debates aridos da economia e da finança, já nos volumes que constituiram a collecção Guilhaumin, attinente a publicistas e a economistas, acabando nas mais recentes theorias do socialismo marxiano, até ás puras, independentes e abstractas especulações da metaphysica e da moral.

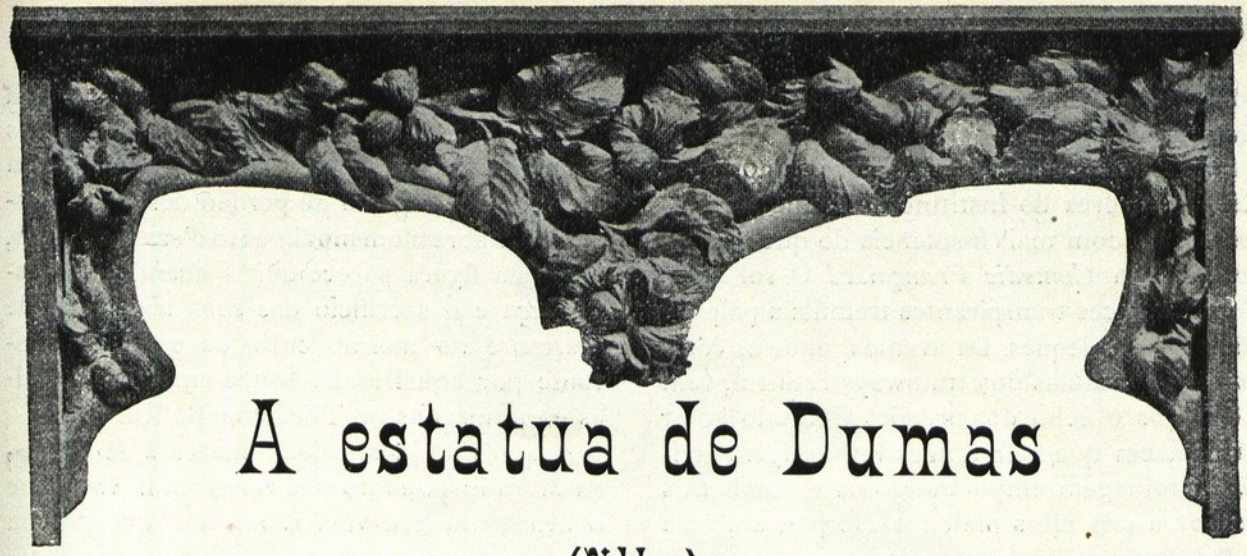
Não soffrem os poetas as durezas platonianas na Bibliotheca Publica do Porto, que, longe de os repudiar, lhes offerece acolhida sympathica; e a estante das novellas contemporaneas, dos estudos criticos, das viagens e das impressões artisticas está preenchida por tudo quanto ha de melhor n'esses varios, delicados e captivantes generos.



ASPECTO GERAL DO CLAUSTRO

Preciosidades opulentam, pois, em todo o typo, a livraria publica portuense. Todavia, o genero d'aquellas a que mais particularmente quiz alludir Camillo Castello-Branco, quando á Bibliotheca Publica do Porto se referiu, será o que mais impressivamente nos affectará em o, como este, modesto artigo, immediato.

J. PEREIRA DE SAMPAIO *(Bruno)*.



A estatua de Dumas

(filho)

ARIS, 13-6-06. — Tres horas da tarde. Na praça Malesherbes, emergindo como um oasis discreto de verdura e sombra entre as duas longas avenidas dardejadas pelo sol faiscante, agglomera-se n'uma impaciencia mal contida por policias de luva branca o *Tout-Paris-badaud*, que não falta a um enterro de sensação ou a uma inauguração d'estatua — os dois espectaculos favoritos d'este povo para o qual um dos maiores attractivos é contemplar as suas celebridades, todas essas creatuas d'excepção que, pelo talento authentico ou pela voga ephemera, conservam ainda, n'esta epocha democratica, o prestigio romanesco e o privilegio raro d'uma aristocracia á parte.

Dos automoveis trepidantes e dos landaus de luxo, cujas portinholas batem com estrepito insolente, apeiam-se, mostrando as meias de seda entre o turbilhão d'espuma dos *dessous* de rendas, damas do mundo e semi-mundo, em *toilettes* claras, maquilhadas e floridas como para uma *matinée*.

Na grande tribuna descoberta, verde e oiro, que as folhas em cocar das palmeiras e massiços azues e roseos de hortencias decoram, o sol aviva as manchas cloridas das umbrellas abertas e dos immensos chapeus da ultima moda, equilibrados como açafates de rosas e de plumas, sobre os altos *chignons* em cascata, que dão ás elegantes d'este verão o ar das marquezinhas futeis e preciosas das tellas de Watteau e de Lancret. Ao seu lado, sentados nos bancos estofados de carmezim, destoam n'um contraste de mau gosto as manchas pretas das sobrecasacas mal talhadas, — porque em França, na maioria, os homens celebres vestem deploravelmente. Ao fundo das escadas tapetadas, junto da meza coberta com um panno de velludo já coçado pelo uso de tantas exhibições identicas, quatro guardas municipaes, com os seus capacetes d'oiro empennachados de vermelho e a excentricidade vistosa do seu uniforme d'operetta, perfilam-se na pompa hirta das suas poses marciaes.

Em torno do monumento velado ainda por um panno branco, como uma surpreza, o enxame innumeravel dos photographos, de machinas assestadas, espera.

No circulo dos curiosos que se apinham á volta da praça, ha impaciencias, empurrões, protestos. As damas coquetteiam, com risinhos impertinentes, e como n'um intervallo do *Vaudeville*, flirtam para matar o tempo, n'este scenario de comedia intellectual e mundana. Reporters apontam os nomes de todo esse publico d'assignatura que veiu menos para honrar a memoria do ironista implacavel do *Demi-Monde* do que para ser visto. Com um grande manto sobre os hombros d'estatua, Mademoiselle Bartet faz uma entrada theatral, entre um sussurro de curiosidade.

De repente, um novo murmurio, um movimento na multidão :

— *Les voilà, les Immortels ! les voilà !...*

Rebate falso... São apenas quatro ou cinco empregados de banco que a turba confundiu

com os academicos, pela analogia dos seus chapeus de bicos.

Na verdade, o espectaculo vae-se demorando. Esses senhores do Instituto de França fazem-se esperar com mais insolencia do que os seus collegas da *Comedie Française!* O sol arde. Sobre as faces transpirantes tremúla a palpitação viva dos leques. Da avenida, onde as campainhas estridulas dos tramways retinem, vem a espaços o echo dos pregões vibrando no ar parado, em que nem a mais leve aragem arripia a folhagem empoeirada dos castanheiros densos e dos altos platanos. No passeio, uma velha de touca bretã apregôa limonadas...

Mas eil-os emfim! Empertigados nas casacas bordadas de verde acido, como papagaios, os espadins inoffensivos batendo-lhes as pernas claudicantes, os Immortaes desfilam em bicha, tomam os seus logares nos fauteils da primeira fila. Na crueza ironica da luz que lhes revéla as rugas da pelle pergaminhada de velhice, dir-se-ia uma exposição imprevista e comica das figuras de cera do Muzeu Grévin! Hirtos, em *pose* deante das machinas dos photographos, mas com o ar de nem sequer as verem, como todos esses geniaes fantoches teem o ar duro de bonzos, o desdenhoso olympismo de manipansos das Lettras, apezar d'esse sorriso permanente e immovel, como o das bailarinas, com que correspondem aos cumprimentos das «preciosas ridiculas» que deante d'elles se curvam em salamaleks servis.

Palmas... Do outro lado da praça, um velhote de frack rapado e de côco triste puxa o cordel que prende o envolucro do monumento. E, na crua e nitida alvura do marmore esculpido pelo cinzel de René de Saint-Marceaux, destaca emfim, na rutilancia d'oiro do sol que a nimba, a figura poderosa do Mestre ainda hoje sem par no theatro moderno.

Envolto na ampla blusa de trabalho, sentado n'um banco de pedra, Dumas filho ergue a cabeça severa n'uma attitude a um tempo de força tranquilla e de contemplação commovida como se escutasse as vozes dolorosas e inspiradoras das quatro mulheres que gravitam, n'um grupo symbolico de todas as emoções femininas, em torno do pedestal da estatua. Uma d'ellas, encarnando a maternidade e o abandono, levanta, para o defensor das humilhadas, o filhinho nu. Outra, mensageira florida da primavera, tem nas mãos erguidas um ramo de rosas e na bocca desabrochante, como ellas, o sorriso luminoso da adolescencia. Na attitude melancolica e romantica da renuncia, Maria Duplessis desfolha as suas camelias nos dedos exangues de tysica amorosa. Esvoaçante na clamide que o gesto de perdão dos braços estendidos abre n'um movimento d'azas angelicas, a ultima figura parece unir o abandono, a esperança e o sacrificio das suas tres irmãs de marmore no mesmo culto de gratidão adorante por aquelle que soube amal-as, evocal-as e eternisal-as no Theatro e no Romance.

Aos pés do Mestre jaz a mascara de Thalia, da Musa inspiradora das verdades novas a que o seu genio deu voz. E na mão que gravou em paginas impereciveis os seus pensamentos de moralista, tem o estylete acerado que, mais que uma penna, foi um bisturi de anatomista do coração humano, até ás suas fibras mais intimas. Entre ramos de louro, os titulos da longa obra que immortalisa a sua gloria estão gravados na outra face da columna. E no ultimo dos tres degraus em que ella se apoia, esta simples inscripção:

ALEXANDRE DUMAS

SOUVENIR D'UN AMI

E os discursos começam, esses infindaveis discursos que tanto tedio inspiravam ao ironista das *Ideias de Madame Aubray*, que ao morrer os prohibiu sobre o tumulo e pediu que as cerimonias do seu enterro se realizassem n'um silencio humilde. Elle mesmo não pronunciou senão dois durante toda a sua vida: o primeiro, á beira da cova da actriz Aimée Desclée, a interprete admiravel das suas creações, que sentiu por Dumas uma paixão romanesca a que elle só correspondeu com uma amizade casta; e o segundo, obrigatorio, no acto da sua recepção academica.

Entretanto, na assistencia espectante, chius!... tosses abafadas delicadamente nos lenços... todos os surdos rumores do publico que se prepara para saborear, com regalo, nobres imagens e adjectivos solemnes.

— Mr. Henry Roujon! annuncia o mestre de cerimonias.

E um cavalheiro de bigode encalamistrado á Napoleão III n'uma physionomia burocratica de chefe de repartição attencioso, com seu attestado de bom comportamento no trapo vermelho da Legião d'honra que lhe condecora a casaca mal feita, pousa com devoção o chapeu alto sobre o tapete velho da meza, tira do bolso um rôlo branco e, voltado para sua

MONUMENTO DE ALEXANDRE DUMAS (FILHO)

Excellencia o sub-secretario d'Estado das Bellas Artes, que o encara n'um sorriso protector começa a ler, com o ar modesto e facil de quem o não fez, o discurso de Victorien Sardou, a quem a operação d'um anthraz impossibilitou de o pronunciar, em pessoa.

N'um parallelo rhetorico e scenographico, segundo os preceitos classicos do bom Quintiliano, o tremendo melodramaturgo da *Tosca*, confronta as obras dos dois Dumas, na litteratura franceza.

— Dumas pae recusa-se a ver do presente tudo quanto possa entristecel-o. Não se importa com o futuro. Do passado nada mais conhece além dos seus aspectos legendarios, pittorescos e amenos... Dumas filho ignora e desdenha o passado. A sua preoccupação constante é o futuro, o que o interessa apenas no presente são as suas tristezas e os seus problemas perturbantes... Um dissuade-nos de pensar. O outro incita-nos e obriga-nos a pensar. O pae é todo invenção e imaginação.

O filho é todo observação e reflexão. As unicas coisas que considera realmente dignas d'interesse são os factos ao seu alcance... Lentamente, com pausas reverentes, n'uma voz monotona e diligente, o illustre maçador continua sempre, voltado para Sua Excellencia — emquanto ao longo da avenida os tramways deslizam nos rails estridentes.

Na luz fulva do sol que tons terrosos de caveira teem alguns d'esses Immortaes veneraveis Um, velhissimo, todo calvo, pequenino, catracego, tem o ar demasiado attento de quem não ouve uma palavra. Recostado no alto espaldar vermelho, lembra uma mumia n'um sarcophago, veneravel reliquia!... De sobrecasaca condecorada (está claro!), seu collete de setim sarapintado de pintinhas roxas. François Copée agita nos dedos enluvados de amarello a bengala rica, de castão de prata — e na sua mascara rapada de sacrista janota, os labios franzidos exprimem o mais evidente e catholico desdem por aquelle *factotum* do seu collega Sardou.

— *Quel raseur!* — dizem claramente os olhos esverdeados e felinos de Paul Hervieu, ao seu lado, constrangido na sua casaca nova de membro do Instituto. E que eloquente scena muda na attitude de sacrificadas das *preciosas* que fingem escutar, como n'um templo, ao mesmo tempo que espreitam com o canto do olho os photographos que dispõem as machinas para apanhar o aspecto das tribunas...)

— Da formula de Dumas — vae dizendo o outro — devemos reter sómente o que é justo e louvavel, e o que elle resolutamente poz em pratica: a demonstração, na scena, de certas verdades desconhecidas, contrarias ás opiniões acceites, e que é preciso fazer acolher por um publico mais ou menos recalcitrante...

(Positivamente, Jules Claretie está soffrendo uma crise epathica, com aquella côr biliosa que lhe esverdeia afflictivamente a cabeça descarnada de santo d'egreja d'aldeia, pobre martyr! Como elle inveja, n'este instante, o anthraz providencial de Sardou, que o livra da estopada, com um calor assim!...)

— Os Dumas amaram sempre a lucta (prosegue o manga d'alpaca, n'um tom imperturbavel de quem lê um officio.) O avô, o general, lançava-se na refrega e espadagava austriacos como um simples soldado. O filho passou a vida a debater-se, alegremente, de resto, contra as difficuldadaes com que se comprazia em obstruil-a. E o mesmo espirito batalhador vamos encontrar no gosto do filho pela controversia e pela polemica, no seu desdem pelas ideias correntes e no seu *parti pris* de advogar no palco as causas antecipadamente mais desacreditadas, tomando como clientes habituaes a virgem seduzida, a mãe solteira, a mulher galante e a mal-casada... A virgem seduzida, culpada d'uma fraqueza de que a accusam com crueldade, ao passo que todos consideram com indulgencia aquelle que a provocou! — A mãe solteira, a quem o seductor deixa todo o encargo da sua triste maternidade, sem que a lei o obrigue a associar-se-lhe e testemunhe o menor interesse pelo filho, nascido d'uma falta de que elle é irresponsavel! — A mulher galante, a peccadora arrependida, que elle quer rehabilitar pelo verdadeiro amor e pela dedicação maternal! — E finalmente *(uff!)* a esposa abandonada, traida, e que em seguida esquece os seus deveres, para quem elle reclama a mercê das circumstancias attenuantes e do perdão evangelico! São estes arrojados pleitos que fizeram dizer com uma intensão d'ironia muito injusta, segundo o meu modo de ver... (e egualmente de Mr. Lepine, o prefeito da policia, que abana a cabeça, approvativo!)... que cada peça de Dumas é uma these...

(Na poltrona d'honra, ao sol, Sua Excellencia o sub-secretario das Bellas Artes sua como um heroe... o suor corre-lhe em bica pelas bochechas, pelos refegos do cachaço taurino, sem que elle tenha a fraqueza d'um gesto para o enxugar. E na cadeira ao lado, o velho jarreta, com a calva de mumia descaida sobre o hombro, resona, o bemaventurado!)

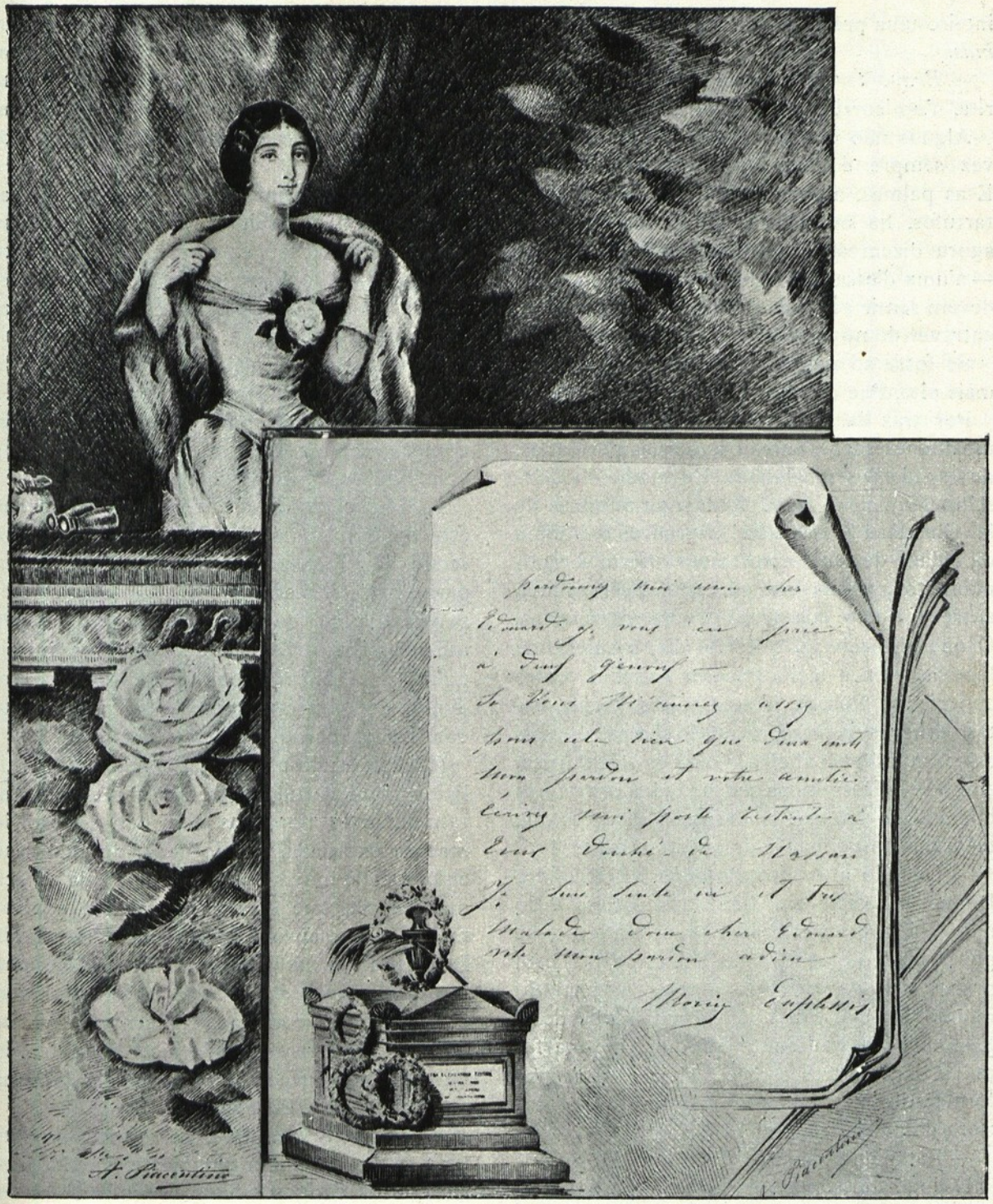
— O que a sua linguagem um pouco brusca, a sua amizade um pouco rude, a sua beneficencia um pouco rispida encobriam de verdadeira bondade, só o podem dizer aquelles que viveram na sua intimidade e a quem elle honrou como a mim com a sua amizade...

— *Sacredieu!* É odioso de declamação, de sonoridade esganiçada! ilva Henri Lavedin, entre os dentes contraidos, com o ar furioso de quem tem uma bota de verniz a aperrear-lhe um callo.

— *Tordant!* accrescenta o visconde de Vognë, com odio.

Mas de repente, ha uma esperança. A voz gorgoleja, enfraquece, hesita com gosma... O homem começa a cuspinhar. Fecha a bocca. Sempre é o fim?...

Palmas estalam. O publico tem a impres-



A DAMA DAS CAMELIAS
Retrato authentico, autographo e tumulo

são momentanea de saír d'uma secretaria onde cheira a bafio e a rato. Mas oh deuses immortaes! É uma falsa esperança. Manga d'alpaca parára apenas para tomar folego. E eil-o que de novo, como a agua d'uma gotteira sobre um passeio, a voz continua, obsidiante, tragica, immutavel, eterna...)

— Quando a estatua do avô, do soldado patriota se erigir sobre esta praça, entre as do filho e do neto, saudaremos n'elles a conjuncção dos dotes mais preciosos da intelligencia e do coração: a bravura e a caridade, o odio de toda a oppressão, de toda a injustiça; o bom humor, o bom senso e o espirito ao serviço de todas as boas causas! E nenhum povo poderá offerecer á admiração do mundo

inteiro uma praça comparavel á dos *Tres Dumas.*

— *Bravo torero!* exclama Victor Marguerite, n'um sorriso de gavroche.

Alguns não querem crêr ainda, mas d'esta vez sempre é certo. O supplicio terminou. E as palmas, a ovação de todos esses joviaes tartufos, ha momentos tão mordazes, e que agora dizem alto: «Esplendido! magnifico!» — n'uma d'essas reacções de enthusiasmo que devem sentir aquelles que caíram ao poço, ao entrever de novo a luz.

Se fosse só aquelle! Mas faltam ainda oito, mais oito, Pae celeste!

Por traz da meza vermelha, ja outro Demosthenes surge, entre os guardas perfilados, de espada desembainhada. Em nome do Conselho Municipal, o sr. Tintet, na ausencia de M. Chautard (outro feliz!), agradece em nome da cidade de Paris a «preciosa offerta do monumento», n'uma voz que guincha, estridula, entre o rolar dos trens e das carruagens. O que elle sabe, o que elle diz, o sujeito de lunetas, com a facha tricolor sobre o ventre conspicuo! Porque n'estas solemnidades, estes senhores da Burocracia são sempre os mais espicaçados pela abelha d'oiro da Rhethorica, como se quizessem, na sua facundia, provar aos homens das lettras: — «Não são só vocês que teem direito de maçar os outros ouvintes!

— Quando a estatua do general Alexandre Dumas se erigir em face das do filho e do neto (já o terrivel orador precedente o disse pouco mais ou menos, mas que importa!) esta praça será sem duvida a mais original do mundo inteiro e tambem a mais evocadora. Ella dirá ao transeunte que uma mesma familia, durante tres gerações successivas e por formas diversas, augmentou a irradiação gloriosa da patria franceza!

— Rataplan! plan!...

E logo outro, M. de Salves, prefeito do Sena, tristissimo, icterico, o aspecto d'um perú nostalgico, lê uma estirada perlenga, emphatica e aphoristica, a que o reporter que a vae notando com odio chamará inevitavelmente *admiravel* no seu jornal:

— Alexandre Dumas filho projectou a mais viva luz sobre vicios profundos da nossa sociedade. Fez obra util e grande. O seu objectivo foi sempre nobre e elevado. É um grande antepassado, um verdadeiro gentilhomem de lettras. E nós saudamos respeitosamente a sua imagem!..

As noites que aquillo lhe levou a redigir, e as vezes que o digno homem deve ter relido aquelle periodo á pobre da senhora! Mette por fim as tiras no bolso da casaca, religiosamente, e cae nos braços abertos dos admiradores.

E n'um burborinho sympathico das velhas damas que se arrebitam para o ouvir, Bourget, gorducho, molle, *poseur*, na sua casaca de papagaio do Instituto, chapinhada de medalhas, as pontas do bigode caídas á ingleza sobre o beiço sensual, de monoculo nas palpebras papudas, sem nada, comtudo, do dandy que nos afizemos a conceber atravez da leitura dos seus romances archimundanos, começa sem gestos, n'uma voz branca e acida de snob, cheia de tedio impertinente:

— Na Academia Franceza, «n'esta calma atmosphera d'estudo», Dumas não contava senão admiradores e amigos. Assim, a inauguração da sua estatua é para a nossa Companhia alguma coisa mais do que uma festa official, como o dia 30 de novembro foi alguma coisa mais do que um luto d'apparato. Todos aquelles que conviveram intimamente com Dumas hão de comprehendel-o...

(Ha sobretudo uma velha condessa, espartilhada n'um vestido *princesse* côr de pombo, tasquinhando bombons com um sorriso de macaca extasiada, e cujo cocar de plumas se agita a cada movimento admirativo da cabeça maquilhada, que está positivamente apaixonada pelo romancista favorito das *Mensonges!* Deante d'elle, na primeira, Mr. Lepine, com um dedo huguesco na testa de féto, escuta-o compenetrado, como ao representante official das Boas Lettras. E nada mais definitivo do que essa homenagem da Ordem pelo defensor da tradição e do Nacionalismo!)

— Ha, meus senhores, (continua Bourget) uma phrase de poesia singular, d'aquella poesia que os antigos sabiam encontrar, simples e tão humana, penetrada de ingenua familiaridade e tão impregnada de profunda significação. Athenea, que acaba de absolver Orestes, accusado perante o seu tribunal pelas furias vingadoras do parricidio, justifica a sua indulgencia: «Eu amo os homens, diz ella, como o jardineiro ama as suas plantas.» Um sentimento muito analogo parecia despertar-se em Dumas quando descobria n'um recem-chegado uma promessa viva, a germinação sagrada do talento e das obras futuras. Aos seus antecessores não pudera offerecer senão a sua admi-

ração, aos seus emulos senão a sua estima: aos seus cadetes tinha o direito de dar alguma coisa mais: um soccorro, um apoio, uma direcção, e com que delicia elle desempenhava este privilegio de illustre antecessor. Submet-

ALEXANDRE DUMAS (PAE)
Lithographia de 1860

tia-lhe algum debutante uma peça nova? Fazia mais do que lel-a, mais do que conversar acerca d'ella com o seu auctor. Se lhe parecia que a obra valia a pena d'isso, corrigia-lhe o scenario, retocava-lhe o dialogo, redigia-lhe de novo paginas, scenas, actos...

(A velha reliquia dorme sempre, com a careca de mumia descaida sobre a gola verde da casaca. Na rua, os tramways continuam deslisando, cheios de gente alegre; os automoveis e as victorias batem já para o *Bois*. Que bella sombra deve fazer á fresca, sob as folhagens da Avenida das Acacias e á volta do Lago!)

Mas Bourget prosegue, de monoculo:

— A assembléa que hoje se congrega em torno d'este monumento attesta a communidade de todos quantos se assignalam em França em prestar a sua homenagem a este honesto grande homem de lettras tanto pelo seu caracter como pelo seu genio. N'esta hora d'apotheose, e no momento em que acaba de desvelar-se esta imagem de pedra devida ao cinzel d'um artista illustre, queriamos poder tambem desvelar nós todos, os seus amigos, para a contemplar e para a mostrar, a imagem moral que de Dumas trazemos no santuario da nossa memoria. E sobre o pedestal gravariamos estas simples palavras, nas quaes estão resumidas as virtudes que fizeram d'elle um confrade excellente e um mestre incomparavel e, como direi? se synthetisa o sentido secreto da sua obra inteira: «Ajudou-nos a todos a valer mais.»

Oh! a salva de palmas das *preciosas!* A velha de côr de pombo deixa cahir o sacco dos bombons para o applaudir, de pé, delirante, devorada de paixão, com as plumas d'arara a tremer-lhe sobre o edificio dos cabellos tingidos. E magestoso como a encarnação do Estado, Sua Excellencia aperta-lhe as mãos, n'uma venia de homenagem official.

Bem engravatado, bem brunido, com a sua physionomia gelada e correcta de antigo diplomata, sem um cabello desalinhado na obra prima do penteado de dandy, queixo duro de prognatha irreprehensivelmente escanhoado,

ALEXANDRE DUMAS (FILHO)
Lithographia de 1860

Paul Hervieu é mais uma vez colhido nas chapas dos photographos de cartões postaes. Em nome da Sociedade dos Auctores Dramaticos, n'uma eloquencia reflectida e nitida, com a ironia grave do seu talento de psycho-

logo, um pouco superficial mas brilhante, o auctor das *Tenailles* faz a analyse rapida do theatro de Dumas, a cuja memoria agradece «por ter mantido e fortalecido a altiva tradição, segundo a qual os espectaculos da arte dramatica podem reivindicar, sempre que se queira, o serem alguma coisa mais que um passa-tempo amavel ou uma simples distracção para os ociosos.»

Referindo-se á ultima peça que Dumas, no seu testamento, prohibiu publicassem, tem estas phrases d'effeito:

— Chegado ao cume da experiencia e da fama, emprehendeu, emfim, mais uma obra ainda, cuja publicação d'anno para anno foi retardando. Porque já então começasse a desinteressal-o dos resultados d'este mundo um legitimo orgulho? Ou devemos nós suppor que no coroamento da sua vida radia a mais imponente timidez? O facto é que emquanto ia proseguindo na sua «Route de Thèbes» Alexandre Dumas foi detido pela esphinge da morte.

Logo a seguir, sem intervallos (cinco horas e meia da tarde, *sapristi!*) Paul Marguerite, o presidente da Sociedade dos homens de lettras, forte, corado, louro, o sorriso intelligente e vivo, orgulhoso da sua força mascula e do seu talento, vaidoso talvez de ser ainda o *beau-mâle* que as mulheres amam de certo ainda pelo que é e não pelo que foi, como a esses velhos antepassados da Academia, declama de papo, sobre a influencia social e moral do auctor do *Ami des femmes*:

— Elle mesmo pôde constatar, não sem justo orgulho, nas notas da *Princesse de Bagdad:* «O que ninguem pode negar-me é o direito que tenho de dizer a mim mesmo, em face de certos progressos realisados, o que dizem os operarios ao passar ao domingo nos bairros novos: *J'ai tout de même travaillé à ces maisons-là!*»

Em nome da Associação da Critica, o senhor Camillo Léque, um cavalheiro baixinho, com um ar de mocho triste, a luneta na ponta do bico, meia duzia de cabellos lambidos sobre um craneo lizo de cachorrinho recem-nascido, debita n'uma voz choramingas e fanhosa, de quem péde para a cêra do Santissimo, uma bem elaborada lenga lenga, que ninguem escuta.

Jules Claretie, representando a Comédie Française (o que elle deve soffrer realmente do figado, com aquella côr de desenterrado, por um calor d'estes!), géme mais do que pronuncia um pequeno discurso em que se revela o seu talento anecdotico e impressionista de *chroniqueur*, e céde emfim, depois das palmas do estylo, o logar ao «*ultimo*».

Esse benemerito, que em nome do governo fecha finalmente essa orgia declamatoria, deante de cujo desaforo até o grande morto no seu pedestal, parece enjoado, é o sub-secretario Dujardin-Beaumetz, que trombeteia, pathetico e convicto, com os olhos globulosos de peixe fora das orbitas, as veias do cachaço entumescidas e o ventre resfolegando como um folle de forja, n'um tom de desafio e de ameaça, como se repellisse algum ultrage pessoal, estas coisas afinal inoffensivas:

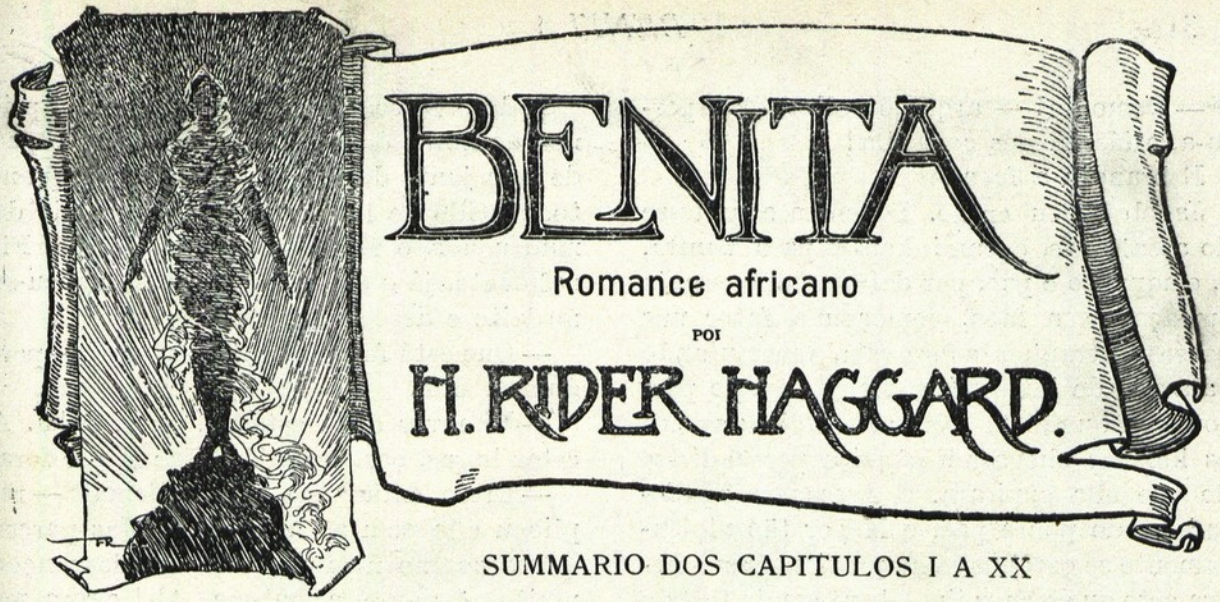
— Dumas tinha uma concepção muito nobre da vida e da justiça social. A sua rectidão, por vezes inflexivel, correspondia a um sentimento particularmente elevado da honra. N'elle, o caracter e o espirito egualavam a obra que nos legou.

E o fragôr das ultimas syllabas do seu discurso são tão tonitruantes, que o pobre antepassado, no seu fauteil, acorda de repente, espavorido.

Mas é o fim, o anciado epilogo d'este melodrama oratorio em nove actos. Oh! o allivio, o consolado suspiro de desabafo de todos esses pobres martyres da pose official. Todos aquelles senhores do Instituto de França encaram-se com jactancia, consideram a sua tarefa emfim cumprida e decidem-se a recolher ao seu museu d'antiguidades. N'um cacarejar espevitado e estridulo d'araras, as preciosas, por tanto tempo condemnadas ao silencio, retomam os seus automoveis e as suas victorias, com a vaidade satisfeita pela pequenina comedia intellectual que representaram. Mademoiselle Barthet fez a sua saída tão theatral como a sua entrada.

E na pequena praça Malesherbes, d'ahi a pouco deserta, o ironista severo do *Demi-Monde* fica emfim solitario, no desdem olympico do seu isolamento, sobranceiro aos ridiculos e ás vaidades d'esta sociedade que elle escalpelizou com mão de mestre.

JUSTINO DE MONTALVÃO.



SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XX

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com receio de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles. Perseguidos por estes, são salvos por Meyer, que com os makalangas derrota os matabeles. Voltam a Bambatse. Meyer, para evitar nova tentativa de evasão, corta-lhes todos os meios de se afastarem da caverna onde se suppõe existe o thesouro. Meyer insiste com Benita para se deixar hypnotisar, crendo que ella revelará o segredo do thesouro. Faz-se sem resultado a primeira experiencia, a qual se repete apezar da reluctancia de Benita e seu pae. Então o espirito da portugueza, morta ha seculos, fala pela bocca de Benita, contando a historia tragica dos seus companheiros e o seu proprio suicidio.

CAPITULO XIX

O despertar

Jacob Mayer ainda hesitava. Ficara por saber-se o grande segredo, e, caso se não aproveitasse o ensejo, posivel era que nunca viesse a revelar-se. Clifford é que não hesitou comtudo. O conhecimento de que sua filha corria perigo, a convicção de que a vida d'ella se ia mysteriosamente escoando sob a pressão do magico quebranto que a transportava, excitavam-no até á loucura. Voltou-lhe a força e a virilidade. Saltou n'um impeto ás guelas de Meyer, apertando-as n'uma das mãos e com a outra sacando da cinta a sua faca de matto.

— Demonio! — arquejou elle — Desperta-a, aliás morres com ella!

E brandiu a faca.

Jacob cedeu então. Desembaraçando-se do assaltante, encaminhou-se para Benita, e, emquanto o pae, por detraz d'elle, erguia ameaçador a faca, começou a fazer uns passes extranhos sobre ella, murmurando palavras de intimativa. Longo tempo passou sem que ellas tivessem effeito; ambos os homens chegaram quasi a persuadir-se de que ella expirara. O desespero apoderara-se do pobre pae, e Meyer tão violentamente se extenuava na pratica da sua negra arte que o suor lhe rebentava da testa e em pingos enormes escorria no chão.

Ah! até que emfim, até que emfim ella se agitou! A cabeça ergueu-se-lhe ao de leve, o seio ondulou.

— Graças a Deus que a salvei! — resmungou Jacob em allemão, continuando nos passes.

Abriram-se os olhos de Benita; suspirou e ergueu-se. Mas nada disse; com modos de somnambula, dirigiu-se para a entrada da caverna, precedida por seu pae que levava a candeia. Sahiu em direitura da sua barraca, onde se atirou immediatamente para cima da cama e cahiu logo n'um somno pesado; como se se houvesse restabelecido o poder da droga soporifera, por uns momentos sobrelevado por esse outro poder mysterioso, invocado por Jacob.

Meyer esteve algum tempo a vigial-a, depois disse a Clifford:

— Não tenha receio e não tente perturbal-a. Ella despertará por si de manhã.

— Assim espero por amor de nós ambos — volveu Clifford, encarando-o com firmeza — Aliás, um de nós ambos, ou ambos nós cerraremos a vista para o outro.

Meyer não deu importancia a estas ameaças; tão extenuado parecia que a custo se sustinha de pé.

— Estou que não posso comigo — disse elle — Agora que ella está salva, bem me importa a mim o que me succederá. Preciso descançar.

E sahiu da tenda, a passos titubeantes, como um ebrio.

Fóra, no sitio onde costumavam tomar as refeições, sentiu-o Clifford engulir umas goladas de genebra. Depois nada mais ouviu.

Todo o resto da noite, e durante as primeiras horas da manhã, se manteve o pae de vela junto do leito de Benita, comquanto, vestido de leve como estava, o frio da madrugada o regelasse até aos ossos. Finalmente, já o sol ia alto, ella soergueu-se no leito e descerrou os olhos.

— Que está fazendo ahi, meu pae? — perguntou ella.

— Vim ver onde estavas, queridinha. A estas horas, costumas já andar lá por fora.

— Creio então que dormi demais — replicou ella com ar fatigado — Mas parece que o somno nem por isso me descançou muito. Doe-me a cabeça. Ah! agora me lembro! — accrescentou ella com um sobresalto — Que sonho horrivel que eu tive!

— Com que sonhaste? — perguntou elle com o modo mais indifferente que poude simular.

— Não me recordo bem, mas entrava n'elle Jacob Meyer — e teve um arripio — Afigurou-se-me que tinha cahido em poder d'elle, de corpo e alma, e que elle me obrigara a revelar todos os segredos.

— Que segredos, Benita?

Ella abanou a cabeça.

— Já não sei, mas nós andámos ambos por meio de gente morta, e foi ahi que eu lh'os disse. Ó meu pae, tenho medo d'aquelle homem, um medo terrivel! Proteja-me contra elle.

E começou a chorar levemente.

— É claro que hei de proteger-te, queridinha. Estás com os nervos excitados. Vamos, veste-te, e não tarda que te esqueças d'isso. Eu vou accender a fogueira.

D'ahi a um quarto de hora, Benita veiu ter com elle, com aspecto pallido e abatido, mas de resto conforme o costume. Tinha uma fome tremenda, e devorou com sofreguidão o biscoito e a carne seca.

— O café tem um sabor muito differente d'aquelle que eu tomei hontem á noite — disse ella — supponho que elle tinha o quer que fosse, que me produziu estes sonhos maus. Onde está Meyer? Ah! já sei! — e tornou a levar a mão á cabeça — Está ainda a dormir junto da muralha.

— Quem t'o disse?

— Não sei, mas é certo. Não apparece aqui antes da uma hora da tarde. Graças! sinto-me agora muito melhor. Que havemos nós de fazer, meu pae?

FICOU IMMOVEL, Á ESPERA DE QUE OS RAIOS DO ASTRO PASSASSEM POR SOBRE ELLA

— Sentarmo-nos ao sol e descançarmos, creio eu, meu amor.

— Pois sim! Vamos para o cimo da muralha. D'ahi poderemos ver os makalangas, e sempre é uma consolação termos a certeza de que ha outros entes humanos alem de nós e de Jacob Meyer.

Assim fizeram. Do sitio d'onde Meyer

costumava alvejar o acampamento matabele, avistavam os makalangas em movimento, lá em baixo, dentro da primeira cerca. Com o auxilio do binoculo, Benita até julgou reconhecer Tamas, embora não fosse muito facil distinguil-o entre individuos muito parecidos de aspecto. Em todo o caso, esta descoberta alvoroçou-a muito.

— Tenho a certeza que é Tamas — disse ella — Ah! quem me dera que nós estivessemos lá em baixo ao pé d'elle, apezar de estarmos mais proximo dos matabeles! Antes elles, mesmo assim, que Jacob Meyer!

Ficaram um instante silenciosos, até que ella disse abruptamente:

— Meu pae está-me guardando segredo de qualquer cousa. Começa agora a aclarar-se-me a memoria. Diga-me: eu esta noite fui a algum sitio em companhia de Meyer, e tambem com meu pae?

Elle hesitou, com ar penitente; faltavam-lhe qualidades de actor.

— Bem vejo que é certo, bem vejo. Diga-me lá. É preciso, é indispensavel que eu saiba.

Então elle cedeu.

— Eu não queria dizer nada, queridinha, mas afinal talvez seja melhor contar-te. É uma historia muito extraordinaria. Promettes não te excitares?

— Prometto não me excitar mais do que estou agora — redarguiu ella com um risinho triste — Conte lá.

— Lembras-te de Jacob Meyer querer hypnotisar-te?

— Podia lá esquecer-me!

— Pois a noite passada hypnotisou-te.

— Como assim? Pois elle?... Que horror! Agora percebo tudo! Mas quando foi isso?

— Quando estavas pegada no somno, creio eu. Pelo menos, a primeira cousa que eu percebi foi um ruido que me acordou. Sahi da cubata, e vi-te a seguil-o como uma morta, com uma candeia na mão.

Em seguida contou-lhe todo o episodio, que ella escutou aterrada.

— Que audacia a d'esse homem! — arquejou ella quando seu pae terminou — Que odio que eu lhe tenho! Chego quasi a ter pena de que meu pae não o tivesse matado!

Enclavinhou as mãos franzinas, e agitou-as no ar.

— Isso não é muito christão da sua parte, Miss Clifford! — disse uma voz por detraz d'ella — Mas já passa da uma hora, e visto que ainda estou com vida, venho prevenil-os que são horas do *lunch*.

Benita deu uma viravolta sobre a pedra que lhe servia de assento. De pé no meio das moutas, a pouca distancia do sopé da muralha, estava Jacob Meyer. Encontraram-se os olhares dos dois: o d'ella lampejante de desafio, o d'elle repleto de um poder consciente.

— Não quero lunchar, sr. Meyer — disse ella.

— Mas ha de lunchar, com certeza. Tenha a bondade de descer, para o *lunch*. Tenha a bondade de descer.

Humilde, quasi supplicante, era o tom das palavras, mas para Benita pareceram uma ordem. Lentamente, com reluctancia, desceu da desmoronada muralha, seguida por seu pae, e todos tres, com Jacob á frente, se encaminharam calados para o seu acampamento.

Depois de comerem, ou de fingir que comiam, Jacob tomou a palavra.

— Vejo que seu pae tudo lhe contou, Miss Clifford. Ainda bem! A mim custava-me muito dizer-lh'o, pois que tenho grandes perdões a pedir-lhe. Mas que havia eu de fazer? Já sabia, desde o principio que sei, que não era possivel encontrar o thesouro senão com o seu auxilio. Foi por isso que lhe ministrei uma droga que a adormecesse, e hypnotisei-a, aproveitando-me d'esse somno, e depois... já sabe o resto. Tenho grande experiencia d'essa arte, mas nunca vi nem me consta caso identico ao que se deu, e espero nunca mais ver similhante cousa.

Tinha-o Benita escutado em silencio, mas n'este ponto a vehemente indignação e a curiosidade levaram de vencida a vergonha e o odio.

— Sr. Meyer — exclamou ella — commetteu uma acção indigna e criminosa, e desde já lhe affirmo que nunca lhe perdoarei.

— Não diga isso, supplico-lhe que não diga isso — interrompeu elle com expressão de sincera angustia — Attenda ás circumstancias em meu favor. Precisava saber, e não havia outro recurso. Miss Clifford é vidente de sua natureza, um exemplar que

surge entre dez mil; foi a minha arte que m'o deu a entender, e bem sabe os importantes interesses que estavam em jogo.

— Refere-se o sr. Meyer a uma porção de onças de ouro.

— Refiro-me á grandeza que o ouro pode dar-nos, Miss Clifford.

— Grandeza que lhe pode arrancar uma semana de febre, ou a azagaia de um matabele, ou a vontade de Deus. Mas o passado é passado, e cedo ou tarde o peccado terá castigo. O que eu desejo agora é fazer-lhe uma pergunta. O sr. Meyer não crê em cousa alguma; assim m'o tem affirmado repetidas vezes. Diz o senhor que isto de espiritos é uma historia, que, quando nós morremos, morremos de vez, e acabou-se. Não é isso?

— Exacto, assim creio.

— Então diga-me lá: qual foi a voz que a noite passada me sahiu da bocca, e como se explica que eu, sem saber portuguez, lhe falasse n'essa lingua?

Elle encolheu os hombros.

— A pergunta é intrincada, é certo, mas creio que tem resposta satisfactoria. Não existe essa cousa a que chamam espirito, uma entidade que sobrevive á morte. O que existe realmente é o eu sub-consciente, que faz parte do principio animico do universo, e, caso se lhe desvendem as fontes do conhecimento, sabe tudo que se tem passado e tudo que se passa no universo. Se Miss Clifford algum dia ler as obras do meu compatriota Hagel, n'ellas achará tratado este assumpto.

— Isso nada explica.

— Já vou explicar, Miss Clifford. A noite passada dei a força da liberdade ao seu eu sub-consciente, esse que tudo sabe, e por isso elle viu o passado tal como decorreu n'este sitio. Miss Clifford já conhecia a historia d'essa tal rapariga Benita Ferreira, e foi essa historia que reconstituiu, falando a lingua de que ella se servia, como teria falado grego ou qualquer outro idioma que fosse o d'ella. Não foi o espirito d'essa creatura qua a animou, mas a sua propria sciencia subjacente, que a sua imaginação humana poz a descoberto e revelou. Sem duvida que é uma coincidencia extraordinaria pertencer ás duas o mesmo nome, Benita, mas de mera coincidencia não passa. Tambem não ha prova alguma de que assim fosse, a não ser o que disse no estado de transe.

Benita, pouco disposta a uma argumentação philosophica, redarguiu apenas:

— Talvez que algum dia tambem o sr. Meyer veja um espirito, e pense então de outro modo.

— Se algum dia vir um espirito e tiver a certeza de que é um espirito, então decerto que acreditarei em espiritos. Mas de que serve falar n'essas cousas? Não é de espiritos que eu ando á procura; o que eu procuro é o ouro dos portuguezes. Ora eu affirmo-lhe que Miss Clifford nos pode dizer onde pára esse ouro. Tel-o-hia dito a noite passada, se não lhe fallecesse a força nervosa, por não estar habituada ao estado de transe. Assumindo a individualidade de Benita Ferreira, declarou-nos que via o thesouro e descreveu-nos a condição d'elle. Foi então que não poude, ou não quiz, accrescentar mais nada, e tornou-se necessario que a acordasse. Miss Clifford, é preciso consentir que eu a hypnotise outra vez, por uns minutos apenas, porque então não desperdiçaremos tempo em historias do passado, e encontraremos o ouro. A não ser — accrescentou elle reflectindo e encarando-a com fixidez — a não ser que já saiba onde elle está, e n'esse caso não preciso incommodal-a.

— Não sei, sr. Meyer. De cousa alguma me recordo com respeito ao ouro.

— O que prova a minha theoria. Aquillo que pretendia ser o espirito de Benita Ferreira affirmou ter passado o segredo para o seu cerebro, mas agora Miss Clifford, no estado de vigilia, não conhece esse segredo. O que é facto é que ella não lh'o revelou tal, por isso que realmente elle não existia. Mas no estado sub-consciente, Miss Clifford ha de sabel-o. Por isso é que é indispensavel que eu torne a hypnotisal-a. Não digo já já, mas d'aqui a uns dias, quando se sentir restabelecida de todo. Na quarta-feira, por exemplo, d'aqui a tres dias.

— Não torna a hypnotisar-me, sr. Meyer.

— Decerto que não, emquanto eu tiver vida — atalhou Clifford. — que tinha escutado em silencio toda esta discussão.

Jacob curvou a cabeça com mansidão.

— Julgam isso agora, mas eu sou d'outro parecer. O que eu fiz a noite passada foi

ERGUEU A LUZ ACIMA DA CABEÇA, E Á SUA CLARIDADE DISTINGUIU UM VULTO DE PÉ ENTRE ELLA E A ENTRADA DA CAVERNA

contra a sua vontade, e isso posso eu tornar a fazer, até com muito mais facilidade. Mas preferia que de boa mente accedesse, visto que não é só por meu interesse que trabalho, mas por interesse de nós todos. E agora o melhor é não falar mais em tal, para não nos zangarmos.

N'isto ergueu-se e afastou-se.

Passou Benita os tres dias seguintes em sustos continuos. Em si propria conhecia o dominio que sobre ella adquirira Jacob Meyer, a horrenda intimidade que entre os dois se travara. Tinha rebate dos pensamentos d'elle; assim, antes que elle o pedisse, achava-se ella á meza ou n'outro qualquer sitio, a passar-lhe um objecto que elle desejava, ou respondendo a uma pergunta que ainda não lhe acudira aos labios. Alem d'isso, tinha elle o poder de a attrahir de pequena distancia. Duas ou tres vezes aconteceu, andando ella a passeiar á roda do recinto que lhe servia de prisão, como era costume seu para fazer exercicio, perceber que os pés a arrastavam para um ou outro ponto, onde era certo encontrar Jacob Meyer.

— Perdoe-me tel-a aqui trazido — dizia elle com o sorriso perverso que lhe era habitual, erguendo cortezmente o chapeu — mas desejava perguntar-lhe se não mudou de tenção a respeito de ser hypnotisada.

Algum tempo a prendia então com o olhar, por forma que os pés d'ella pareciam enraizar-se no chão, até que afinal como que cortava a trela que a sustinha, e por acto de sua vontade a libertava. Então Benita, suffocada de rancor e cega de lagrimas, fugia d'elle como de uma fera.

Mas se para ella eram maus os dias, que fariam as noites? Vivia n'um terror constante de que elle tornasse a ministrar-lhe alguma droga na comida ou na bebida, e lhe aproveitasse o somno para sobre ella lançar novo quebranto. Para se defender do primeiro perigo, não engulia cousa alguma que perto d'elle houvesse estado. Pernoitava agora na cubata de seu pae, ficando este á porta, de carabina carregada ao lado. Clifford protestara com effeito sem rebuço a Jacob que, se o apanhasse nas suas praticas mysteriosas, lhe daria um tiro. O judeu ria-se porem d'essa ameaça, pois que não tinha medo do velho.

Velavam os dois alternadamente, durante as longas horas de treva, descançando um d'elles emquanto o outro espreitava e tinha o ouvido á escuta. Nem sempre era baldada esta vigia; por duas vezes, pelo menos, ouviu Benita uns passos furtivos em derredor da cubata e sentiu jorrar sobre ella esse brando e medonho influxo. Despertava então seu pae, murmurando:

— Elle está alem, bem o sinto.

Mas emquanto o velho se erguia penosamente, abatido como estava e atacado pelo rheumatismo ou molestia identica, emquanto se arrastava para fora da cubata, tudo se sumia. Apenas na escuridão se sentia o rumor de passos que se afastavam e o som de uma risada surda e zombeteira.

Assim decorreram esses afflictivos dias, até chegar a manhã temida, a de quarta-feira. Antes de romper o dia, Benita e seu pae, nenhum dos quaes pregara olho n'essa noite, tiveram um estirado e serio colloquio sobre o apuro em que se achavam, pois bem sabiam que se approximava a crise.

— Parece-me que o melhor é tratar de o matar, Benita — disse o velho — A minha fraqueza augmenta terrivelmente de dia para dia, e se eu deixar passar o tempo, arrisco-me a perder de todo as forças, e tu ficas á mercê d'elle. Não é difficil dar-lhe um tiro quando elle esteja de costas voltadas, e comquanto eu abomine uma cobardia d'estas, creio bem que mereço perdão. Se não mereço, deixal-o. No que eu devo pensar é nos meus deveres para comtigo, e não em mim proprio.

— Não, não! — respondeu ella — Consinto lá em similhante cousa! Embora elle o tivesse ameaçado, isso era um assassinio. Afinal de contas, meu pae, eu supponho que o homem está meio doido, e portanto irresponsavel. Entreguemo-nos ao destino e confiemos em Deus. Se Elle não nos salvar — accrescentou ella — eu sei em ultimo caso onde encontrar a salvação.

E levou a mão ao revolver que noite e dia trazia comsigo.

— Seja assim! — disse Clifford, suspirando — Oremos para que Deus nos livre d'este inferno e nos conserve as mãos limpas de sangue.

CAPITULO XX

Jacob Meyer vê um espirito

Calaram-se uns momentos, depois Benita exclamou.

— Meu pae, não será possivel afinal que tenhamos meio de nos evadir? Talvez que esses degraus da plataforma não estejam

tão entulhados que nós não possamos passar por elles.

Clifford acudindo-lhe á mente a pouca flexibilidade das suas articulações e as dôres que sentia nas costas, abanou a cabeça e redarguiu:

— Não sei; Meyer nunca me deixou ver isso de perto.

— Então porque não vae observar? Bem sabe que elle agora não madruga, porque anda tresnoitado. Leve o binoculo e examine o topo da muralha de dentro d'esse casebre que fica ao pé. Elle não o verá nem ouvirá, mas se eu me approximar, presente-me logo e acorda com certeza.

— Pois se queres, meu amor, eu experimento. Mas tu, que vaes fazer emquanto eu me afastar?

— Trepo ao pilar de granito.

— Dar-se-ha caso que tu?...

E Clifford deteve-se.

— Descance, não é nada d'isso. Não tenciono seguir o exemplo de Benita Ferreira, a não ser que não haja outro recurso. O que eu quero é observar, ora ahi está. D'alli avista-se até grande distancia, e eu preciso ver se ha novidade. Talvez que os matabeles se tenham ido embora, ha bastante tempo que nada sabemos d'elles.

Vestiram-se pois, e apenas houve claridade bastante, sahiram da choupana e separaram-se. Clifford, de carabina em punho, foi coxeando para os lados da muralha, e Benita dirigiu-se para o grande obelisco. Por elle trepou com facilidade, e poz-se em pé na pequena depressão, em forma de taça, que se cavava no altissimo pinaculo, á espera de que o sol, erguendo-se, dispersasse as nevoas que pairavam sobre o rio e as margens.

Ora, qualquer que fosse exactamente a serventia ritual que a este pinaculo davam os antigos, não havia duvida que de alguma forma se prendia com o culto do sol. A prova era que, pelo menos n'aquella estação do anno, os primeiros raios do sol nascente batiam em cheio sobre essa ponta. Succedeu pois que Benita se achou de repente banhada n'uma luz tão viva e intensa que o seu vestido branco, embora desbotado, lhe dava a apparencia e o brilho de uma imagem de prata. Durante uns minutos, esses dardos de fogo aureo a encandeiaram a ponto de não a deixar ver cousa alguma. Ficou immovel, á espera de que os raios do astro, já mais alto, passassem por sobre ella. Com effeito, assim aconteceu; e á medida que a luz inundava o valle, começou a dissipar-se o nevoeiro. Então ella olhou para baixo, ao longo da linha do rio.

Não se via o acampamento dos matabeles, situado n'uma cova quasi aos pés da fortaleza. Para alem erguia-se comtudo uma ondulação de terreno, a cousa de uma milha do ponto em que ella estava. Sobre a crista percebeu Benita o que quer que fosse parecido com um carro toldado, em redor do qual se moviam uns vultos. D'ahi vinha tambem um alarido, que lhe chegava no meio do silencio de uma manhã africana.

A' medida que a neblina foi aclarando, Benita reconheceu sem sombra de duvida que era um carro, porque viu a longa enfiada de bois, e que tinha sido capturado pelos matabeles, os quaes se agglomeravam em volta d'elle. N'esse momento, comtudo, pareciam estar distrahidos com outro assumpto, porque apontavam com as azagaias para o obelisco de Bambatse.

Occorreu então a Benita que, exposta como estava á luz violenta, tendo apenas por fundo o firmamento, devia ser perfeitamente visivel da planicie inferior, e que poderia bem ser a figura d'ella, pousada como uma aguia entre a terra e o ceu, que excitasse o interesse dos selvagens. Era assim com certeza; porque, alem d'elles, surdia agora um branco, que para ella assestava um objecto que tanto poderia ser uma espingarda como um oculo. Que era um branco, percebia ella pela camisola de flanella vermelha e pelo chapeu desabado; e para elle, quem quer que fosse, ia toda a sua alma. No seu desamparo, mais aprazivel não lhe fora quasi a visão de um anjo do ceu.

Mas decerto que estava sonhando. Como teriam ido parar áquelle sitio um homem branco e um carro boer? E porque não teriam desde logo os matabeles dado cabo d'elle? Eis o que ella não podia explicar, mas o caso é que elles não pareciam ter intenções sanguinarias, visto que continuavam a gesticular e a conversar entre si, emquanto elle assestava para cima o oculo, se é que era um oculo. Essa situação man-

teve-se largo tempo, desatrelando-se entrementes os bois, até que chegaram mais matabeles, os quaes conduziram o branco, apparentemente a seu pezar, para o acampamento onde desappareceu. Então, não havendo mais que ver, Benita desceu da columna.

Junto da base encontrou logo seu pae, que tinha vindo buscal-a.

— Que ha de novo? — exclamou elle, percebendo-lhe a excitação no aspecto.

— Oh! — disse, ou antes soluçou ella — Está lá em baixo um carro com um homem branco. Vi os matabeles captural-o.

— Nesse caso, pobre d'elle, que deve estar morto a estas horas! — respondeu Clifford — Mas que tinha alli que fazer esse branco? Só se é algum caçador, que foi cahir n'uma ratoeira.

O rosto de Benita teve uma expressão de desanimo.

— E eu que esperava que elle pudesse soccorrer-nos! — disse ella.

— Tambem elle deveria esperar que nós o soccorressemos a elle. Agora, acabou-se. Deus lhe fale n'alma, que nós temos as nossas penas em que pensar. Lá fui observar a muralha; é tolice tentar sequer passar para o lado de lá. Nem que fosse pedreiro de officio, Meyer teria entaipado melhor a sahida. Não me espanta que nunca mais puzessemos a vista em cima do molemo; para chegar cá, só se fosse passaro.

— Que é feito de Meyer?

— Está a dormir embrulhado n'uma manta, debaixo de um abrigo de ramada, ao pé dos degraus. Pelo menos assim se me afigurou, embora não seja nada facil distinguil-o no meio da sombra. O que eu vi distinctamente foi a carabina d'elle encostada a uma arvore. Vamos lá almoçar. Não tarda que elle appareça por ahi.

Pela primeira vez depois de domingo, Benita comeu com appetite o seu repasto de bolacha ensopada em café. Apezar da segurança com que seu pae affirmava que elle devia ter perecido sob as azagaias matabeles, a vista do branco e do carro infundia vida nova em Benita, pondo-a de novo em contacto com o mundo. Afinal, não podia sem que elle houvesse escapado?

Durante todo este tempo, não houve signal de Jacob Meyer. Isto aliás não os surprehendeu, porque elle agora comia sósinho, tirando os mantimentos do pequeno armazem, e cozinhando-os n'uma fogueira que elle proprio accendia. Terminado o almoço, notou Clifford que elles já não tinham agua potavel, e Benita dispoz-se a ir encher um balde ao poço da caverna. Offereceu-se seu pae para acompanhal-a; ella porem respondeu que era inutil, pois que tniha força bastante para o içar sósinha. Lá foi, portanto, levando o balde n'uma das mãos e um candieiro acceso na outra.

Ao descer pelo ultimo dos zig-zags que conduziam á caverna, parou um instante por lhe parecer que vira uma luz, e depois seguiu, visto que, ao dobrar o cotovello, só trevas se lhe depararam na frente. Evidentemente enganara-se. Chegou ao poço e pendurou o balde na ganchorra de cobre, pensando no sem numero de pessoas que o mesmo tinham feito desde remotissimo preterito, como accusava o desgastado e adelgaçado do metal massiço da ganchorra. Deixou correr a roldana, e o retinir da corrente echoou lugubremente sob aquellas abobodas vasias. Por fim o balde bateu na agua, e ella começou a içal-o lentamente, parando de quando em quando, porque a altura era grande e a corrente pesada. O balde surdiu. Benita puxou-o para a borda do poço, e desprendeu-o do gancho; em seguida agarrou no candieiro para se ir embora.

Como sentisse ou visse alguma cousa, sem perceber bem o quê, ergueu a luz acima da cabeça, e á sua claridade distinguiu um vulto de pé, entre ella e a entrada da caverna.

— Quem está ahi? — perguntou ella.

Do meio das trevas respondeu-lhe uma voz suave, a voz de Jacob Meyer.

— Causa-lhe incommodo demorar-se uns minutos, Miss Clifford? Tenho aqui papel, e desejava fazer um esquisso. Não imagina que linda que está, com essa luz acima da cabeça, illuminando os recessos da caverna e o rosto do crucifixo, coroado de espinhos. Bem sabe que, quaesquer que tenham sido os baldões da minha fortuna, eu sou artista de nascença, e nunca em minha vida vi quadro como este. Dia chegará em que este quadro me dê fama.

«Bella estatua teu vulto se afigura,
«A lampada sustendo na mão pura.»

Eis o que eu escreveria debaixo do painel; conhece estes versos, não é assim?

— Conheço; mas o que eu receio é que o sr. Meyer tenha de pintar o quadro dispensando o modelo, porque eu não posso mais aguentar o candieiro. Já me doe o braço. Não sei como veiu aqui ter, mas, como me seguiu, supponho que me fará o favor de levar este balde.

— Eu não a segui, Miss Clifford. Comquanto não me visse, eu tinha entrado na caverna antes, para tirar umas medidas.

— Como é que tira medidas ás escuras?

— Não estava tal ás escuras. Apaguei a luz apenas a avistei, aliás era certo que fugiria, e a sorte favoreceu-me. Miss Clifford veiu até aqui, como era meu desejo. E agora conversemos. Já mudou de parecer? Bem sabe que o prazo acabou.

— Nunca mudarei de parecer. Deixe-me passar, sr. Meyer

— Não deixo, emquanto não me attender. Miss Clifford é deveras cruel para mim, muito cruel. Não comprehende que eu preferia morrer mil vezes a causar-lhe o minimo damno.

— Eu não lhe peço que morra; o que lhe peço é que me deixe em paz, o que é muito mais simples.

— Mas como a posso eu deixar, se é uma parte do meu ser, se... se a amo! Aqui tem, a verdade é esta, e agora diga o que quizer.

Benita levantou o balde de agua; o peso parecia dar-lhe firmeza. Mas em seguida pousou-o de novo, visto que era impossivel escapar-se. Via-se forçada a encarar resolutamente a situação.

— Nada tenho a dizer, sr. Meyer, a não ser que não o amo, nem a homem vivo tenho amor, e nunca terei. Agradeço-lhe a distincção, e acabou-se.

— Nenhum homem vivo! — repetiu elle — Quer dizer que ama um morto, esse Seymour que se afogou. Não admira que eu lhe tivesse odio desde a primeira vez que meus olhos o viram, ha annos, muito antes de Miss Clifford intervir em nossas existencias. Ahi tem outro exemplo de presciencia, do eu sub-consciente. Diga-me: de que serve ter amor aos mortos, áquelles que para sempre deixaram de existir, aos que voltaram ao barro de que foram formados e que nunca mais terão ser? Tem uma vida apenas, Miss Clifford; volte-se para os vivos e enchel-a-ha de venturas.

— Não concordo com o sr. Meyer. Para mim os mortos vivem ainda; um dia chegará em que os encontre de novo. Agora deixe-me sahir.

— Não deixo. Pleitearei e luctarei comsigo, como na velha fabula esse meu homonymo da minha raça luctou com o anjo, até que me dê a felicidade. Despreza-me por eu ser judeu, porque tenho tido aventuras sem conto e não tenho sido mimoso da sorte; porque me julga doido. Pois eu affirmo-lhe que ha dentro de mim o germen da grandeza. Pertença-me, e tornal-a-hei grande, porque conheço agora que a sua posse era o que eu necessitava para supprir as lacunas da minha personalidade. Alcançaremos a opulencia, e juntos dominaremos...

— Até morrermos de fome um dia d'estes ou até que os matabeles dêem cabo de nós. Deixe-se d'isso, sr. Meyer.

E tentou abrir caminho, desviando-o. Elle porem extendeu os braços e deteve-a.

— Escute! — disse elle — Tenho estado a discutir com cortezia, como cumpre a um homem para com uma mulher. Agora, visto que me desdenha e se levanta entre mim e a loucura, o caminho é outro. Domino-a, a sua vontade é serva da minha; ordeno que me obedeça.

Fitou os olhos nos d'ella, e Benita sentiu que começavam a esmorecer-lhe as forças.

— Ah! disse elle — Agora é minha escrava, e para o provar vou dar-lhe um beijo nos labios; em seguida hei de adormecel-a, e ha de dizer-me o que eu preciso saber. Mais tarde nos desposaremos, quando me aprouver. Escusa de pensar que seu pae a defenderá. Se elle se atrever a intervir, mato esse velho imbecil, que até hoje só por amor de si tenho poupado. Lembre-se que se me irritar, com certeza o mato, e o sangue de seu pae recahirá na sua cabeça. Agora vou beijal-a.

Benita levantou a mão para procurar o revolver que tinha á cinta. Mas a mão descahiu sem força. Sentia-se paralysada como um passarinho fascinado por uma serpente, que não pode abrir as azas e voar, e alli fica á espera da morte. Estava nas

mãos d'esse homem a quem odiava. Deus permittiria tal horror? E emquanto lhe passavam pela mente estes pensamentos tenebrosos, os labios d'elle iam-se acercando do seu rosto.

Mal tocaram nos d'ella, sem que Benita jamais entendesse o porquê nem o como, o encanto quebrou-se. Foi-se todo o poder do judeu, ella voltou ao que era d'antes, mulher livre, senhora de si propria. Desdenhosamente o empurrou para um lado, e, sem sequer se dar ao trabalho de correr, ergueu o balde de agua e encaminhou-se para a sahida.

Não tardou que tornasse a ver a luz do dia, e foi com jubilo que apagou o candieiro. A extranha realidade é que a alma de Benita, que tão perturbada deveria ter ficado em seguida á scena em que tomara parte, estava pelo contrario repleta de felicidade e de paz. Assim como esse esplendido sol irrompera aos seus olhos, assim se lhe erguera no intimo outro clarão de liberdade. Já não tinha medo de Jacob Meyer; esse osculo cobarde despedaçara os grilhões que a elle a tinham prendido. O seu espirito avassallara-se ao d'elle; agora porem que entrara em jogo a individualidade physica do judeu, a sua parte mental perdera sobre ella todo o influxo.

Ao acercar-se da choupana, viu seu pae á entrada, sentado n'uma pedra; tão fraco e enfermo estava o pobre velho que não podia suster-se muito tempo de pé. Ao vel-o, Benita recordou-se das ameaças de Meyer, e esvaiu-se-lhe toda a recuperada alegria.

Ella estava a salvo, d'isso tinha a certeza; mas seu pae? Se Meyer não conseguisse o que queria, é provavel que não faltasse á sua palavra e que o matasse. Teve um arripio, mas depois recobrou animo e adeantou-se com firmeza, levando o balde de agua.

— Tardaste tanto, minha querida! — disse Clifford.

— Foi Meyer que encontrei na caverna e me demorou.

— Como é que elle lá entrou, e que pretendia de ti?

— Como entrou, não sei eu; supponho que de gatas, sem nós darmos por isso. Mas quanto ao que elle pretendia, eu lhe conto, meu querido pae.

E contou-lhe passo a passo o que succedera. Ainda não chegara ao fim, já Clifford estava quasi suffocado de raiva.

— Asqueroso judeu! Canalha! — arquejou elle — Nunca me passou pela ideia que elle tentasse similhante ultraje. Deixa-o comigo! Graças a Deus, eu ainda posso pegar n'uma carabina. Em elle sahindo...

— Meu pae — atalhou ella com brandura — esse homem está doido. Não é responsavel pelas suas acções; e por isso, a não ser em defeza propria, não pense meu pae em tal cousa. Quanto ao que elle disse a seu respeito, são ameaças vãs. Por mim escusa de receiar cousa alguma; o seu poder sobre mim desvaneceu-se como um relampago, apenas me tocaram os seus labios — e esfregou a bocca como para apagar n'ella qualquer nodoa — De nada mais tenho medo. Acredito... sim! acredito que o velho molemo tinha razão, e que tudo acabará pelo melhor.

N'isto, Benita ouviu por detraz de si um rumor confuso, e voltou-se para ver d'onde provinha. Extranho espectaculo se lhe deparou. Aos tropeções, arrastando os pés pelas pedras e pela relva, adeantava-se para elles Jacob Meyer, com o rosto livido, a queixada pendente como a de um cadaver, os olhos arregalados e cheios de horror.

— Que lhe aconteceu, homem? — perguntou Clifford.

— Vi... vi... vi um espectro — balbucionou elle — dar-se-ha caso que tivesse voltado á caverna — accrescentou apontando para Benita, que fez um gesto negativo.

— Que espectro foi? — perguntou Clifford.

— Não sei. Apagou-se-me o candieiro, e começou logo uma luz a brilhar nas minhas costas. Voltei-me. Nos degraus do crucifixo, vi uma mulher ajoelhada. Com os braços se agarrava aos pés da imagem, e sobre estes pousava a testa. Tinha os cabellos negros cahidos sobre o vestido branco, e a luz provinha do seu corpo e da sua cabeça. Voltou-se lentamente e encarou-me... Ah! Deus do Ceu! que rosto aquelle! — e tapou os olhos com a mão, gemendo — Como era lindo! mas que medo fazia, tal qual o de um anjo vingador! Desatei a fugir, e a luz.. a luz só...veiu a acom-

panhar-me pela caverna adeante... ainda á entrada havia alguma. Vi um espirito, eu que não acreditava em espiritos, vi um espirito; e affianço-lhes que nem por todo o ouro do mundo tornarei a pôr os pés n'aquelle sitio.

Em seguida, sem lhes dar tempo a replicarem, como se o terror o houvesse empolgado de novo, Jacob deu um salto repentino e deitou a fugir, irrompendo atravez das moutas e saltando de rochedo em rochedo como um cabrito espantadiço.

(Continúa.)

SEIOS

Curvas divinas, curvas de alabastro,
Abobadas celestes invertidas
Onde fulgura em cada polo um astro!

Zimborios de reconditas ermidas,
Docéis de mysteriosa synagoga,
Aras divinas ante o amor erguidas!

Fontes da vida, onde se nutre e afoga
Seus primeiros vagidos, a criança;
Vagas sobre que a vida inteira voga!

Travesseiros do arminho onde descança
O terno amante a fronte fatigada
Na eterna lucta em que o labor o lança!

Cofres gentis de capa assetinada
Que encerram dentro em si a paz e a guerra
E onde tanto mysterio se arrecada!

Escrinios onde o odio e o amor se encerra,
Montes de neve com vulcões no fundo,
A cujas vibrações se abala a terra!

Deus, formando a mulher, mytho profundo
Que o homem decifrar procura em vão,
Poz-lhe o symbolo de arbitra do mundo:

Dois hemispherios sobre o coração!

Accacio Antunes.

Graphologia

Estudo do caracter pela escripta

É a GRAPHOLOGIA uma sciencia relativamente nova, mas que já conta, entre os seus mais devotados cultores, individualidades como Lombroso, Héricourt, Crepieux Jamin, Eugen Kirchner e outras, cujos nomes bastam a acredital-a. Os «SERÕES» dão hoje, devido á penna do nosso collaborador Sr. Cruz Andrade, um desenvolvido artigo sobre esta sciencia, que no estrangeiro tem conseguido apaixonar um grande numero de estudiosos e que, por certo, despertará entre os nossos estimaveis leitores o mesmo interesse.

Em Portugal ainda hoje ha muito quem sorria, apiedado, do que em sua presença affirme que pela escripta se pode avaliar das qualidades, defeitos e tendencias, educação ou estado physico da pessoa que escreve. Todavia, quem assim procede demonstra sómente um espirito illogico ou superficial, porque todos nós constatamos ou podemos constatar que, em determinadas circumstancias, a nossa propria lettra soffre modificações sensiveis. É ainda devido a estas frequentes modificações que alguns julgam a graphologia incapaz de traduzir a individualidade psychica, porque, dizem: «eu escrevo de differentes maneiras; a lettra em que começo uma carta é raras vezes egual áquella em que a termino». Isto é certo, em parte. Com effeito, os individuos de grande sensibilidade e de grande imaginação offerecem esse exemplo, que em nada desvalorisa a theoria, porque, se bem observarmos, notaremos que essa differença consiste apenas nos traços accessorios e nunca nas formas geraes da escripta; estas revelam, por consequencia, ao graphologo os traços fundamentaes do caracter e aquelles as disposições accidentaes.

Illustremos a theoria: O leitor acaba de receber uma noticia que o encheu de jubilo e vae por sua vez communical-a a uma pessoa querida. A lettra, habitualmente sobria e horisontal, apresenta-se agora dynamogenea, (1) movimentada, *ascendente*, isto é, tendendo a afastar-se da horisontalidade habitual, (fig. 1). Contrariamente, se a communição a fazer procede d'um profundo sentimento de desgosto, d'anniquilamento, a escripta será inhibida (2), hesitante, contrahida e *descendente*, (fig. 2). Isto porque, no primeiro caso, houve augmento d'actividade, traduzido por movimentos expansivos, centrífugos, e, no segundo, um enfraquecimento, que se denuncia por movimentos inhibitorios, centrípetos.

Ora a escripta não é senão uma série de pequenos gestos, um conjuncto de movimentos exteriorisados,—prolongamento do movimento cerebral que constitue a vida psychica.

Possuindo cada individuo um modo especial de gesticular, em harmonia, é claro, com o processo de reacção do seu organismo, assim tambem por cada individuo existe uma physionomia, um typo especial de escripta, em

---

(1) São dynamogeneas, segundo Bronw-Séquard, as irritações nervosas que, mais ou menos instantaneamente, por uma maior ou menor duração nas partes nervosas ou contracteis mais ou menos distantes do logar da irritação, exageram mais ou menos uma potencia ou uma funcção.

(2) São inhibitorias, segundo o mesmo auctor, as irritações nervosas que, mais ou menos instantaneamente, por uma maior ou menor duração nas partes nervosas ou contracteis, mais ou menos distantes do logar da irritação, fazem desapparecer mais ou menos uma potencia ou uma funcção.

Subentende-se que a escripta é inhibida, accidentalmente, relativamente á dynamogeneidade habitual.

harmonia não só com as suas tendencias, mas tambem com as suas faculdades.

Partindo d'estas conclusões admitte-se que, para cada sensação, exista um typo de reacção e um gesto correlativo, e que, se pela vontade podemos suffocar no trato quotidiano a manifestação externa d'esses movimentos, na escripta, que é, repetimos, uma série de pequenos gestos espontaneos e instinctivos quasi sempre, é isso totalmente impossivel. A graphologia é, desde logo, a sciencia d'observação

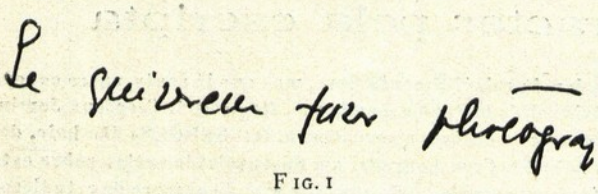


Fig. 1

que maiores compensações offerece no estudo da psychologia humana porque, se é certo que um simples gesto revela a um olhar investigador um determinado estado d'alma, é evidente a superioridade do gesto escripto, que tem sobre aquelle, inapreciavel muitas vezes por falta de comparação, a vantagem de ser permanente e permittir a analyse d'estados semelhantes.

Teem a mais cabal applicação em graphologia as seguintes conclusões a que chega o Dr. Héricourt, no seu estudo sobre a manifestação exterior dos sentimentos:

«É d'observação corrente, quer se trate de gestos espontaneos, inconscientes, ou d'uma mimica sabiamente estudada;

Que a energia da vontade se traduz por gestos pesados, fortemente accentuados;

Que a uma exposição clara e limpida corresponde o gesto ponderado e nitidamente desenhado;

Que as pessoas sensiveis tomam, como se diz vulgarmente, uns ares inclinados (air penché);

Que o egoismo parece sempre designar-se por movimentos centrípetos, que lhe são habituaes;

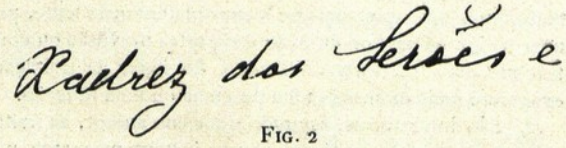


Fig. 2

Que o homem franco possue um gesto aberto e nitido;

Que a dissimulação tem o gesto fugitivo como o olhar e que os seus movimentos, como as suas phrases, parecem estar sempre incompletos;

Que o exaltado se conhece de longe pela amplitude dos seus movimentos;

Que o homem alegre e saudavel tem os gestos vivos e ascendentes, emquanto a tristeza faz inclinar a cabeça e pender os braços;

Que o amavel evita os movimentos angulosos, sempre quadrados ou ponteagudos no homem rude e de trato desagradavel;

Que a graça arredonda os movimentos e descreve circulos;

Que o homem simples se faz notar pela sobriedade e egualdade das suas maneiras.»

Basta, pois, subordinar ao termo *escripta* os termos *gesto*, *attitude* e *movimento*, para se possuir a base da theoria que forma o objecto d'este estudo.

A energia da vontade denuncia-se na escripta por traços fortes e seguros;

A sensibilidade pela inclinação da lettra;

O egoismo por curvas reentrantes e traços sinistrogyros, isto é, dirigidos da direita para a esquerda especialmente no fim das palavras.

A franqueza é caracterisada pela abertura das lettras;

A dissimulação revela-se por palavras terminando em ponta, frequentemente illegiveis;

A exaltação amplifica os traços;

A alegria dá os traços vivos, leves e ascendentes;

A amabilidade apresenta a lettra arredondada, com ausencia de curvas reintrantes; e,

Finalmente, a simplicidade revela-se pela simplicidade e egualdade da escripta.

Isto basta para fazer comprehender a grande utilidade d'este estudo e para que se justifique a importancia que a graphologia adquiriu já n'alguns paizes, especialmente na utilitaria Inglaterra, aonde é frequentemente solicitada a dar o seu conselho em negocios do maior interesse.

Edificante sob este ponto de vista a seguinte anecdota: (1)

«O casamento de M.lle de Duras com o marquez de Custine devia effectuar-se em breve. Uma manhã a duqueza de Duras tinha no seu salão, alem dos noivos, o conde de Nieuwer-

(1) *Mémoires du comte Horace de Viel Castel sur le règne de Napoléon III.*

kerke, o barão de Humboldt e outras pessoas. O barão pretendia que para conhecer o caracter lhe bastava ver a escripta da pessoa, e esta pretenção, já confirmada por bastantes experiencias, era n'essa manhã o assumpto de conversação.

— Vejamos, diz subitamente M.me Duras, entregando-lhe uma carta que lhe haviam passado, vejamos sr. de Humboldt, se podeis julgar pela escripta d'essa carta o caracter de quem a escreveu.

O barão, como um grande sabio allemão que era, concentra-se, examina, começa uma dissertação sobre a forma das lettras, a sua physionomia e sua singularidade; depois começa a demonstrar que a creatura de quem ellas procedem é um ser extraordinario, de gostos estravagantes, de imaginação corrupta, immoral... Emfim, traça um retrato abominavel, apezar dos esforços da duqueza para o interromper (mas não se interrompe com facilidade um sabio allemão), porque a pessoa julgada era nem mais nem menos do que o proprio marquez de Custine.

O casamento não se effectua. Custine casa com M.lle de Courtomer, e torna-se o ser inqualificavel que conhecemos. O sr. de Humboldt não se havia enganado».

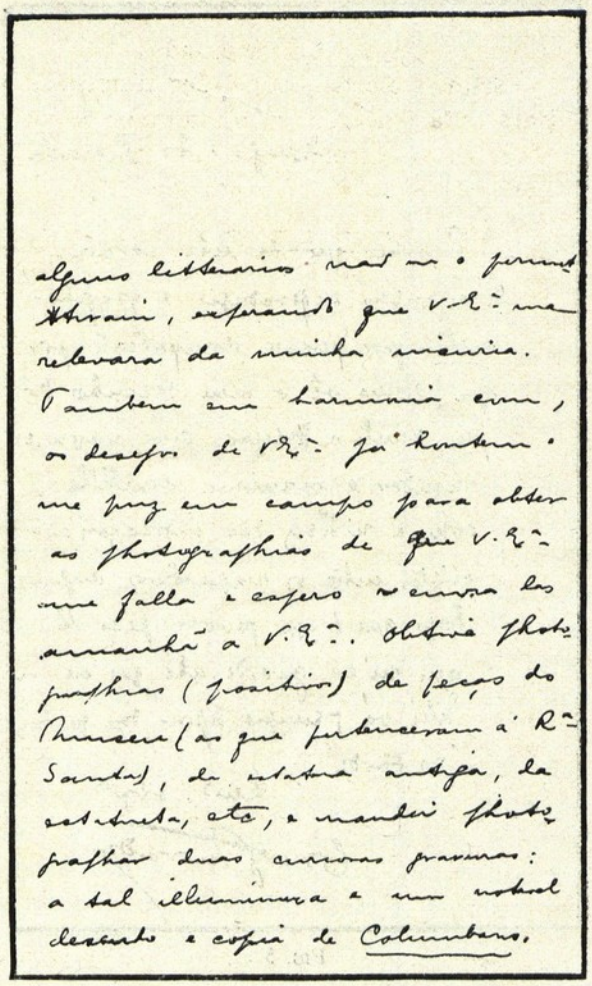


Fig. 4

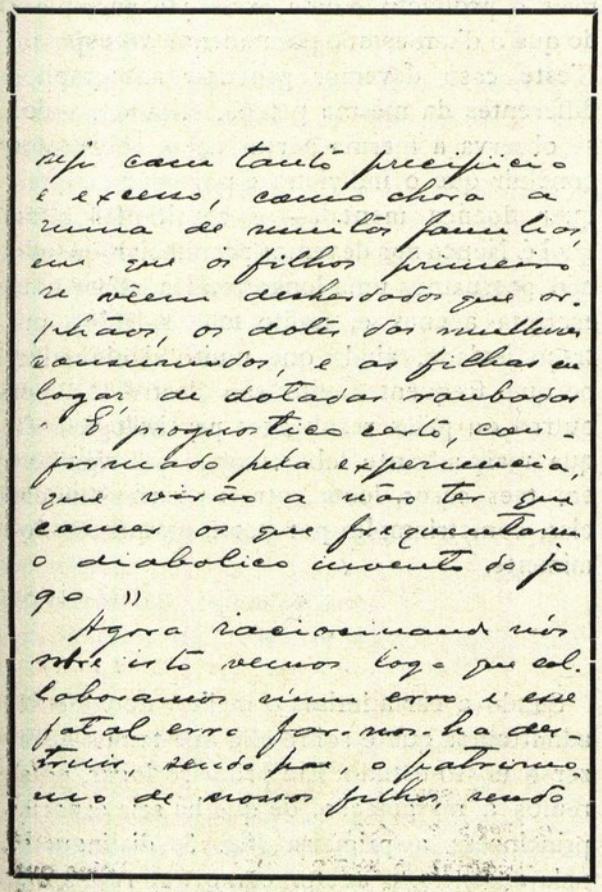


Fig. 3

Quantos desgostos se poderia evitar se se conhecesse melhor as pessoas com quem privamos diariamente e quantos amigos... figadaes não seriam por esta forma desmascarados!

A utilidade d'este estudo estende-se a todas as circumstancias da vida social; em familia, para orientar os paes sobre o modo de vida que mais se harmonisa com as qualidades e aptidões dos filhos; no commercio, para se conhecer o valor moral dos correspondentes e empregados (meio de informação muito praticado actualmente na Inglaterra); em questões de casamento, para conhecer as qualidades ou defeitos dos noivos; no professorado, como ramo precioso de psychologia pedagogica; aos medicos-legistas, para verificação da inculpabilidade dos accusados e do seu grau de responsabilidade; e, emfim, no trato quotidiano, para conhecermos as pessoas com quem tratamos, o que tambem vale alguma coisa.

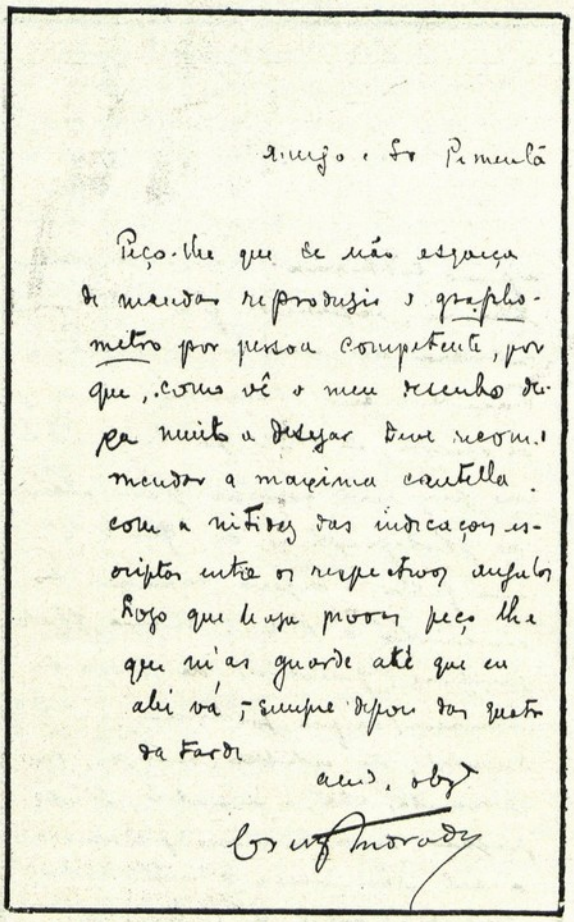


Fig. 5

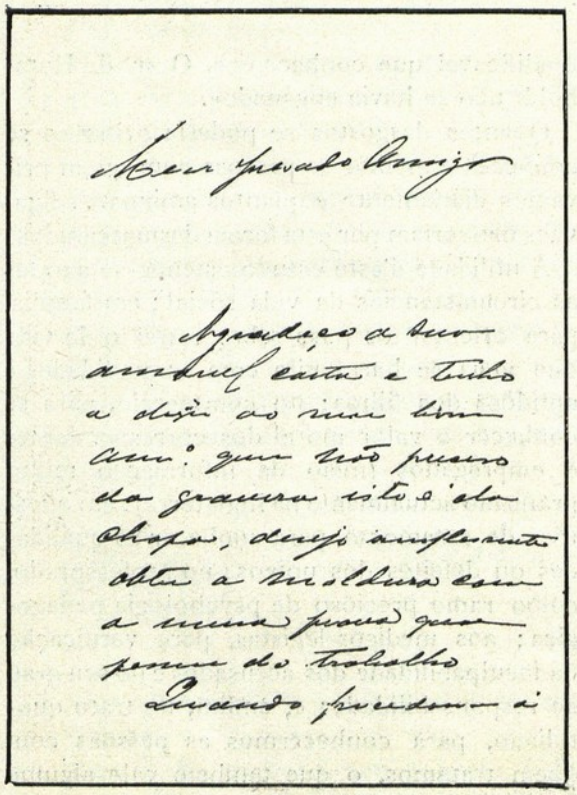


Fig. 6

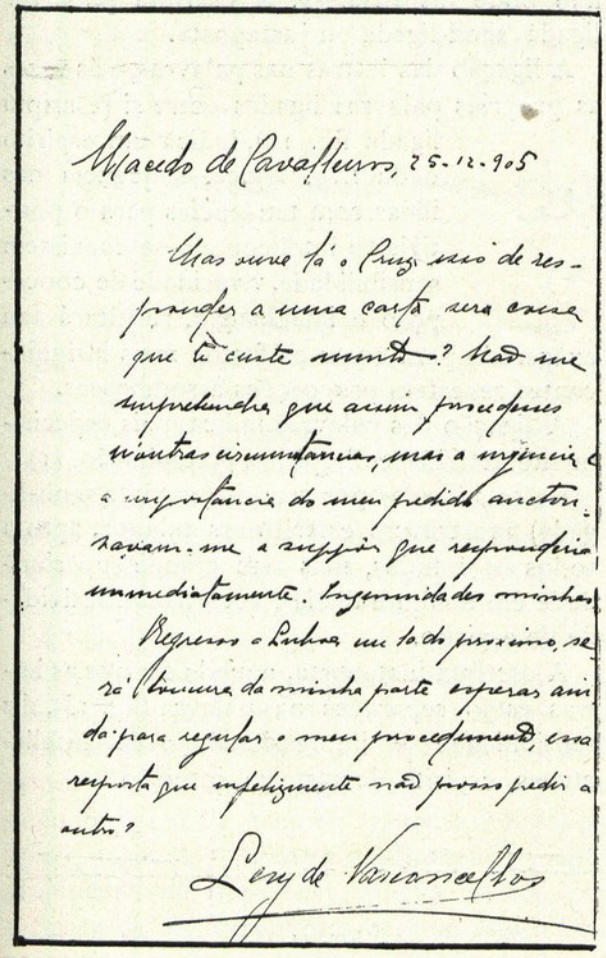
*
* *

Vamos, pois, fornecer aos nossos leitores umas breves mas claras noções da nova sciencia, que lhes permittirão emprehender, desde já, um estudo que tem tanto de util como de agradavel.

Antes, porém, umas ligeiras observações ácerca da escolha dos documentos a analysar, e convem analysar muitos, porque a faculdade de observação afina-se e desenvolve-se, como qualquer outra, pelo exercicio. Os documentos são, sob o ponto de vista graphologico, bons ou maus. São bons os que revelem naturalidade e espontaneidade: cartas intimas em que o individuo se mostra como é, ou rascunhos, quando não estejam illegiveis. São maus os escriptos a lapis, porque o lapis deforma certos traços de grande importancia, as copias officiaes, autographos lithographados, escriptas commerciaes, calligraphicas, ou escriptos em papel ordinario que modifique a lettra por uma rapida absorção da tinta, com penna incapaz e, finalmente, com má posição do braço. Deve evitar-se tambem os que denunciem grande agitação, porque podem ser mais o producto d'uma exaltação passageira do que o d'um estado permanente do espirito. N'este caso devemos procurar autographos differentes da mesma pessoa, e, se em todos se observa a mesma perturbação, poderemos concluir que o individuo é portador de qualquer doença mental, — as resultantes dirão qual é. Nunca nos devemos pronunciar, quando não possuamos uma longa pratica, sobre uma escripta apenas e, muito menos, sobre um traço isolado, ainda que muito significativo, porque frequentemente são destruidos por outros ou pelas resultantes psychologicas de que mais adeante fallaremos, o que significa, em taes casos, lucta entre as varias tendencias, com triumpho por parte da que fôr dominante.

*
* *

Sendo a carta intima o melhor documento, admittamos que é sobre ella que temos de fazer o nosso estudo. Em primeiro logar, notaremos a marginação, de que ha seis especies principaes; a primeira (fig. 3) distingue-se pela ausencia, o auctor como que receia que o papel lhe venha a faltar e economisa-o. É



Macedo de Cavalleiros, 25-12-905

Mas sure tá o Cruz, não de responder a uma carta sua essa que tu conte muito? Had me impressionado que assim procedesse visitas circunstancias, mas a urgencia e a importancia do meu pedido auctorisavam-me a suppor que responderia immediatamente. Ingenuidades minhas.

Regresso a Lisboa no fim do proximo, se já tiver da minha parte esperar ainda do para regular o meu procedimento, essa resposta que infelizmente não posso pedir a outro?

Leny de Vasconcellos

Fig. 7

signal d'avareza e tanto maior se as lettras estão como que empilhadas e as palavras sem a separação normal. (1)

A pequena margem (fig. 4) mostra ainda um individuo economico, mas d'uma economia menos sordida, proveniente d'uma comprehensão mais intelligente das necessidades da vida; todavia, não é generoso.

A margem crescente (fig. 5) é vulgar nas pessoas de poucos meios e com habitos de despeza; significa a victoria d'estes habitos.

A grande margem (fig. 6) revela grandeza de vistas, se os signaes de cultura são fortemente accusados; e, d'uma maneira geral, generosidade, que pode ir até á prodigalidade se os outros signaes concordam.

A margem de crescente (fig. 7) indica simplesmente o triumpho da economia sobre a despensividade. É a margem dos chefes de familia, que sacrificam ás necessidades domesticas os seus habitos de despeza.

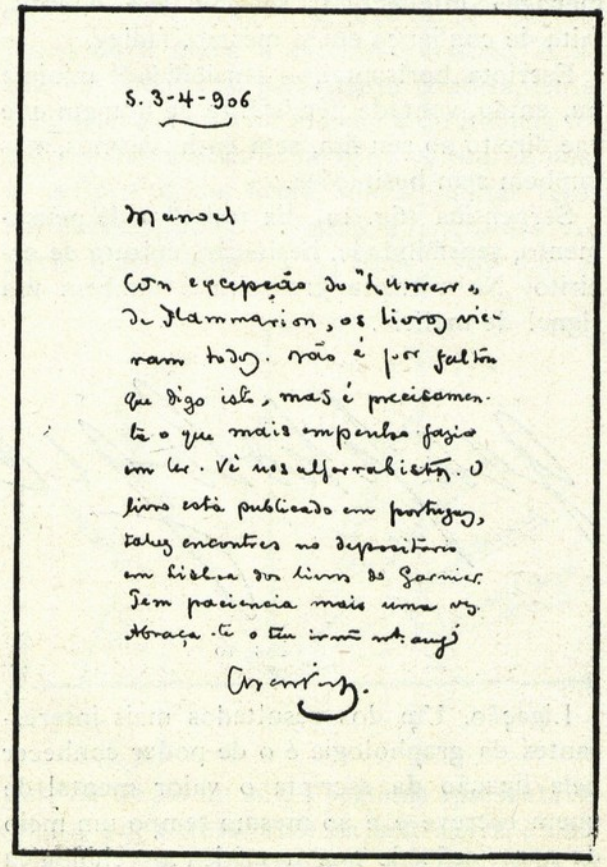
Por ultimo, temos a margem em enquadramento (fig. 8), que indica um espirito claro e muito sensivel á harmonia da forma. É a margem dos poetas e dos artistas em geral.

Notaremos em seguida o conjuncto, que exprime o processo mental do escrevente, sob os pontos de vista da legibilidade, dimensão das lettras, nitidez, direcção das linhas, ligação, plasticidade e sobriedade da escripta.

Legibilidade. A escripta bem legivel indica franqueza, abertura d'alma, quando não é exclusivamente calligraphica, porque n'este caso significa nullidade ou preciosismo. A escripta legivel a que nos referimos é aquella que, sendo-o eminentemente, se afasta das regras calligraphicas (fig. 9). A escripta illegivel indica naturalmente o contrario.

Grandeza. A lettra mede nos nossos dias dois millimetros, approximadamente, a minuscula e um centimetro a maiuscula. A lettra normalmente grande (fig. 10) diz aspirações elevadas, concentração, timidez, orgulho, generosidade, concepção lenta ou presbytia.

A lettra pequena (fig. 11) mostra um juizo



5. 3-4-906

Manoel

Com excepção do "Lumen" de Flammarion, os livros vieram todos. Não é por falta que digo isto, mas é precisamente o que mais empecilho fazia em ler. Vê nos alfarrabistas. O livro está publicado em portuguez, talvez encontres no depositario em Lisboa dos livros de Garnier. Sem paciencia mais uma vez. Abraça-te o teu irmão ant. amigo

Cruz.

Fig. 8

(1) É preciso não perder de vista que um signal não tem por si mesmo significação absoluta; procederia imprudentemente quem pela marginação da carta (fig. 3) decidisse que o seu auctor é um avarento. A lettra pertence a um espirito superior e esse defeito de temperamento encontra-se modificado por outros traços. Tanto esta como as outras cartas encontramol-as aqui, unicamente sob o aspecto da marginação.

analytico estreito com tendencia a perder-se nos detalhes, sem dar jamais um pensamento completo; é tambem um indicio de minuciosidade, de finura ou de myopia.

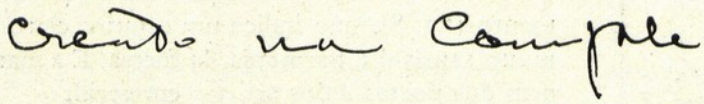


Fig. 9

Nitidez. A escripta nitida (fig. 9) significa energia, precisão, clareza e ordem nas idéas.

A confusa, devido principalmente ao entrelaçamento das lettras e ao seu grande movimento, revela confusão nas idéas, imaginação viva e desregrada; quando muito apertadas umas contra as outras, indica tambem egoismo e avareza.

A direcção das linhas, segundo a expressiva imagem do eminente graphologo francez Marius Decrespe, está para o escrevente como o barometro para as variações da pressão atmospherica, mostra o humor com que elle encara os acontecimentos.

A escripta ascendente (fig. 1) diz enthusiasmo, ambição, triumpho, ardor, alegria, agitação, sensibilidade exagerada, reacção contra um estado depressivo.

Escripta descendente (fig. 2). Tristeza, «surmenage» intellectual, sensibilidade doentia, falta de confiança em si mesmo, fadiga.

Escripta horisontal, — sensibilidade minima ou, então, vontade persistente de homem que vae direito ao seu fim, sem enthusiasmos, mas tambem sem hesitações.

Serpentina (fig. 12) diz trabalho de pensamento, sensibilidade, hesitação, cultura de espirito. Na escripta grosseira é tambem um signal de malicia.

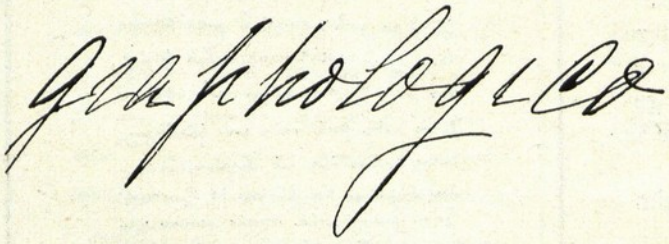


Fig. 10

Ligação. Um dos resultados mais interessantes da graphologia é o de poder conhecer pela ligação da escripta o valor mental de quem escreve e é ao mesmo tempo um meio de apreciação de que a critica psychologica não pode dispensar-se. A escripta pode ser ligada, semi-ligada ou justaposta.

A ligação das lettras nas palavras, e ás vezes as proprias palavras ligadas entre si (escripta ligada fig. 12), indica um espirito deductivo, logica, sequencia nas idéas com tendencias para o positivismo intellectual; se coexistem sensibilidade, vivacidade de concepção e imaginação, resultará um exagerado para quem os factos mais insignificantes revestem proporções assombrosas.

A ligação das palavras indica mais especialmente actividade d'espirito, precipitação. (1)

Lettras ligadas por grupos (escripta semi-ligada) mostra um espirito assimilador, apto a todos os estudos, mas sem grande superioridade em nenhum d'elles, eccletismo, actividade de espirito.

A escripta justaposta, aquella em que as lettras estão separadas na palavra (fig. 13), diz sensibilidade e impressionabilidade intellectuaes, espirito de systema, intuição.

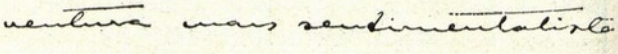


Fig. 11

A inclinação corresponde ao grau de emotividade do escrevente. É um dos pontos mais importantes da graphologia; convém por isso prestar-lhe detida attenção. Para melhor comprehensão, extrahimos do precioso livro do dr. Eugen Kirchner, «Geistiges Training», copia do seu graphometro (fig. 14), que temos por muito pratico e sobretudo de facilima applicação. Basta reproduzir a figura em papel vegetal e ajustar depois á linha da escripta a linha A-B do graphometro.

Em graphologia, como em todas as sciencias de observação, ha lacunas que ao observador compete preencher. Por exemplo, applicado o gaphometro, a lettra projecta-se entre o angulo «sensibilidade» e o angulo «paixão»; isso revela, naturalmente, uma sensibilidade mais viva. Se ficar no angulo «sensibilidade» mais proxima do angulo «frieza», indicará, pois, uma sensibilidade menos viva e mais contida.

---

(1) A ligação nas escriptas inferiores indica falta de ideação, trabalho difficil de pensamento.

A escripta vertical indica clareza, razão, inflexibilidade, frieza e algumas vezes dureza de coração.

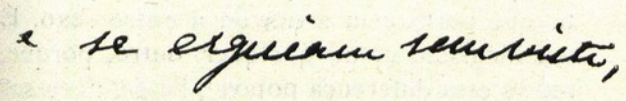


Fig. 12

A escripta habitualmente inclinada para a esquerda diz dissimulação, reserva, sensibilidade contida. Accidentalmente inclinada para o mesmo lado: desconfiança, dissimulação; ordem e clareza, quando se trata de documentos officiaes. Nota-se que, se pretendemos disfarçar a lettra, instinctivamente a inclinamos para a esquerda. As cartas anonymas são geralmente escriptas n'esta lettra.

A plasticidade accusa o grau de sentimento esthetico. Com effeito, a lettra não é bella porque seja perfeita no sentido calligraphico do termo,—nota-se até que a letttra assim é quasi sempre monotona e inexpressiva,—é bella quando denuncia mais ou menos a individualidade do auctor. A lettra da figura 15 é, calligraphicamente, imperfeita; é bella, porém, sob o ponto de vista graphologico, por muito expressiva da cultura artistica do auctor.

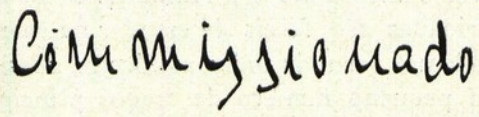


Fig. 13

A escripta agradavel (fig. 9) indica talento, affabilidade, sentimento da fórma. É a escripta das pessoas ao lado das quaes se passa o tempo depressa.

A desagradavel (fig. 16) póde ainda revelar talento, o que é frequente, mas será um talento sem relevo, que não interessa nem procura interessar; póde tambem indicar bondade, se outros signaes concordam; o que nunca poderá indicar é affabilidade, habitos de sociedade, doçura de maneiras.

A escripta excentrica, se agradavel (fig. 15), diz sentimento da fórma, horror do vulgar, orgulho hierarchico, sensibilidade artistica;—se desagradavel ou banal (fig. 19) loucura, infantilidade, pretenciosismo.

A escripta banal (fig. 18) indica naturalmente uma intelligencia sem relevo, incapaz de possuir idéas e até de as assimilar.

A sobriedade indica a importancia que o escrevente dá ás particularidades e ás coisas essenciaes.

A escripta sobria é a que não tem excessos nem faltas, diz ordem, prudencia, espirito de rotina, reserva, desejo de approvação. Quando os signaes da vontade não são muito accusados, póde significar tambem modestia e simplicidade.

A escripta secca é a que não apresenta traço algum desnecessario, que parece mais dezenhada do que escripta,—ausencia de affectividade e de imaginação; se com tal escripta as lettras são angulosas, estamos em presença d'um egoista e de um avarento, capaz de rivalisar com a celebre personagem de Molière.

A escripta ornada de floreados e traços accessorios inuteis (fig. 19) accusa futilidade, pretenção, fatuidade; e coqueteria na mulher.

A escripta pastosa (fig. 20) revela sensualidade grosseira, gulotoneria, materialidade de gostos.

*
* *

Vamos dar algumas indicações sobre os signaes de cultura na escripta. Ninguem, medianamente instruido, confunde a lettra d'um intellectual com a letra inesthetica, embora calligraphica, d'um individuo vulgar. Ha, porém, certas particularidades que permittem reconhecer, scientificamente, se é ou não culto o individuo a quem a escripta pertence. A do homem inferior é geralmente confusa, lenta, sem relevo e sem harmonia; a do homem intellectualmente superior é, ao contrario, quasi sempre nitida, firme, sobria, muitas vezes em excesso, como na fig. 2, e harmonica. Ao passo que a primeira é pesada e sobrecarregada de traços inuteis, a segunda apresenta-se rapida, por excessivamente dextrogyra, e simplificada. Ninguem decerto hesitará, ante a

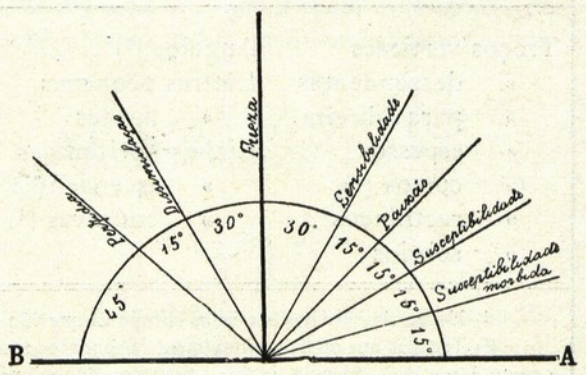


Fig. 14

fig. 2, eminentemente simplificada e rapida, e a fig. 20, pastosa, lenta e sem relevo, em declarar qual d'ellas denuncia a cultura de espirito.

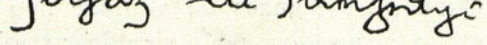


Fig. 15

Muitos signaes de cultura são-o tambem de intelligencia, como nas seguintes palavras o explica o sabio graphologo Crepieux-Jamin: «a nitidez da escripta, que indica a nitidez da concepção psychologica, é signal de intelligencia; indica tambem a faculdade de transmissão do pensamento pela escripta e, em tal caso, é um signal de cultura». Todas as modificações na fórma da lettra que a simplifiquem e abreviem pódem ser consideradas signaes de cultura. O *d* ligado á lettra immediata, por meio da haste que descreve uma curva para a esquerda e se lhe vem depois ligar, o *f* e o *e* de *fazer* e o *p* da fig. 2 são o que possa haver de mais simplificado e dextrogyro. As lettras de fórma typographica são, ao mesmo tempo que um signal de cultura, um indicio de sentimento esthetico.

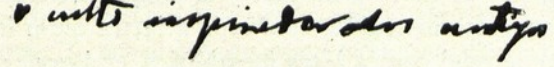


Fig. 16

Vejamos agora o sexo na escripta. Para muitos graphologos da escola do abbade Michon, o glorioso fundador da graphologia, não ha signaes que revelem claramente o sexo do escrevente comtudo, concordam em que ha escriptas das quaes se póde dizer á simples vista que pertencem a um ou a outro sexo. É um illogismo como qualquer outro, porque, sendo essa differença notavel, ha de, necessariamente, poder-se determinar pela analyse e pela comparação quaes os signaes que revelam a feminilidade e quaes os inherentes ao sexo contrario. Jamin faz notar que do sexo resulta uma grande differença social, que a mulher tem uma actividade differente da do homem, outras aspirações e, portanto, outras preoccupações; e Marius Decrespe chega a formular um conjuncto de regras, apoiadas n'uma paciente observação e n'uma logica incontestavel, pelas quaes se póde determinar ao primeiro exame o sexo do escrevente.

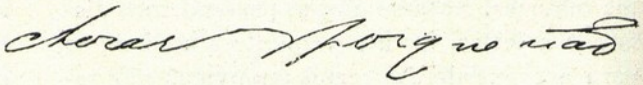


Fig. 17

«Notaremos, antes de tudo, diz elle, que todas as coisas se resolvem em duas polaridades: o activo e o passivo, o positivo e o negativo, o masculino e o feminino. Estas duas polaridades são faceis de estudar na escripta e podemos resumir todas as fórmas possiveis n'um pequeno numero de traços principaes, na significação dos quaes se decomporão todas as observações que se puderem fazer:

Polo positivo, activo, masculino ou centrifugo		Polo negativo, passivo, feminino ou centripeto	
Traços verticaes	Angulos (3)	Traços horisontaes	Curvas
» descendentes	Lettras pequenas	» ascendentes	Lettras grandes
» para a direita (1)	» ligadas	» para a esquerda	» justapostas
» espessos	Linhas horisontaes	» finos	Linhas sinuosas
» curtos (2)	» ascendentes (4)	» longos	» descendentes
» rectilíneos	» concavas (4)	» sinuosos	» convexas
» sobrios		» complicados	

(1) Especialmente nas escriptas europeias que vão da esquerda para a direita.

(2) Tudo o que indica o movimento é feminino; tudo o que indica a materialidade é masculino; um traço espesso e curto é, por consequencia, activo e um traço fino e longo passivo.

(3) Os angulos e as curvas voltadas para cima ou para a direita (A, D, etc.) indicam o polo positivo com relação aos angulos e curvas voltadas para baixo ou para a esquerda (V, U, C, etc.) e que significam a negatividade.

(4) A direcção das linhas tem uma significação inversa da direcção dos traços, porque os traços isolados exprimem antes uma tendencia, uma aspiração, ao passo que as linhas indicam a realisação.

Manuel de Graphologie Appliquée, pag. 43.

Taes são os principaes signaes que se deve recordar, que servem para explicar todos os outros; poderia, evidentemente, encontrar-se um maior numero, mas estes chegam para a pratica corrente, como vamos explicar:

O homem é a razão, a pratica, a realisação, a concentração individual, o movimento que evita o centro commum, o odio, a força (sobre-

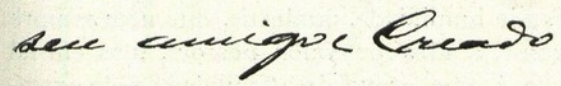


Fig. 18

tudo material); a mulher é a imaginação, o ideal, a theoria, a expansão do *eu* para a universalidade das coisas, é o amor e a fraqueza intellectual e physica, mas é a força moral, a paixão, da mesma fórma que o homem é a acção apathica (no sentido de sem paixão), e voluntaria; a mulher sonha e deseja, o homem trabalha e effectua, — como na fabula *O cego e o paralytico*, a mulher indica a estrada e o homem caminha.

Mas de que serviria o seu sonho se lhe fôsse impossivel a realisação? Para que serviria o trabalho do homem se a idéa não viesse guial-a e fecundal-a? Um individuo que não tivesse senão as faculdades masculinas ou sómente femininas seria uma monstruosidade incapaz de fazer coisa alguma. A Providencia quiz, pois, que a força de uma e outra polaridade fôsse repartida pelos dois sexos da seguinte maneira:

HOMENS	MULHERES
Espirito-Razão (faculdade masculina).	Intuição (faculdade feminina).
Alma-Enthusiasmo (faculdade feminina).	Bom senso (faculdade masculina).
Corpo-Sexo masculino.	Sexo feminino.

São os typos normaes e vê-se que o homem não é mais completo sem a mulher do que a mulher sem o homem. Existe, porém, um grande numero de typos nos quaes a proporção supra não é guardada; todavia, como o espirito, a alma e o corpo, que reciprocamente se influenciam, devem sempre manter um certo equilibrio, e como nós não podemos mudar de sexo á vontade, emquanto encarcerados no corpo material, é impossivel que um individuo do sexo feminino, por exemplo, tenha *exactamente* todas as qualidades ou defeitos que poderia ter um homem, e reciprocamente.

Resulta do que precede que, n'uma escripta, na mão ou n'uma physionomia qualquer, deve sempre encontrar-se um certo numero de signaes masculinos e femininos, e que um homem, por muito effeminado que seja, apresentará sempre maior numero de signaes masculinos, assim como no mais rude dos viragos será maior o numero dos signaes femininos. A egualdade perfeita não se realisaria senão nos hermaphroditas e ainda, n'um grande numero de casos, um sexo prevaleceria sobre o outro.» As figuras 10, 17 e 20 dão-nos typos acabados de escripta feminina.

Uma das qualidades que importa conhecer no individuo é o seu grau de vontade, quer se pense como Schopenhaur, que ella é a base do caracter, ou como Fouillée, que todos os phenomenos intellectuaes, sensação, projecção exterior, consciencia do eu, e da sua existencia continua, sem ella se explicam. É certo que as manifestações do caracter se inscrevem n'um triangulo cujos vertices são a intelligencia, a moralidade e a vontade e que toda a classificação do caracter baseada apenas n'um d'esses vertices seria insufficiente e anti-scientifica; não obstante a vontade, que presuppõe um certo grau d'adaptação mental a um fim proximo ou remoto, mas consciente e necessario, é já um indicio seguro de intelligencia. Com effeito, não podemos conceber mais facilmente um Napoleão sem vontade, do que um Balzac ou um Wagner; cada um na sua esphera d'acção triumpha pela sua energia; ora, a propria energia não se torna querer senão quando obedece a um plano intelligente. Vejamos, pois, quaes os signaes mais caracteristicos da vontade: são naturalmente todos os que dependem d'um movimento especial e estão por consequencia menos subor-

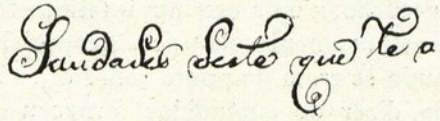


Fig. 19

dinados á tendencia da escripta, pontuação, accentuação, sublinhamento e traço trasversal do *t*, a que chamaremos, como os francezes, *barra*.

A barra do *t* fina e curta exprime fraqueza de vontade ou vontade nulla, quando, na escripta que as apresente, uma ou outra vez brilhem pela ausencia; a barra forte e curta ao

meio da haste e em cruz diz vigor, vontade forte e conciliadora; a resolução revela-se por uma barra em fórma de fuso, projectando-se á direita da haste e apoiando n'ella a parte mais fina; o *t* cortado por um traço forte,

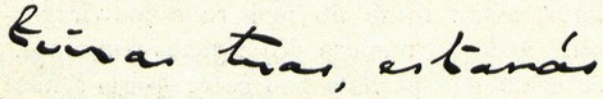


Fig. 20

curto e descendente indica teimosia, significação que raras vezes é destruida por outros signaes. A barra longa e fina diz fraqueza ou vivacidade; regular e collocada sobre a haste, auctoritarismo ou orgulho; se forte, despotismo; posta á esquerda da haste, hesitação, timidez ou reflexão lenta; á direita, decisão, iniciativa, audacia e algumas vezes, tambem, estouvamento. O espirito critico e a ironia mordaz são-nos revelados por uma barra fusiforme, cuja ponta se projecta á direita da haste. São signaes de tenacidade a barra, formando como que um nó em volta da haste ou, simplesmente, formando com ella um angulo agudo, a que se apresenta com uma pequena curva nas extremidades, e, finalmente, a que, de qualquer forma e habitualmente, marque um movimento mais pesado.

A pontuação cuidada indica minuciosidade, boa memoria e naturalmente cultura d'espirito. Os sublinhados frequentes revelam uma tendencia ao exagero e são tambem a marca d'um espirito futil ou pretencioso. A ausencia

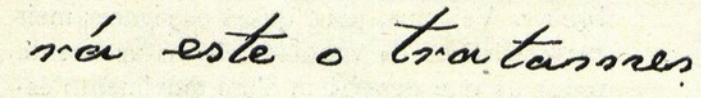


Fig. 21

de pontuação, n'uma escripta intelligente, denuncia estouvamento, abstracção, especialmente quando se trata do ponto sobre o *i*, a lettra que no dizer de entendidos forneceu o primeiro elemento de observação no estudo do caracter pela escripta.

*
* *

O estudo de cada lettra na escripta ornece tambem muita luz e convem por isso prestar-lhe uma attenção especial. As lettras são, como sabemos, maiusculas e minusculas e medem, como dissemos, um centimetro as primeiras e dois millimetros as ultimas, pouco mais ou menos. Aquellas que excedem d'uma maneira notavel o limite de grandeza ou notavelmente o reduzem serão *grandes* ou *pequenas*.

As maiusculas grandes junto de minusculas naturaes ou pequenas dizem orgulho, convencimento d'um grande valor pessoal; as maiusculas pequenas dizem, ao contrario, grande humildade, modestia, que nem sempre exclue a idéa de valor pessoal, mas em tal caso é uma prova de affabilidade e de extrema cortezia. As maiusculas de forma typographica indicam o litterato e em geral o homem de gosto, possuindo um grande sentimento da fórma e da harmonia.

O *A* da fig. 21 indica simplicidade, bom humor; tendencias aristocraticas o da fig. 22, e orgulho o da 23.

Devido a grande variedade das suas fórmas, offerece o *B* um grande numero de significações. É-nos, porém, impossivel, devido ao pequeno espaço de que dispomos, multiplicar os exemplos. O da fig. 23, que parece mais um numero, indica menos o habito de lidar com algarismos do que uma certa excentricidade, que se acompanha d'um tal ou qual sentimento artistico; o mesmo poderemos dizer do *B* (fig. 25).

Do *C* pouco se póde dizer, a não ser do que affecta a figura d'um semi-circulo e passa abaixo da linha, que revela franqueza, instinctos de protecção e é quasi sempre um dos mais seguros indicios d'um caracter expansivo.

O *D* offerece, como o *B*, muitas variedades de fórma: o da fig. 26 dá-nos um egoista que se compraz na vida intellectual intensa e interior, e o da fig. 27 um romanesco todo idealidade e imaginação.

É pobre de significação o *E*, devido a que, se não toma o traçado approximado da fig. 28, affecta a fórma typographica de significação egual para todas as lettras.

Indica energia, decisão, espirito nada accessivel a coisas de sentimento o *F* (fig. 29); o da fig. 30 é, ao contrario, a lettra d'um altruista, ou melhor d'um egoista benemerito, a quem lisonjeia a convicção de que é util ao seu semelhante. O da fig. 31 diz serenidade d'animo, espiritualidade de gostos e nobreza de sentimentos, com um tudo nada d'orgulho, porque a perfeição não é d'este mundo.

O *G* da fig. 32 indica razão lucida e são

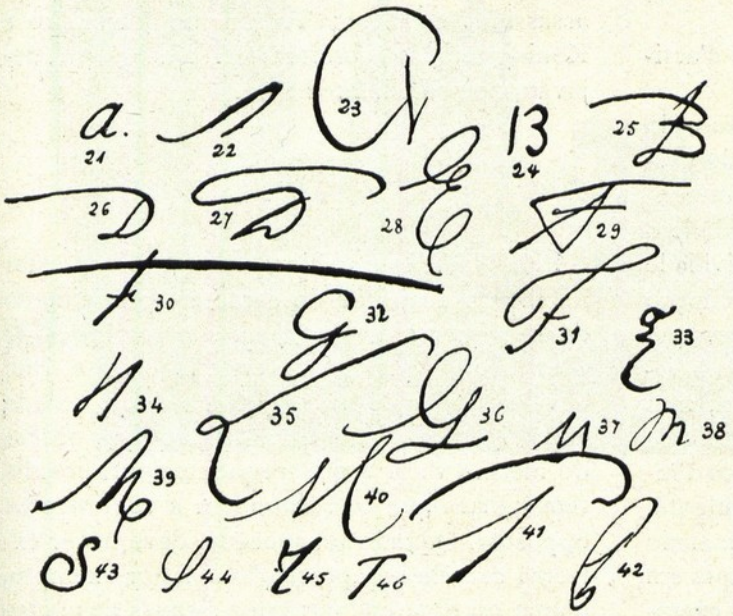


Fig. 22

equilibrio das faculdades mentaes; o da fig. 33 grande originalidade e uma alta educação artistica; é o *G* do grande Theophile Gautier, um dos mais delicados cultores da fórma, que a França tem produzido.

Nada tem de interessante o *H*; como indicio, porém, de simplicidade na escripta culta, apresentamos o exemplo vulgar da fig. 34.

I, *J* e *K* são pouco notaveis, especialmente a ultima, devido á sua raridade no nosso idioma.

Indica orgulho da posição o *L* da fig. 35, junto a um certo grau de infantilidade; diz ainda orgulho o da fig. 36, e, especialmente, desejo de ostentar.

O *M* da fig. 37 indica intellectualidade, denunciada pela simplificação e pela fórma quasi typographica; os das fig. 38 e 39 dizem tendencias aristocraticas, pura aristocracia da idéa, que póde acompanhar-se dos sentimentos mais democraticos, diz especialmente desejo de não ser confundido na turba anonyma pelo convencimento de meritos proprios. Diz orgulho de nome ou da obra comprida o da fig. 40.

Tem o *N*, com formas semelhantes, as mesmas significações do *M*.

Nada de apreciavel no *O*.

Dá-nos o *P* da fig. 41 um espirito dominador, mas generoso e affavel; o da fig. 42, complicação d'espirito, desejo d'agradar e tambem ausencia de sentimento artistico.

Q, lettra pouco notavel.

R, o mesmo que *B* e *P*.

S, o da fig. 43 diz sentimento da forma e o da fig. 44 singeleza de maneiras, raiando na frivolidade.

T, o da fig. 45 exprime claramente gostos materiaes e pretenções aristocraticas; cultura d'espirito o da fig. 46.

U, *V*, *X*, *Y* e *Z*, todas pouco interessantes, a não ser sob o ponto de vista da energia do escrevente, que convem observar na energia do traço e na tendencia da curva a formar angulo.

As lettras minusculas são mais interessantes ainda, pela frequencia da sua repetição; comtudo, daremos apenas a significação das principaes, deixando ao leitor o prazer de descobrir pela analogia as significações que não damos.

O *a* aberto por cima diz franqueza; excessivamente aberto (fig. 47), irreflexão, difficuldade de calar um segredo; contrariamente, o *a* fechado diz impenetrabilidade, precaução; o da fig. 48 diz, além d'isso, egoismo.

O *c* da fig. 49 pertence á escripta angulosa, cuja significação é energia; o da fig. 50 á escripta arredonda, que revela brandura, sentimentalidade.

Das lettras minusculas é o *d* a mais importante. Damos seis exemplos nas fig. 51, 52, 53, 54, 55 e 56, que significam, respectivamente: intellectualidade, franqueza e sentimento da forma; — futilidade, pretenciosismo e desejo de agradar; — enthusiasmo e imaginação desregrada; — egoismo; — trabalho e cultura de espirito, bondade natural ou adquirida, consoante o genero de escripta em que se encontra; — finalmente, descontentamento, senti-

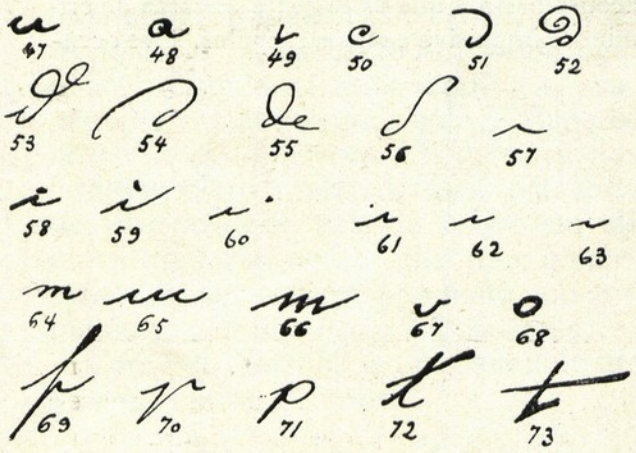


Fig. 23

mento de impotencia para a realisação da obra sonhada.

O *e* da fig. 57 é um magnifico exemplo d'actividade d'espirito e d'intellectualidade.

O *i*, lettra muito interessante por causa do seu ponto, da fig. 58 diz materialidade de gostos, grosseria, sensualidade baixa e sentimentos do mesmo tom; diz ainda sensualidade o da fig. 59, gostos mais elevados e actividade d'espirito; o da fig. 60 diz intuição, concepção prompta, mas pouca ou nenhuma elevação d'ideas; a fig. 61 indica, ao contrario, um espirito lento, concepção difficil e tardia, mas exactamente egual ao anterior em questões de moralidade; a fig. 62 é um bello exemplo d'intuição e d'idealidade; e a 63, de estouvamento, falta de methodo d'attenção e talvez mesmo de memoria se se apresenta n'uma escripta em que haja faltas semelhantes, como, por exemplo, numa carta que tenho presente, em que um illustre escriptor fala d'um tal Trancisco Simoes.

O *m* da fig. 64, que pertence a uma escripta arredondada, indica um caracter molle e sem relevo; o da fig. 65 doçura de caracter, temperado comtudo por uma boa dóse d'energia, o que se vê do numero d'angulos egual ao de curvas; o da fig. 66 indica um caracter inflexivel, de antes quebrar que torcer; é a lettra dos homens d'acção, dos que triumpham; é um signal terrivel na escripta do egoista.

O *p* da fig. 69 indica o individuo que confia em si proprio, ambicioso de honras e de poder; a fig. 70 diz intellectualidade, franqueza e simplicidade; diz impenetrabilidade o da fig. 71, que, não obstante, se acompanha d'uma certa bonhomia, denotando tambem tendencias estheticas.

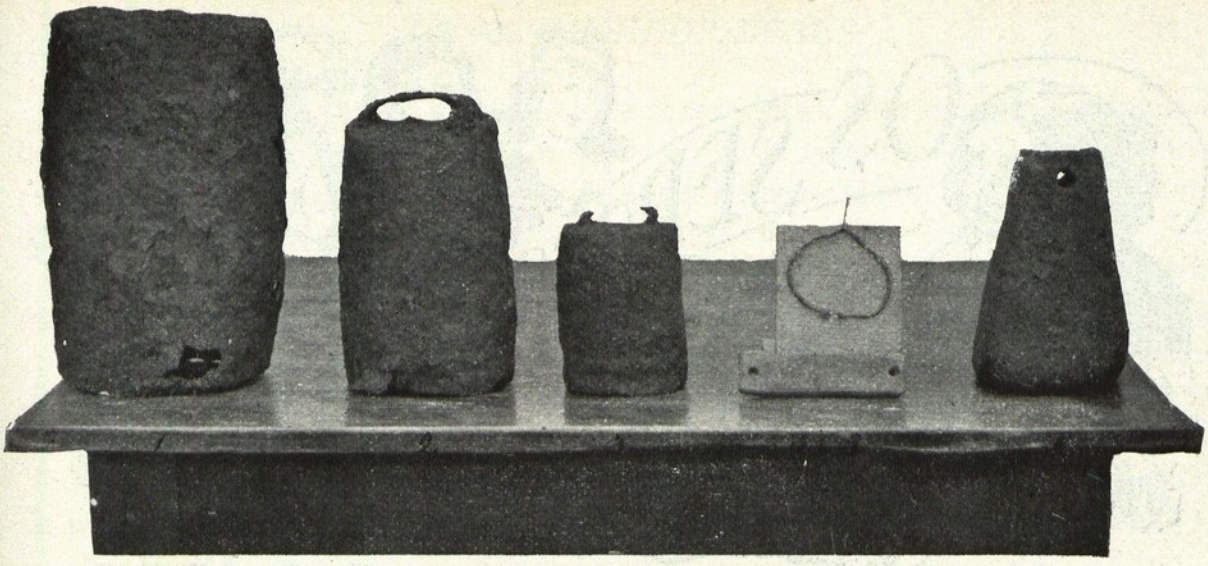
Se o leitor tem relações com um individuo que traça o seu *t* como o da fig. 72, é d'amigo aconselhal-o a que as evite; é a marca do criminoso impulsivo e sem escrupulos. Tive occasião de a notar em mais de meia duzia de assassinos celebres; Tropmann, Lacenaire e Koningstein, o conhecido Ravachol, tracejavam-no semelhantemente.

*
* *

Pelas indicações acima, deve o leitor estar habilitado a ajuizar do caracter approximado de qualquer individuo pela sua escripta, — é apenas uma questão de criterio o resto. Não deverá perder de vista que um traço isolado nada significa se não é confirmado por outros do mesmo valor e que frequentemente coexistem signaes que correspondem a sentimentos oppostos. Quando tal succede, deve haver extrema cautela na apreciação. Se, por exemplo, n'uma escripta encontramos signaes de auctoritarismo, de despotismo mesmo e ao mesmo tempo de sensibilidade, concluimos racionalmente que estamos em presença d'um egoista. Com effeito, o egoista é sensivel... pela sua pessoa e pelo que lhe diz respeito. Outro exemplo: se n'uma escripta banal, que indica um espirito commum, encontramos signaes de sensibilidade e de imaginação, concluimos que o escrevente possue um juizo falso; comprehende-se bem que um espirito commum, sensivel e imaginativo seja, por isso mesmo, conduzido a erros de apreciação; o contrario seria illogico. O criterio falso do escrevente, como o egoismo, no primeiro caso, não existem denunciados por signaes visiveis, apparecem como resultantes d'outros signaes.

N'um dos proximos numeros publicaremos alguns retratos graphologicos de homens eminentes nas lettras e nas artes, insistindo n'esse trabalho de resultantes, que é, certamente, o mais difficil, mas não o menos interessante da graphologia.

CRUZ ANDRADE.



1 2 3 4 e 5 6

Antiguidades Romanas

A actual aldeia de S. Miguel de Machede, freguezia do concelho de Evora, no caminho da villa do Redondo, é a representante de uma, que mui perto lhe ficava em tempo de romanos, com nome desconhecido hoje.

Machede é voz arabica que, segundo o auctor dos *Vestigios da Lingua arabica*, significa *impeto, acommettimento.*

No sitio em que esteve a antiga povoação *(vicus)* a Herdade da Toura, voz hebraica, que significa os cinco livros de Moysés, o Pentateuco, é que deveria ter estado a destruida povoação.

Dividida em 208 courelas, de um hectare de terra cada uma, teem os foreiros procedido á limpeza da terra, e no ponto mais elevado da Herdade encontrado vestigios palpaveis de casas e outras cousas.

Com muitas moedas de cobre, a maior parte frustas, do Imperador Probo (276 a 282 de Christo), de Valentiniano (364 a 375), Theodosio (379 a 395), e de Honorio (395 a 423) tem apparecido mais de uma campanha de gado *(pecus)* o chocalho actual *(tintinabulum)* e muitos pesos de terra cocta (*pondus*) que damos nas gravuras 1, 2, 3 e 6.

São estes tintinabulos raros de encontrar hoje, sendo estes os primeiros que vimos, perfeitamente romanos, não differindo muito dos usados ainda.

Os pesos são vulgares e acham-se muito no Alemtejo, 6.

Rarissimo é o bracelete prehistorico *(armilla)*: o que representa a estampa 4 foi achado em sepultura, junto á villa do Cano, n'esta Provincia.

Dos objectos que mostramos aos leitores, o mais curioso é, sem duvida, o amuleto prehistorico, celtico talvez, de ardosia, 5, encontrado partido pelo meio no fundo de uma sepultura, proximo da aldeia e freguezia de S. Manços, no concelho de Evora. Os dois orificios lateraes claro mostram que, pendente do pescoço por tira de couro ou de outra materia textil, que não conhecemos hoje, andaria pendente sobre o peito, talvez na região subclavicular.

Com tal forma, outro amuleto de ardosia nunca viramos!

Evora. A. F. Barata.

O escravo e o leão

Pela calçada ia trepando com difficuldade uma carroça. A carga era muito grande e a mula, velha e magra, a custo arrastava o enorme peso. Já por duas vezes tinha cahido sobre as pedras, rasgando em uma d'ellas o joelho direito, d'onde escorria um ligeiro fio de sangue, que se empastava no pêlo. Apezar de tudo, a mula não parava de puxar, a carroça ia subindo sempre, empuxada pelo carroceiro e por outro homem.

Mas a calçada tinha agora maior inclinação e as pedras escorregavam mais. O pobre animal não poude ir para diante.

Desesperado, praguejando, o carroceiro apertou o travão, poz uma pedra a calçar a roda mais proxima, e, de chicote bem apertado na mão, foi-se á mula e bateu-lhe desalmadamente, bateu-lhe até se cançar.

Se até se foi juntando gente!...

Na primeira linha estavam parados dois pequenitos, que vinham do collegio, com os livros e a pedra amarrados com uma correia, e que tinham dado n'aquelle dia muito bem as suas lições, tanto de leitura como de escripta e de contas.

Mas esqueciam-se tanto do que muitas vezes lhes ensinava o professor, que, vendo a maldade que estava a fazer o carroceiro, não sentiam pena da mula, e riam a bandeiras despregadas com as pragas que soltava o brutamontes.

Afinal appareceu um policia e prendeu-o, o que fez espanto a ambos os pequenitos, deslembrados de que fazer mal aos animaes é indicio de mau caracter e merece castigo, e de que elles mesmos tambem incorriam em censura por estarem presenciando com gosto uma tal selvajaria.

Podemos aprender a gratidão pelos serviços que os animaes nos prestam, nos frequentes exemplos que elles nos dão pagando com amizade extremosa o bem que o homem lhes faz.

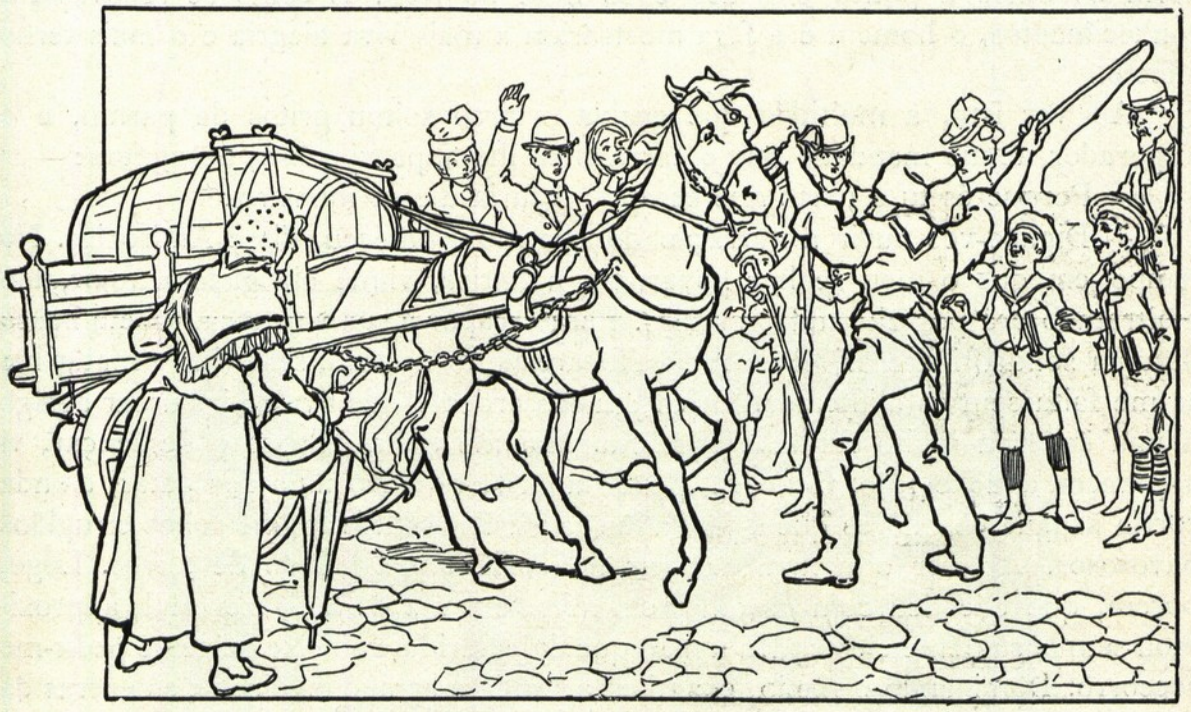
Deixem-me contar-lhes uma historia verdadeira, em que se mostra que até as feras sabem ser gratas.

Na Roma antiga havia o costume de fazer luctar, para divertir o publico, os homens com os leões, os tigres, os ursos e outros animaes ferozes. Os homens escolhidos para isto eram escravos, de quem os seus senhores dispunham como de coisa sem valor, e assim os mandavam para uma morte quasi certa.

Ainda hoje se faz coisa semelhante nas praças de touros, em que se consente que homens arrisquem a vida e martyrisem pobres animaes, que tão uteis nos são.

Quando vires um touro escorrendo sangue, lembra-te da utilidade que tiramos dos animaes d'aquella especie. São elles que puxam as charruas e as carroças, fazem mover as noras e desempenham mil outros trabalhos para nosso bem.

Em Hespanha ainda a crueldade é maior, não só com o touro, que depois de martyrisado é sempre morto, mas tambem com os cavallos. Este animal, tão



FOI-SE Á MULA E BATEU-LHE DESALMADAMENTE

bom e prestadio, vemol-o n'um dos taes divertimentos ser levado para junto do touro, que d'ali a pouco lhe enterra as pontas nas ilhargas, dando-lhe morte afflictiva. Ha touradas em que são mortos vinte e cinco e trinta cavallos!

Pois no tempo em que havia nos circos romanos combates de homens com feras, aconteceu um caso, que nos ensina, como já se disse, que os proprios animaes ferozes são reconhecidos ao bem que o homem lhes fizer, assemelhando-se portanto aos animaes domesticos, que tamanha amizade nos tomam ás vezes. Pois não tem havido cães e gatos que morrem de pena com a morte do dono?

É contado o tal caso por um notavel escriptor latino, chamado Appiano, que foi d'elle testemunha presencial.

A arena cobriu-se de uma multidão de animaes de tamanho e ferocidade terrivel. Entre elles, chamou todas as attenções um enorme leão, que saltava a grande altura, sacudindo a juba e dando rugidos medonhos.

Os proprios espectadores estavam cheios de susto, apezar de ser alto o muro que rodeava a arena.

No meio dos infelizes que iam disputar a vida contra aquelles animaes esfaimados, appareceu um homem chamado Androcles, antigo escravo de um proconsul. Este nome dava-se ás auctoridades que governavam as terras por onde se estendia o dominio do povo romano. Portugal foi um d'estes paizes, assim como a Inglaterra, a França e a Hespanha.

Apenas o leão viu o escravo, parou de repente, cheio de espanto. Depois avançou para elle com mansidão, como se o tivesse reconhecido. Abanou a cauda, imitante um cão a fazer festas, vem roçar-se pelo corpo de Androcles, meio morto de medo, e acabou por lhe lamber as mãos.

As caricias do medonho animal chamaram á vida o desgraçado, que abriu os olhos a pouco e pouco e os fitou no leão. E como se renovassem conhecimentos, o homem e a fera mostraram a mais viva alegria e o mais terno affecto.

Ao ver isto, a multidão que enchia o circo soltou gritos de pasmo, e o imperador, tendo mandado que o escravo se lhe approximasse, perguntou:

— Porque és tu o unico que escapou á furia d'esse monstro?

— Dignae-vos ouvir a narração do que me aconteceu, disse Androcles. No tempo em que o meu senhor governava a Africa, vi-me obrigado a fugir, tão maltratado era por elle todos os dias. Para escapar á sua vingança, fui em busca de uma solidão inaccessivel no meio das areias do deserto, resolvido a matar-me se me faltassem os alimentos. O sol era tão ardente que tive de ir buscar abrigo n'uma caverna muito funda e sombria. Mal me tinha deitado a descançar, vi apparecer aquelle leão. Coxeava, pondo a custo no chão uma das patas, d'onde corria sangue. As dôres que a ferida lhe causava arrancavam-lhe gritos e rugidos pavorosos. Ao ver o monstro entrar no covil, fiquei gelado de terror. Logo, porém, que elle deu com os olhos em mim, em vez de me fazer mal, approximou-se mansamente e estendeu a mão que tinha ferida, como se quizesse pedir-me soccorro. Dominando o medo, examinei a ferida e arranquei d'entre as garras da fera um grande espinho, que lá estava cravado. Atrevi-me até a espremer a ferida, fazendo sahir toda a materia e sangue corrupto, e depois enxuguei-a. O animal, já alliviado das dôres insupportaveis, deitou-se ao pé de mim e adormeceu. Desde aquelle dia vivemos juntos na caverna, pelo espaço de tres annos. O leão encarregou-se de alimentar-me e trazia-me a melhor parte das presas, que fazia. Como não tinha lume, assava-as ao calor ardente do sol. Farto da companhia, e de viver d'aquelle modo, fugi da caverna uma manhã em que o leão tinha ido para a caça, mas fui tão infeliz que no dia seguinte cahi em poder dos soldados romanos. Da Africa trouxeram-me para Roma e apresentaram-me ao meu senhor, que logo me condemnou a ser devorado pelas feras, no circo. É o que me aconteceria, se o acaso não me fizesse encontrar o leão que soccorri, e que de certo foi apanhado pelos caçadores que andam por Africa em busca de feras para o coliseu de Roma.

O imperador, apenas ouviu estas palavras, que Appiano diz terem sido proferidas por Androcles, mandou-as escrever e communicar ao povo.

Os espectadores pediram em altos gritos que fosse perdoada a vida ao escravo e que se lhe desse o leão.

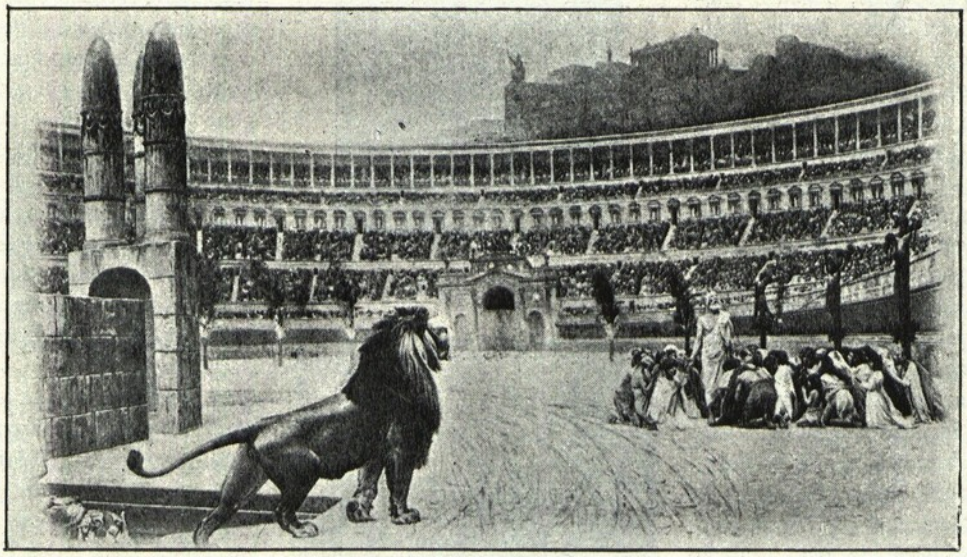
Assim se fez.

E d'ahi por diante, viu-se pelas ruas de Roma Androcles levando ao lado o seu libertador, seguro unicamente por uma simples correia.

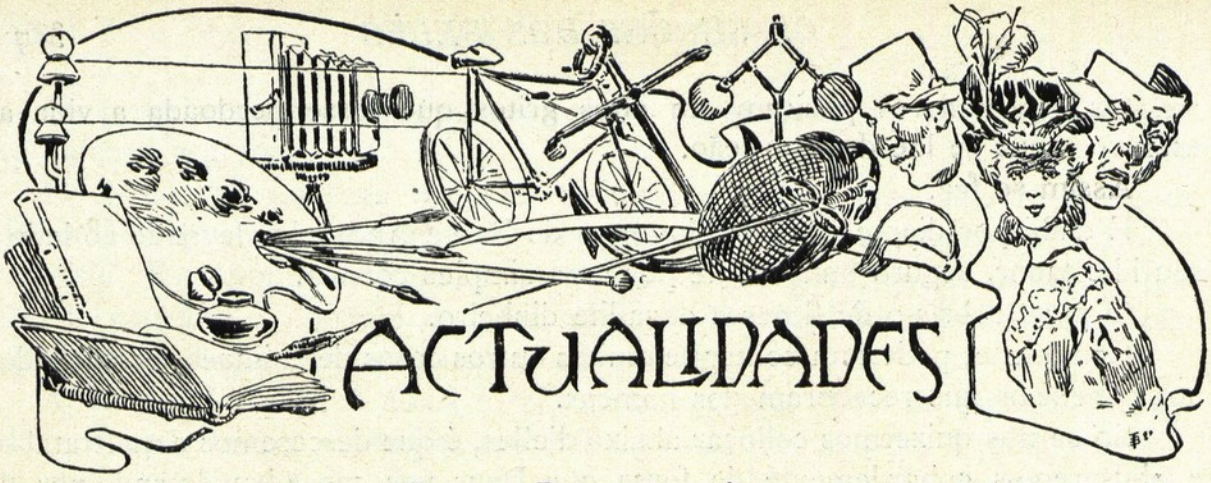
O povo cobria-o de flores e dava-lhe dinheiro.

Como este, poderiam contar-se muitos outros casos de animaes reconhecidos aos beneficios que receberam dos homens.

Só se nos quizermos collocar abaixo d'elles, é que desceremos a maltratal-os e abusaremos cobardemente da força que Deus nos cencedeu dotando-nos de intelligencia.



APENAS O LEÃO VIU O ESCRAVO, PAROU DE REPENTE



Grandes topicos

O novo Papa negro

De 1 a 8 de setembro esteve reunido em Roma o conclave dos 78 provinciaes da Companhia de Jesus, para proceder á eleição do sucessor do padre Martin, o Geral ha pouco fallecido

Contra toda a expectativa, foi eleito, por 42 votos, o padre allemão Francisco Xavier Wernz. E dizemos contra toda a expectativa, porque quem parecia reunir maior numero de sufragios era o padre Freddi, indicado pelo falecido Geral para seu sucessor — e segundo a praxe estabelecida e seguida até agora, os conclaves obedeciam sempre a essa indicação suprema.

A escolha de Wernz foi, segundo se afirma, por um lado, o resultado dos esforços n'esse sentido feitos por Guilherme II, que pretende conquistar as boas graças da Companhia de Jesus, a fim de se assegurar o apoio incondicional do Centro Catholico, e, por outro, uma homenagem prestada pelo proprio conclave ao kaiser, que ha tempos fez abrogar a lei que interdizia aos jesuitas a sua permanencia na Allemanha.

O padre Wernz é um dos mais considerados membros da Companhia de Jesus. Nascido em Rothwein (Wurtenberg), em 1842, entrou para a Ordem em 1881, tornando-se a breve trecho notado pelas manifestações do seu grande talento. Indo para Roma em 1884, era pouco depois nomeado professor de direito canonico da Universidade Gregoriana, cargo que exerceu até agora. Escreveu um Manual de direito canonico que os entendidos consideram uma obra prima.

PADRE WERNZ

Novo geral dos Jesuitas

AO SAHIR DE FRANÇA

«Soceguem, meus filhos; ainda que esta porta (França) fique fechada, tenho uma chave para abrir a do visinho (Allemanha).»

Do «*Nebelspalrte*»

A Egreja e a França

A encyclica *Gravissimo*, em que o papa aconselhou os catholicos da França á resistencia á lei de separação, começa a surtir os seus effeitos. Esperava-se, a principio, que os bispos francezes, conhecendo perfeitamente a situação e estando portanto em condições de avaliarem melhor do que o pontifice as consequencias d'essa politica, o levassem a transigir um pouco — o *quantum satis* para se conseguir uma *entente* entre os dois poderes em conflicto. Em vez d'isso, os prelados, que alias se vangloriavam de ser «primeiro francezes e depois romanos», publicaram collectivamente uma carta aos fieis, recommendando-lhes o mais absoluto desprezo pela lei.

O resultado d'esta attitude não se fez esperar: declarou-se logo um schisma no catholicismo francez. Numerosos catholicos de representação, tendo á frente o conhecido jornalista Henry des Houx, dirigiram uma proclamação «aos catholicos praticantes de toda a França», incitando-os a unirem-se n'uma liga destinada a constituir as associações cultuaes creadas pela lei de separação. E a este apello responderam immediatamente milhares de pessoas.

Eis a situação, tal como se apresenta á hora a que escrevemos. Como ella se resolverá não é facil prever, mas quasi póde afirmar-se que não será por forma a deixar mais fortalecida a Egreja romana. Antes pelo contrario!

Na Russia

DECIDIDAMENTE os dirigentes russos perderam a cabeça — e isso é o peor que póde succeder a quem se propõe dirigir povos. Com effeito, só assim se explica a sua systematica teimosia em pretenderem abafar com actos da mais feroz violencia, não já os protestos mas os queixumes do escravisado povo russo. Fazendo successivas promessas de, alias estreitissimas concessões, successivamente tem o governo faltado a ellas, e á mais pequena manifestação de desagrado da opinião publica, manda que o povo seja, indistinctamente, castigado, a golpes de sabre ou a tiros de carabina, quer pelos cossacos, quer pela tropa, quer ainda pelos membros d'essas verdadeiras associações de malfeitores que se constituiram com o pretexto de defender a intangibilidade do poder autocratico.

Ultimamente, por exemplo, queixando-se a municipalidade de Odessa, ao general Kaulbars, governador da cidade, das extraordinarias violencias commettidas pelos membros d'uma d'essas associações — a União do povo russo — o general respondeu que o governo considerava esses elementos como utilissimos ao paiz. E como os pobres edis lhe observassem timidamente, que as victimas d'essas violencias eram quasi sempre creaturas inoffensivas, o governador retorquiu: «Lamento muito isso, mas devo dizer que, n'esse caso, a população é justamente punida por tolerar no seu seio os revolucionarios, em vez de os entregar ás auctoridades. Suponho que não haverá mais conflictos, mas se qualquer dos membros da União apparecer assassinado, Odessa será immediatamente afogada em sangue»!

Lê-se isto e não se acredita que semelhentes palavras possam ser pronunciadas por um representante do governo, por um fiscal da lei, por quem tem por missão manter a ordem! E não só o foram, como traduzem fielmente o espirito que anima o governo, explicando ao mesmo tempo os actos que diariamente são praticados na Russia por sua ordem. Assim, não admira que, por seu turno, os revolucionarios se desforrem, dando cada vez mais incremento á campanha de extreminio em que andam empenhados. A ella succumbiu ha pouco o general Trepoff, um dos maiores responsaveis da actual situação da Russia, e a ella decerto succumbirão todos aquelles que procurem impedir por semelhantes processos a libertação do imperio moscovita.

OBSERVA, REFLECTE... E TEM PRUDENCIA!

Da «*Campana de Grazia*»

GENERAL TREPOFF

SACRIFICIO VÃO!

Emquanto o demonio da desordem paira sobre a Russia, as autoridades ainda são cumplices no morticinio dos judeus. Um judeu prophetisa ao Czar que o sacrificio da sua raça não satisfará o monstro.

Do «*Melbourne Punch*»

A constituição persa

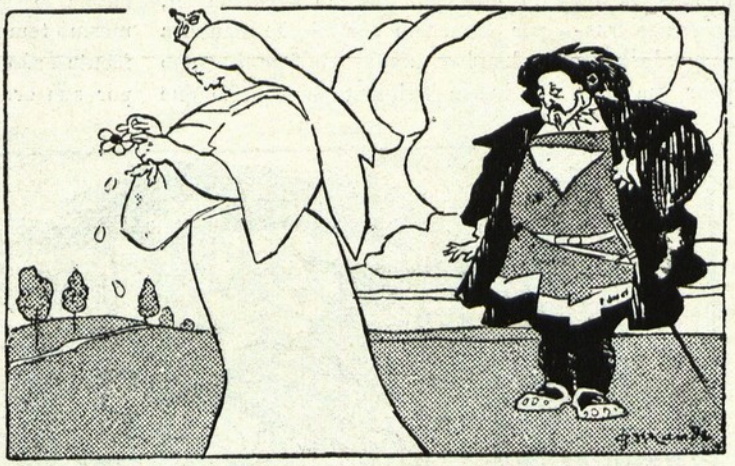
HA um mez que a Persia é um paiz constitucional. Mouzaffer-ed-Dine, o soberano asiatico que mais conhece a Europa, resolveu-se finalmente a dar uma constituição ao seu imperio, cedendo, por um lado, ao desenvolvimento das ideias modernas que n'elle tem sido espalhadas pelo elemento joven, educado á europêa e ás reclamações populares, por vezes violentas, resultantes das exacções de todo o genero commettidas pelo gran vizir Amel-Daoulé, e, por outro lado, reconhecendo talvez que o regimen constitucional, applicado de uma certa maneira... não faz perigar os thronos.

Assim, a Constituição persa é uma constituição... oriental. Outhorgando-a, o *schah* não se despoja da sua soberania, para se converter em mandatario da vontade do povo: resolve-se a convocar uma assembleia nacional, mas prescindindo o mais possivel do elemento popular. Essa assembleia que reunirá «quando as circumstancias o exijam» e contra cujas decisões poderão oppôr o seu *veto* o *schah* e o gran-vizir, comprehenderá: um grupo de principes; a delegação dos *hadjars* (membros da tribu d'onde provém a dynastia

imperial); a delegação dos *mollahs* (sacerdotes); negociantes, membros de diversas corporações e proprietarios.

A assembleia é eleita por todo o cidadão que saiba ler e escrever, tenha mais de 30 e menos de 70 annos e possa apresentar folha corrida. Para o effeito eleitoral, a Persia é dividida em 13 circumscripções, cada uma das quaes elegerá de 6 a 19 representantes, excepto a que é constituida pela capital que elegerá 60. Os deputados em numero total de 156, serão eleitos por 2 annos e inviolaveis.

As eleições serão para dois graus na provincia e directas na capital.



FAUSTO (O REI EDUARDO VII)
MARGARIDA (ALLEMANHA) — *Mal me quer, bem me quer, muito...*

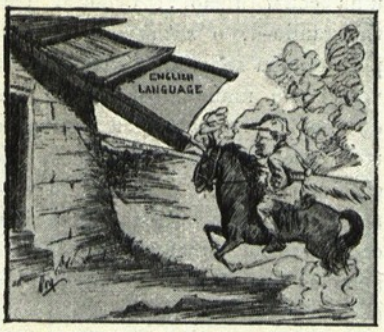
Em Cuba

CONTA-SE que, ao assumir a presidencia da Republica cubana, o velho patriota Estrada Palma, conhecendo bem a indole dos seus concidadãos, dissera tristemente: «Vou ocupar um cargo que ninguem mais, depois de mim, ocupará.» Diz o adagio que ninguem é propheta na sua terra, mas o facto é que essa estranha prophecia está tendo, á hora a que escrevemos, um começo de realisação.

Em fins de agosto o telegrapho annunciava-nos que em Cuba rebentara uma insurreição. A principio ninguem ligou grande importancia a esse facto, muito vulgar nas republicas americanas de origem hespanhola; mas a breve trecho começou a notar-se que o governo cubano era impotente para suffocar a revolta que, de dia para dia, tomava maior incremento, ameaçando alastrar-se para toda a ilha. E, convergidas então as attenções mundiaes para a Perola das Antilhas, averiguou-se que o movimento revolucionario havia sido fomentado, entre os liberaes, por meia duzia de aventureiros despeitados que, tendo tomado parte, mais ou menos importante, na campanha da emancipação de Cuba, se supunham, por isso, com direito a um futuro cheio de benesses e honrarias, com o que o governo constituido não esteve d'accordo.

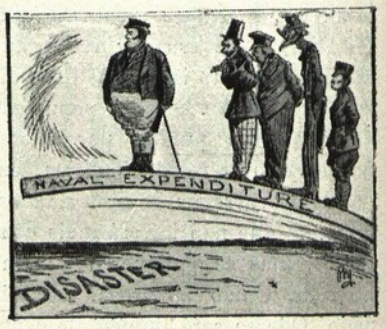
Adquirindo, finalmente, a certeza de que o governo não lhe satisfaria as ambições, os despeitados pegaram em armas, e para melhor acentuarem que não era uma questão de justiça ou de patriotismo o que os movia, não se limitaram a atacar as tropas fieis: começaram fazendo verdadeiras razzias nas propriedades americanas, causando prejuizos avaliados em alguns milhões de dollars.

O QUE APOQUENTA A COREA
JAPÃO — *Maltrapilho ingrato, vê de que eu te livrei!*
COREA — *Sim, e agora quem me livrará de ti?*
Do «*Minneapolis Journal*»

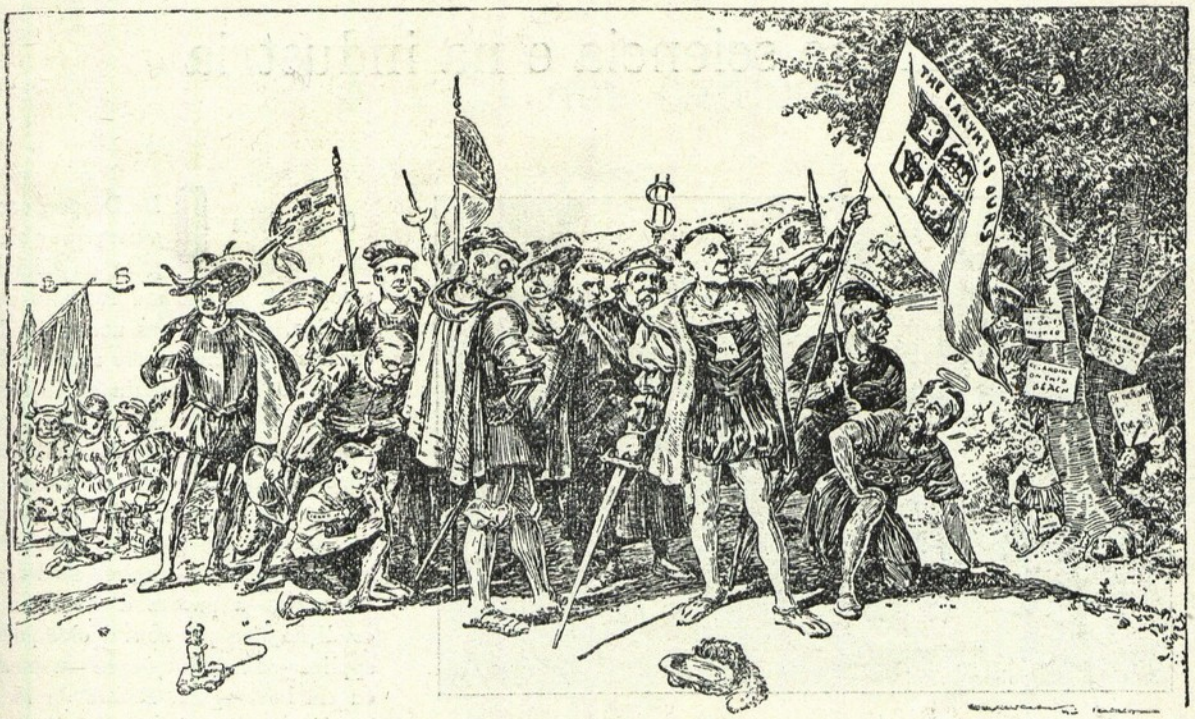


D. QUIXOTE E O MOINHO DE VENTO
Terrivel ataque do Presidente Rosevelt contra a lingua ingleza.
Do «*Manchester Evening Chronicle*»

CASTELLOS DE AREIA DE BÜLOW
Aguentar-se-ha a Triplice Alliança quando a maré subir e lhe baterem as ondas bravas e insaciaveis?
Do «*Ulk*»



PELA PRANCHA FORA
A prancha (Despezas navaes) está a vergar. Paramos ou vamos ao mar (Desastre)?
Do «*Manchester Evening Chronicle*»



DESCOBERTA

Caricatura do quadro "Desembarque de Colombo,, de Vanderlyn. Allusão ás reivindicações dos americanos No estandarte está inscripta a phrase. "A terra é nossa,,

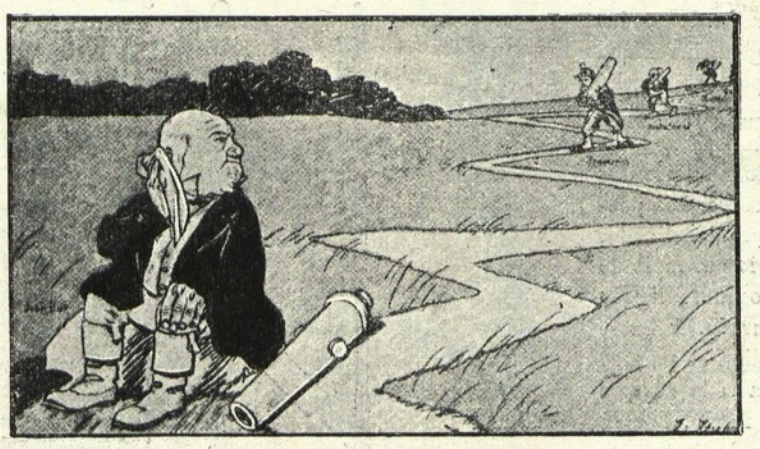
Do "*Life*,,

Deu-se o que era de prever: a intervenção dos Estados Unidos, garantida a este paiz no artigo 3.º do tratado concluido com a Republica cubana, pelo qual a independencia d'ella foi proclamada. Intervindo, porém, os Estados Unidos assumiram apenas, a principio, o papel de mediadores, e isso mesmo com manifesta repugnancia. N'uma carta enviada ao ministro cubano em Washington, com o caracter de mensagem ao povo cubano, o presidente Roosevelt escrevia:

«Conjuro todos os patriotas a unirem-se, a esquecerem questões pessoaes e a lembrarem-se de que o unico meio de ser conservada a independencia da sua republica é evitarem a necessidade de uma intervenção estrangeira para a arrancar á anarchia e á guerra civil.»

Os revolucionarios não fizeram caso d'estas nobres palavras e, aggravando-se cada vez mais a situação, o presidente Estrada Palma pediu a sua demissão ao Congresso, que lh'a aceitou. N'esse mesmo dia, 29 de setembro, o sr. Taft, ministro da guerra dos Estados Unidos, proclamou-se governador de Cuba e fez desembarcar na ilha tropas americanas.

Eis, pois, novamente, os Estados Unidos na posse de Cuba. Em que qualidade? Evidentemente na de simples protectores. O exemplo das Filippinas tirou á grande nação americana a vontade de se metter n'outra aventura do mesmo genero. E esse protectorado, razoavelmente imposto á pequena republica antilhana, terminará decerto quando ella se mostrar digna da sua independencia. Em todo o caso, a acção dos Estados Unidos é encarada suspeitosamente por muitas potencias, que attribuem propositos de imperialismo, onde porventura apenas existem interesses commerciaes.

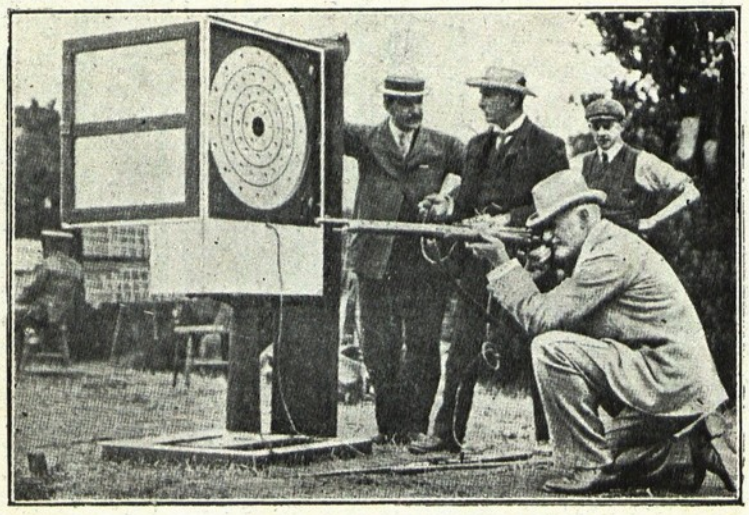


A CARGA DOS ARMAMENTOS

John Bull acha a corrida tão fatigante que precisa descançar. O que é perigoso é que elle caia a dormir e que os outros lhe passem adeante

Do "*Kladderadatsch*"

Vida na sciencia e na industria



ALVO REGISTRADOR

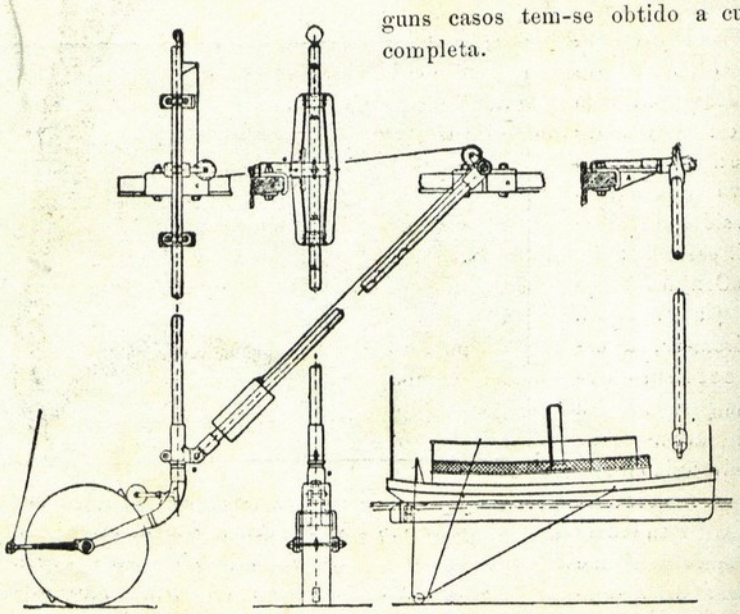
Alvo registrador É esta uma engenhosa invenção que favorece os atiradores com uma consideravel economia de tempo. O alvo a que se atira está em communicação electrica com um disco mais pequeno collocado no local d'onde partem os tiros, como se vê na figura que reproduzimos. Os tiros que acertam no alvo são automaticamente marcados n'esse disco.

Novo apparelho de sondagem A roda de sondagem, inventada pelo sr. Earle, de Washington, permitte conhecer não só o relevo do fundo, mas tambem obter um traçado graphico dos levantamentos effectuados. Compõe-se de uma haste comprida inclinada, ligada á prôa do navio por meio de uma especie de mosquete ligado exteriormente á amurada. A haste penetra na agua, inclina-se para ré e está ligada a uma roda sempre em contacto com o fundo. D'essa roda parte uma segunda haste, que termina n'um carril situado á popa, depois de passar por um guiador fixado ao navio. Esta ultima haste é graduada, permittindo ler em qualquer occasião a altura da agua. Ha uma campainha automatica actuada por dois dentes praticados na roda e que fazem mover um braço junto da campainha, a qual accusa assim o contacto constante entre a roda e o fundo. Finalmente, um systema de registro automatico inscreve as sinuosidades n'uma tira de papel enrolada n'um tambor.

Affigura-se-nos este um elemento importantissimo para os estudos oceanographicos.

Cura da lepra O Dr. Desprez considera que o oleo puro de Chaulmoogra é, se não um remedio especifico, pelo menos um meio de curar a lepra em grande numero de casos. O Dr. Vauthain applica de 100 a 150 gotas de oleo depois das refeições, e tem notado melhoras depois de tres mezes de tratamento. Outros clinicos cita o Dr. Desprez, assim como um grande numero de casos de cura pela applicação d'este oleo. Mas a pureza d'elle é uma condição *sine qua non*. O oleo pode applicar-se em injecções subcutaneas ou em beberagem. Dentro de 15 a 20 dias pronunciam-se melhoras. Os doentes recobram o appetite e a sensibilidade, começam a fortalecer-se, e digerem melhor os alimentos. Passado um anno ou dois é completa a cura.

Tratamento do cancro Um novo e simples agente therapeutico foi descoberto nas folhas da violeta. Parece que, comquanto não esteja plenamente reconhecido o seu effeito curativo sobre o cancro, é indubitavel a sua acção lenitiva. Em alguns casos tem-se obtido a cura completa.



APPARELHO DE SONDAGEM EARLE

A vida nos campos

OUTUBRO

No campo

Depois da colheita das uvas, ou vindima, segue o lavrador com a colheita da azeitona e começo dos trabalhos do fabrico do azeite.

Não só entre nós, como tambem n'alguns paizes estrangeiros, e onde os processos culturaes se acham mais bem estudados, se emprega a vara na apanha da azeitona. Fazemos esta observação para nossa desculpa. O varejamento da oliveira é operação tão condemnavel, que expõe quem a pratica ou consente a juizos bem pouco lisonjeiros. Embora haja opiniões que procurem a approvação do processo, basta examinar-se minuciosamente uma oliveira, utilissima arvore merecedora de todo o carinho, depois de mandada açoitar barbaramente pelo dono, para que *largue alli* todo o seu rendimento!

Uma desolação! Comprehende-se logo a razão da *contra-safra*, ou falta de rendimento de um olival alternado com a *safra*, ou rendimento normal; os germens da fructificação alli ficam completamente destruidos pelo cacete ou vara! Emfim, contentemo-nos com o facto de se ver apparecer aqui e alli, a pouco e pouco, quem vá pondo a rotina de parte e lançando mão dos processos racionaes.

Colhida a azeitona á mão ou á vara, é apanhada do chão por mulheres, que aos ranchos acompanham a sua lida com as caracteristicas cantigas da região, ora lisonjeiras, ora deprimentes, para amigos ou inimigos que, não ficando atraz, alimentam com interessantes replicas a animação da scena. Não quer isto dizer que o trabalho da *apanha* sempre assim corra animado, pois que isso depende da jovialidade do pessoal, que nem sempre é o mesmo.

A azeitona é levada para o lagar, onde toma logar nas tulhas ou caixas de madeira ou alvenaria, enfileiradas junto á parede.

Crêem quasi todos os lagareiros que quanto mais tempo a azeitona ahi se demorar mais azeite produz. É mais um preconceito merecedor de uma lucta insistente.

Se a azeitona demorada nas tulhas apresenta maior facilidade em ser esmagada no moinho, é porque começou a sua decomposição, e esse estado é o primeiro passo para a fermentação e acidez do azeite, que hoje não é admissivel senão até um grau muito inferior.

Se a azeitona pudesse ser trabalhada, como as uvas, á medida que vão sendo colhidas, o producto seria invariavelmente tão perfeito quanto o permittisse a qualidade d'ellas.

Como para isso é necessario uma importante transformação do lagar, que não póde ser rapida, tem de se fazer esperar o fructo amarzenado.

Para isso é necessario estendel-o em camadas de menos de palmo de altura, em sitio arejado. O mais commodo é estabelecer estrados sobrepostos, n'um pavimento por cima do lagar, para onde seja facil fazer cahir a azeitona dentro da tremonha do moinho. O arejamento mais perfeito é uma corrente de ar graduavel segundo as necessidades, e obtida por meio de janellas oppostas.

Colhida e armazenada a azeitona, segue o trabalho da extracção do seu oleo, de que nos occuparemos no mez seguinte.

Na vinha

Na vinha trata n'este mez o viticultor de fazer as primeiras cavas preparatorias para o inverno, enterrando as parras que ficaram soltas depois da vindima.

É, no emtanto, na adega que se concentra mais a sua attenção, por estar a acabar a fermentação dos mostos, e com isso o completo desdobramento do assucar e sua transformação em alcool. Esta evolução, chamada fermentação lenta, dá-se em geral nas vazilhas, onde o vinho se vae aclarando ou limpando pelo assentamento das borras.

Os cuidados que o vinho necessita, a attenção que se torna necessaria para acompanhar todo o processo da sua formação, constitue difficuldades que nem todos vencem, mas que dão origem a uma predi-

lecção tão profunda por este ramo de industria agricola, que só com isso se pode explicar o assustador alargamento dos vinhedos no nosso paiz.

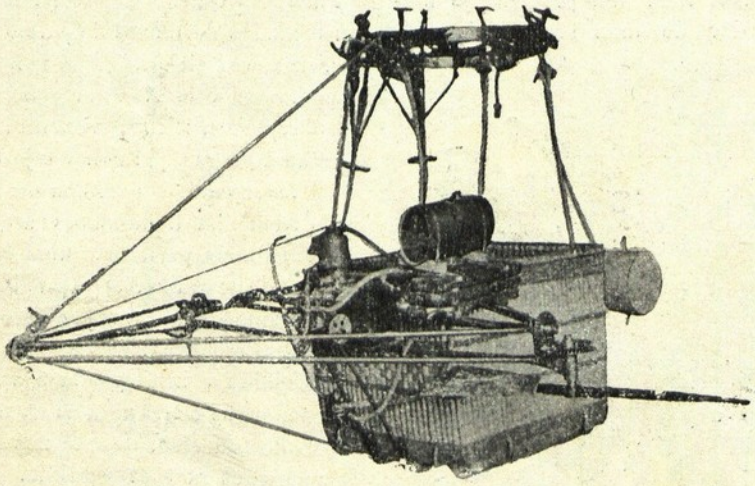
No jardim PLANTA-SE n'este mez toda a especie de plantas bolbiferas, taes como iris, jacinthos, auriculos, junquilhos, etc.; e recolhe-se das geadas no inverno aquellas que teem de ser mettidas na terra mais tarde, como dahlias, boas noites, caladios, etc.

Tambem n'este mez se muda para vasos as estacas das flôres que, retiradas para sitio abrigado, podem alegrar-nos os tristes dias do inverno com as suas flôres mais ou menos vistosas e de variegadas côres e com os seus deliciosos aromas.

No numero d'estas conta-se as cinerarias, asteres que a nossa gravura representa, e que de uma variedade de côres nas suas petalas, circumdando o botão central amarello, produzem um aspecto alegre em qualquer salão.

Tambem começa n'este mez a apparecer o crysanthemo ou despedidas de verão, uma das flores que mais trabalho dá.

Vida no sport

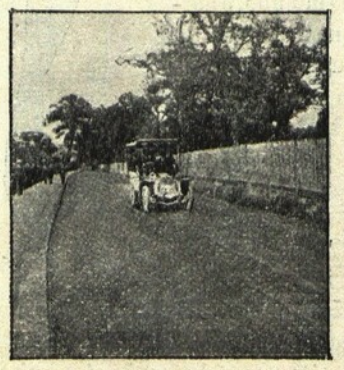


A BARQUINHA DE SANTOS DUMONT NO CONCURSO DA TAÇA GORDON-BENNETT

A taça aeronautica Gordon-Bennett REALISOU-SE no dia 30 de setembro em Paris o grande concurso aeronautico para disputar a taça Gordon-Bennett. Sete nações se fizeram representar: Inglaterra, Hespanha, Italia, America, Belgica, Allemanha e França. O premio pertencia á maior distancia percorrida. Foram dezeseis os balões que se elevaram do jardim das Tulherias. O vencedor foi o sr. Frank Lahm, campeão da America, o qual desceu 15 milhas ao norte de Scarborough (Inglaterra). O segundo foi o sr. Vonwiller, n'um balão italiano, e o terceiro o conde de La Vaux (francez).

O illustre aeronauta Santos Dumont foi victima de um ligeiro desastre, tendo que desistir da corrida. O seu aerostato tinha uma construcção especial. Era o unico que possuia um appendice automatico. Alem d'isso, a barquinha era munida de dois helices ascensionaes para evitar a demasiada despeza de areia, d'onde resultou fazer a elevação com muito maior facilidade que os outros concorrentes.

Contra a poeira da estrada ESTÁ-SE experimentando em Inglaterra um preparado, chamado *Hahnite*, para evitar a poeirada nas estradas, que, sobretudo com a crescente circulação dos automoveis, se vae tornando um terrivel flagello. É uma emulsão de natureza oleaginosa, e pode misturar-se com agua. Os fabricantes allegam em seu favor a efficacia em apagar o pó, a duração, a relativa barateza, o não se estragar com a chuva e evitar a lama, a preservação que dá ás estradas, e o ser um desinfectante efficaz. O custo da primeira rega, para cerca de seis semanas, anda pelo mesmo que com agua não diluida, mas depois não passa muito de metade. As nossas illustrações mostram como se emprega a solução por meio de um carro de regas vulgar e um automovel passando sobre a estrada já preparada.



CONTRA A POEIRA DA ESTRADA

Estrada preparada — *Como se faz a rega*